

Universidade Federal de Pernambuco

Centro Acadêmico do Agreste

Núcleo de Formação Docente

Curso de Licenciatura em Pedagogia

Jéssica Silvania Sobral da Silva

“A nossa luta é todo dia! Somos mulheres e não mercadorias”

As ações educativas do MST em torno das questões de gênero

Caruaru

2015

Universidade Federal De Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Núcleo de Formação Docente
Curso de Licenciatura em Pedagogia

Jéssica Silvania Sobral da Silva

“A nossa luta é todo dia! Somos mulheres e não mercadorias”

As ações educativas do MST em torno das questões de gênero

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (caa), para obtenção do título de licenciando em Pedagogia

Orientador (a): Prof.^a Dr^a Katharine Nínive Pinto Silva

Caruaru

2015

Catálogo na fonte:
Bibliotecária - Simone Xavier CRB/4-1242

S586n Silva, Jéssica Silvana Sobral da.
A nossa luta é todo dia! Somos mulheres e não mercadorias – As ações educativas do MST em torno das questões de gênero. / Jéssica Silvana Sobral da Silva. - 2015.
139f. il. ; 30 cm.

Orientadora: Katharine Nínive da Silva
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Pedagogia, 2015.
Inclui referências bibliográficas

1. Gênero. 2. Trabalho. 3. Educação. 4. Emancipação. 5. Formação política. Silva, Katharine Nínive da (Orientadora). II. Título.

370 CDD (23. ed.) UFPE (CAA 2015-304)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Centro Acadêmico do Agreste

Núcleo de Formação Docente

Curso De Pedagogia – Licenciatura

**A NOSSA LUTA É TODO DIA! SOMOS MULHERES E NÃO MERCADORIAS
AS AÇÕES EDUCATIVAS DO MST EM TORNO DAS QUESTÕES DE
GÊNERO**

JÉSSICA SILVANIA SOBRAL DA SILVA

Monografia submetida ao corpo docente do curso de Pedagogia – Licenciatura do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco _____ em 16 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr^a Katharine Ninive Pinto Silva (CAA – UFPE)

(Orientador/a)

Prof. Dr^o Jamerson Antonio de Almeida da Silva (CAA- UFPE)

(Examinador Interno)

Prof.^a Maria Fabiana da Silva Costa (CAA – UFPE)

(Examinador Interno)

*“ As três Marias da minha vida e tantas outras Marias
que ousam o sonho e acordam para fazê-lo acontecer”*

Agradecimentos

A formação acadêmica é sem dúvida uma das etapas mais importantes da vida, não só por saber que ao fim teremos uma folha carimbada pela qual julgaremos maior importância à nossa existência, mas, sobretudo pelo percurso, por tudo aquilo que construímos pelo caminho que nos trouxe até aqui, pelo trajeto de oportunidades que nos possibilitou as descobertas, pelo desvelar dos nossos (pre) conceitos e a morte das nossas ignorâncias, pelo exercício constante de encarmos nossa formação enquanto processo de humanização e disciplinarmos o nosso ego para percebermos o quanto somos insignificantes quando não conseguimos direcionar o olhar ao nosso redor. Tive a oportunidade de contar com pessoas incríveis em todo meu percurso e são muitos pelos quais carrego sentimento de gratidão, mas em especial citarei alguns. Primeiramente minha família pela importância e o investimento em minha formação, em especial a minha mãe que incansavelmente em sua simplicidade tem me acompanhado desde o início e posto todas as suas expectativas em mim, aguardando carinhosamente o meu retorno após cada aula, cada congresso estudantil; ao meu avô materno a quem tenho amor, cuidado e gratidão e em especial a alguém que se foi sem despedidas, deixando as dores da ausência física, mas se eternizando em nossos corações; a minha irmã a quem amo, que me abraça em todos os meus projetos, investe nas minhas revoluções e me afaga para fazer sermões, você é parte do sentido da minha existência; aos meus colegas de trabalho que durante estes 7 anos de docência tem colaborado com a construção da minha identidade profissional; aos amigos que neste percurso me fizeram o riso, o choro, as convicções, em especial a Weyde Daiane que será independente dos tempos, espaços, das distâncias a minha grande amiga, companheira para além das pesquisas, dos estágios e todo esse mundo acadêmico; a Douglas por ser sol em dias de chuva e a Tais Milena pela oportunidade de conhecê-la melhor. Que a nossa amizade “cresça pra passarinho”; aos meus professores pela competência profissional com a qual assumiram minha formação e me proporcionaram momentos inesquecíveis de troca e compartilhamento de saberes, em especial a prof.^a Alcione por seu profissionalismo, maturidade e simplicidade, tenho muito carinho e admiração por você. Ao prof. Alexandre por me direcionar como amigo e cuidar do meu percurso acadêmico, ao prof. Jamerson por revolucionar a minha formação, a prof.^a Jaqueline por ser amiga, ser humana, ser um lattes que que não tem medo de amar, acolher, de ser luz, a minha mais recente, porém não menos importante orientadora Katharine Nínive que abraçou comigo este projeto com todos os riscos e

dificuldades, obrigada! Aos meus amigos, companheiros de militância e revolucionários do MEpe em especial a Rafael Araújo por me apresentar ao movimento estudantil de Pedagogia e ser essa ponte a minha formação política. Por fim ao MEpe (Movimento Estudantil de Pedagogia) no CAA em nome de todos os estudantes em especial Mirthis, Adriel, Joais, Layanne, Gil e Marciano que tem abraçado as lutas e revolucionado os espaços de formação na Pedagogia, este é o caminho. “Sem teoria revolucionária, não há práxis revolucionária! ”

Uma razão a mais pra ser anticapitalista

(...)

Se o mundo com seus horários e famílias

e fábricas e latifúndios e missas

e classes sociais, dores e mais-valia

e meninas com hematomas

no lugar de sua alegria

insistir em te deixar triste,

apertando tua alma

com suas garras geladas,

teremos, então, que mudar o mundo.

Nenhum sistema que não é capaz

de abraçar com carinho a mulher que amo

e acolher generosamente minha amada classe

é digno de existir.

Está, então, decidido:

Vamos mudar o mundo,

transformá-lo de pedra em espelho

para que cada um, enfim, se reconheça.

Para que o trabalho não seja um meio de vida

para que a morte não seja o que mais a vida abriga

Para que o amor não seja uma exceção,

façamos agora uma grande e apaixonada revolução.

Mauro Iasi

Resumo

O presente estudo problematiza o processo de emancipação das mulheres, questionando a formação política, a escolarização e o protagonismo destas nas lutas sociais e buscando compreender quais contribuições as práticas de formação desenvolvidas no processo militância fornecem as mulheres que se organizam nestes espaços. Nos apropriamos dos estudos de Saffioti (2013), Priore e Bassanezi (2008) enquanto referências no percurso de estudos sobre a história e a condição humana das mulheres. No que concerne ao debate sobre educação e suas contribuições a emancipação humana destacamos Brandão (2012) e Trilla (2008), adiante relacionamos as contribuições dos movimentos sociais no que concerne a formação política enquanto elemento emancipatório destacando Gohn (1997) e Lage (2013) que apresentam o sentido didático e histórico dessas organizações. Por meio da pesquisa bibliográfica e entrevista semi-estruturada com homens e mulheres que compõem o movimento analisamos o tempo de escolarização, a participação nas atividades políticas do movimento, as concepções sobre as questões de gênero no contexto da divisão sexual do trabalho chegando à conclusão de que a organização dentro de suas limitações de tempo, espaço e até mesmo de recursos tem orientado e permitido que homens e mulheres compreendam a importância do respeito, da solidariedade e do compromisso para com a emancipação da mulher, sujeito que historicamente não tem sido reconhecida enquanto cidadã, excluída dos espaços públicos e por vezes violentada por homens que seguem e são direcionados pela lógica machista, capitalista e patriarcal em que se organiza a sociedade.

Palavras – chave: Gênero. Trabalho. Formação Política. Educação. Emancipação

Abstract

This study discusses the women empowerment process, questioning the political training, education and the role of these social struggles and trying to understand what contributions training practices developed in militancy process provide women who organize these spaces. We appropriate the Saffioti studies (2013) Priore and Bassanezi (2008) as references in the course of studies on the history and the human condition of women. Regarding the debate about education and its contribution to human emancipation highlight Brandão (2012) and Trilla (2008), hereinafter we relate the contributions of social movements concerning political education as an emancipatory element highlighting Gohn (1997) and Lage (2013) presenting the didactic meaning and history of these organizations. Through literature and semi-structured interviews with men and women who make up the movement analyzed the time of enrollment, participation in the movement's political activities, the conceptions of gender issues in the context of the sexual division of labor coming to the conclusion the organization within its limitations of time, space and even resources has guided and allowed men and women to understand the importance of respect, solidarity and commitment to the emancipation of women, subject which historically has not been recognized as citizen, excluded from public spaces and sometimes raped by men who follow and are targeted by sexist logic, capitalist and patriarchal that is organized society.

Key - words: Gender. Job. Political Training. Education. emancipating

Listas de ilustrações

Acesso a Normandia em Caruaru -PE.....	131
Agroindústria do MST em Caruaru-PE.....	132 a 134
Assentamento Normandia em Caruaru-PE.....	134 a 137
Trabalho residencial com produção têxtil em Normandia.....	137
Centro de Formação do MST em Normandia (Caruaru-PE)	138 a 139

Listas de tabelas

1-Depoimentos do setor de gênero sobre o projeto de sociedade que o MST em Caruaru-PE defende.....	44 a 47
2-Depoimentos do setor de gênero sobre o processo de formação política, escolarização, trabalho e demandas ocupacionais da mulher do MST em caruaru-PE.....	48 a 52
3-Depoimentos do setor de gênero sobre as metodologias que o movimento adota em seu processo de formação política.....	54, 55
4-Concepção dos militantes do movimento e colaboradores do nosso estudo sobre trabalho e tarefas ocupacionais.....	56 a 58
5- Concepção dos militantes do movimento e colaboradores do nosso estudo sobre motivação e oportunidades para escolarização.....	59, 60
6- Concepção dos militantes do movimento e colaboradores do nosso estudo sobre a carga horária assumida pelo trabalho e as outras atividades que compõem sua rotina.....	62, 63

Lista de abreviaturas e siglas

MST – Movimento dos trabalhadores Sem-Terra

MEPE – Movimento Estudantil de Pedagogia

Sumário

Introdução

1. Apresentação e justificativa e problema de estudo.....15 a 17
2. Objetivos gerais e específicos.....17
3. Metodologia de pesquisa.....18,19

Marco teórico

Capítulo I: Breves pressupostos que permeiam a condição humana da mulher ao longo dos tempos.....20,21

Capítulo II: Organização, formação política e o poder das massas: As lutas societárias e a ascensão da mulher nos movimentos políticos e sociais.....21 a 27

Capítulo III: Relações sociais e relações de produção: uma análise dialética frente a realidade da mulher no contexto de organização social da família e das sociedades.....27 a 39

Capítulo IV: Educação não-formal e informal nos movimentos sociais: quando a pedagogia perpassa as lutas sociais.....39 a 43

Análise dos Dados

1. Organizando os depoimentos e relacionando-os aos objetivos de pesquisa43 a 64
2. MST e as questões de gênero no processo de formação política e divisão do trabalho.....64 a 66
3. O processo de formação política, escolarização, trabalho e demandas ocupacionais da mulher como fatores diretamente decisivos à sua emancipação.....67 a 71
4. Formação política, através de uma pedagogia que educa os sujeitos para as relações de gênero no campo não-formal e informal da educação.....71 a 75

Considerações Finais.....76 a 77

Referências Bibliográficas.....77 a 79

Apêndices

Planejamentos de entrevista semi-estruturada.....80 a 83

Anexos

Transcrição da entrevista semi-estruturada.....84 a 132

Registro Imagético do campo.....133 a 139

Introdução

Através de vasta literatura, dos estudos e registros que desencadeiam pesquisas e relatos de experiência sobre educação formal, não-formal e informal (Gohn,1997; Trilla, 2008; Lage,2013) reconhecemos as contribuições dos movimentos sociais no processo de formação do sujeito social e desde então não podemos ignorar os avanços obtidos nesses espaços em seus diversos momentos de formação e em sua dinâmica de organização do trabalho pedagógico, sobretudo em análise aos elementos que compõem o projeto político desses espaços, estando atrelados a um projeto societário que visa à garantia dos direitos sociais das classes marginalizadas.

Estudar a educação no contexto das relações informais nos movimentos sociais consiste em atentar para os espaços de formação pensados por essas organizações identificando a existência das relações entre as práticas cotidianas dos sujeitos nos diferentes espaços em que ele está inserido em enquanto sujeito social e a relação destas com aquilo que o movimento compreende ser o papel desse indivíduo na sociedade, ou seja, na materialização dos saberes construídos mediante a militância e a reflexão dos princípios políticos, práticos e ideológicos do movimento.

Assim como nos espaços de educação formal é possível pensar os movimentos sociais enquanto lugar de construção de saberes necessários a indivíduo, bem como considerar que a pedagogia desses espaços também se faz no acúmulo, troca, reflexão e renovação das práticas pedagógicas e dos conhecimentos produzidos pelos sujeitos dessa prática. Para além disto, o reconhecimento da educação produzida nesses espaços é relevante na medida em que rompemos com a concepção de que o conhecimento legítimo é apenas aquele que se enclausura nas quatro paredes dos laboratórios, das universidades, das escolas formais e de tantos outros espaços que se denominam “científico” e por vezes negam a essência do conhecimento popular.

As pedagogias dos movimentos sociais conforme Lage (2013) rompem com essa concepção de epistemologia do conhecimento universal, único e exclusivamente científico e sobre isto menciona a sociologia das ausências que por sua vez aponta a intencionalidade política frente a subalternização das experiências sociais. Portanto, quando os movimentos criam possibilidades de ensinar e aprender novos saberes estas práticas surgem para dizer que é possível outros espaços para se construir o saber, é

possível outras formas de aprender e outras formas de ensinar que podem estar para além da escola formal e da universidade.

Na condição de campo de estudo, observação e reflexão para construção da identidade do profissional pedagogo, a aproximação com os movimentos sociais nos possibilitará compreender a nossa tarefa política e pedagógica nestes espaços, bem como nos fará criar vínculos através dos quais poderemos ou não nos identificarmos com este campo da pedagogia, se pudemos assim optar.

As vivências cotidianas junto ao histórico de mulheres trabalhadoras rurais que fazem parte do meu vínculo familiar e que tiveram o processo de escolarização interrompido por falta de oportunidades, pela proibição condicionada pela família e por consequência de matrimônio, me fez refletir sobre as sequelas deixadas pelas situações econômicas e pelo patriarcado que as submeteu a escolhas não planejadas e a consequentemente vulnerabilidade socioeconômica a que estão submetidas.

Portanto, estudamos o trabalho e a escolarização por considerarmos que estes são fatores importantes para emancipação da mulher e quando analisamos suas atividades ocupacionais, o lugar que estas ocupam no contexto da divisão sexual do trabalho percebemos o quanto a lógica capitalista é desumana e se estende até as relações matrimoniais quando confinada ao lar a mulher dispõe da sua força de trabalho na realização de atividades domésticas para que o homem possa dispor de tempo para cumprir com a carga horária de trabalho assalariado que por sua vez só aumentam os lucros do capital. Dessa forma homens e mulheres trabalham juntos, vendem sua força de trabalho que por sua vez se torna mercadoria (Tomazi, 1993) por um mesmo salário e cada vez mais a mulher é distanciada da obtenção do capital econômico.

Uma das nossas inquietações nos direciona a buscar compreender se os sujeitos que lutam pelo direito a terra são conscientes de toda lógica estruturante das opressões, também compreendem que o patriarcado, o machismo, a violência e as demais opressões conforme Cisne, 2013 e Saffioti, 2013 se fazem presentes no seu dia-a-dia, hierarquizam as relações e lhe negam o direito de viver de forma humanizada e igualitária. Para tanto, buscamos realizar nosso estudo em torno dos espaços de formação sobre as questões de gênero desenvolvidos pelo Movimento dos Sem Terra (MST) visando compreender a colaboração do mesmo para o processo de emancipação da mulher, para o debate e

organização para a luta por mais emancipação, direitos, protagonismo e liberdade de viver suas escolhas.

Para tanto, estabelecemos como nosso problema de pesquisa: As práticas pedagógicas desenvolvidas nos espaços de formação do MST têm orientado homens e mulheres que fazem parte do movimento no que se refere as questões de gênero no contexto da divisão social do trabalho, emancipação, empoderamento e direitos humanos da mulher?

Visando responder a essa problemática, definimos os seguintes objetivos para a pesquisa:

Objetivo geral

Compreender as práticas educativas que se desenvolvem no processo de formação e militância do MST, no que concerne ao processo de emancipação e empoderamento de homens e mulheres sobre as questões de gênero frente à subalternização em que o capitalismo e o patriarcado vem submetendo as mulheres.

Objetivos específicos

Identificar a concepção das lideranças do MST sobre as influências do capitalismo e do patriarcado nas questões de gênero e as consequências dessas problemáticas dentro do Movimento;

Conhecer as atividades desenvolvidas e as concepções teórico-metodológicas que embasam a prática pedagógica do-MST.

Reconhecer se os conhecimentos construídos nos espaços de formação do MST se aplica a outras realidades em que os sujeitos envolvidos no movimento estão inseridos.

Procedimentos metodológicos

Este trabalho tem como procedimento metodológico a investigação empírica, o estudo de campo no qual, de acordo com Gil (2008) “[...] estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes” (p.57). Além disso, como uma pesquisa no campo das Ciências Humanas, desenvolvemos um estudo de natureza exploratória que, de acordo com Severino (2000), tem por finalidade [...] levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (p. 27).

Visando identificar a concepção do MST e das famílias sobre emancipação, empoderamento e patriarcado, fizemos uso de instrumentos característicos da pesquisa do tipo etnográfico que, de acordo com Severino (2000), nos permite “[...] um mergulho no micro social, olhado com uma lente de aumento” (p. 118). Dessa forma, como uma pesquisa realizada como uma abordagem qualitativa do tipo etnográfico, buscamos o diálogo com os sujeitos do campo que, de acordo com Malinowski (1986), tem o objetivo de “[...] apresentar um esquema nítido e claro da constituição social e separar leis e regularidades de todos os fenômenos culturais que for relevante” (p.34).

Nossa principal técnica de trabalho consistiu na entrevista semiestruturada para garantir a relevância, clareza e validade dos discursos frente à problemática em estudo. Anteriormente realizamos o contato inicial com o campo para que desde então fosse possível elaboramos as questões com coerência e conhecermos os colaboradores do nosso estudo que poderiam dizer de suas realidades frente à nossa problemática de estudo que concerne ao processo de emancipação da mulher.

A entrevista de categoria semi-estruturada foi nossa ponte para analisar o que os sujeitos do campo de estudo dizem sobre o que está sendo estudado. Foi um instrumento de grande importância para a compreensão da problemática levantada neste estudo e sobre a utilidade desta técnica de pesquisa Severino (2000) destaca:

Por meio dela, colhem-se informações dos sujeitos a partir de seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar o diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações. (p.125)

O estudo se desenvolveu em diálogo com as referências bibliográficas, compreendendo que estas fornecem as informações necessárias para dialogar sobre o que se coloca atualmente nas discussões sobre o empoderamento, a emancipação e direitos das mulheres.

Para a análise dos dados, utilizamos a técnica de análise de conteúdo. Tal técnica nos possibilitou fazermos uso dos depoimentos presentes nas entrevistas realizadas pois assim como Severino (2000) entendemos que por meio da análise há possibilidades de se “[...] compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações” (p. 121).

A análise documental seria uma proposta interessante na medida que poderíamos ter acesso aos registros de propostas políticas e pedagógicas da organização, contudo, o tempo de pesquisa e a disponibilidade dos sujeitos entrevistados nos impossibilitou de avançarmos nessa perspectiva de análise o que não descaracteriza nosso estudo considerando que nos apropriamos de depoimentos daqueles que conhecem o movimento e compõem os espaços de gestão, coordenação e militância política.

Estes, portanto, foram os instrumentos metodológicos dos quais nos apropriamos para nos aproximar dos objetivos de estudo desta pesquisa que tem por finalidade relacionar os elementos encontrados em campo e analisar os dados considerando as compreensões teóricas acerca da problemática sobre a emancipação da mulher.

Marco teórico

Breves pressupostos que permeiam a condição humana da mulher ao longo dos tempos

Inicialmente queremos elencar os elementos históricos que são fundamentais para o embasamento do nosso diálogo no que concerne à história de luta das mulheres pelo direito de serem reconhecidas enquanto seres sociais e pela garantia de sua participação na vida pública. Para tanto, evidenciaremos três categorias de estudo que nos possibilitarão pensar as questões que esta pesquisa tem por finalidade abordar: a primeira se refere à formação política da mulher nos movimentos sociais, a segunda nos convida a refletir sobre as diversas tarefas que a mulher assume e a incidência dessa diversidade de ocupações em seu processo de escolarização e, como última categoria deste estudo, propomos pensar no processo de emancipação da mulher que, por sua vez, estará relacionado com as condições socioeconômicas e também culturais. Portanto, as categorias formação política, trabalho e emancipação são elementos centrais nesta reflexão.

Discorrendo sobre a importância da organização das mulheres em movimentos sociais como espaço de formação política, queremos nos reportar aos núcleos dos movimentos mistos, a exemplo do MST para evidenciar que a organização das mulheres no que concerne à garantia de melhores condições de trabalho, direitos sociais e liberdade política, também se faz por uma direcionamento de natureza pedagógica destes movimentos que compreende esta formação e este debate a ser desenvolvido não apenas com mulheres, mas com a participação também dos homens nesses espaços, de forma a considerar que o processo de emancipação humana pressupõe também a emancipação das mulheres e que ambos esses processos pressupõe a emancipação do trabalho (WOOD, 2011).

Conscientes de que as opressões de gênero estão interligadas a questões de classes socioeconômicas, faremos destaque e menção aos estudos de Saffioti (2013) considerando suas discussões sobre a mulher na sociedade de classes, a partir da concepção materialista e histórica. Também consideramos Engels (2002), que nos trará uma importante fundamentação no contexto das relações entre a origem da família, da

propriedade privada e do Estado e Priore e Bassanezi(2008) que por sua vez serão também mencionadas através da apresentação de considerações de grande importância sobre o protagonismo da mulher no contexto das organizações dos movimentos sociais e lutas sindicais em prol de sua ascensão social, liberdade política, moral e sexual.

Sobre a divisão sexual do trabalho analisamos as vantagens e desvantagens da inserção da mulher no mercado, bem como a relação entre as suas demandas ocupacionais e o seu processo de escolarização, tendo em nossa categoria analítica mulheres dos movimentos sociais que lutam pelo direito a terra.

Em continuidade, faremos uma breve reflexão sobre os diversos conceitos de trabalho e, nesse contexto, analisaremos que papel a mulher assume nas diferentes sociedades, evidenciando o contexto histórico e levando em consideração a influência deste na organização da sociedade contemporânea, conforme Karl Marx ressaltava:

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos (MARX, 1997, p. 21).

Orientados através da compreensão materialista dialética e histórica refletimos sobre algumas inquietações que direcionam este estudo, a exemplo de indagarmos como se desenvolviam e se desenvolvem tais relações de trabalho e de que modo essa organização incide no processo de emancipação da mulher, partindo da orientação de análise presente neste método do pensamento, conforme Pires (1997) menciona:

[...] para o pensamento marxista, importa descobrir as leis dos fenômenos de cuja investigação se ocupa; o que importa é captar, detalhadamente, as articulações dos problemas em estudo, analisar as evoluções, rastrear as conexões sobre os fenômenos que os envolvem (p. 85 e 86).

Sob este direcionamento seguiremos a problematizar as relações de trabalho e atividades ocupacionais nos propondo à reflexão sobre as diferentes formas de opressão que se desenvolvem no contexto das relações sociais que se desenvolvem a produção dos meios de vida.

Organização, formação política e o poder das massas: As lutas societárias e a ascensão da mulher nos movimentos políticos e sociais

Discorrer sobre a organização das “massas” exige realizarmos algumas reflexões pautadas nos aspectos de natureza sociológica e política com o olhar direcionado aos diferentes momentos registrados no passado da humanidade e que dizem de como se configurou a compreensão do que hoje denominamos de movimentos sociais. Karl Marx já mencionava a importância dos “movimentos de posturas revolucionárias” que, impelidos pela “força motriz” das “massas”, garantem ao sujeito social a condição de transformar o mundo.

A concepção de revolução que Marx desde então carrega consigo inúmeros significados pautados numa compreensão de sociedade que nos direciona a enxergar o mundo através de uma perspectiva socialista que, de acordo com Luna (2007) se configurou no século XIX quando “[...] parcelas da população que pretendiam mudanças acabaram por se identificar com o nascente socialismo, e assim foram surgindo no decorrer dos anos discípulos e adeptos que angariaram fundos para a causa transformadora (p..05).

Vladimir Ilitch Lenin, chefe de Estado e revolucionário do partido comunista Russo, atribuía às “massas” a capacidade de provocar revoluções, e desde então destacava a importância da organização na luta para que dada revolta pudesse ser materializada e provocasse umas verdadeiras mudanças capaz de tomar pelo poder da força o que era de direito das camadas populares.

Rosa Luxemburg, filósofa, economista reconhecida no campo do marxismo, destacava a capacidade das “massas” atribuindo a estas a possibilidade de uma verdadeira “revolução socialista” e acreditava que no dia-a-dia se faria a revolução da classe proletária considerando que seus impulsos para a luta derrubaria a burguesia, e com ímpeto em seus discursos mencionava:

Quando a revolta ruge nas fábricas, oficinas e ruas” os representantes do povo não têm outro remédio senão ouvi-la. “Por sua efervescência e seu ardor, a revolução cria justamente essa atmosfera política leve, vibrante, receptiva, na qual as vagas do estado de espírito popular, as batidas do coração da vida do povo vêm agir instantaneamente, de maneira maravilhosa, sobre os organismos representativos (LUXEMBURG apud LOUREIRO, 1988, p. 65).

Não teremos oportunidade de nos ater aos diversos nomes que poderíamos aqui citar que se fizeram na militância política e na literatura para defender as lutas e estimular o poder das massas, mas, desde já ressaltando que a nossa história é composta por

diferentes pontos de vista de militantes, filósofos, economistas e até religiosos que orientaram as massas a traçar percursos onde fosse possível garantir um mundo mais justo e igualitário. Em contrapartida, é possível também encontrar na história momentos em que a organização das massas se desdobra a realizar embates na luta pelos direitos sociais e por um mundo mais humanizado.

É importante em nossa reflexão nos apropriarmos do significado que o vocábulo “massas” recebe ao longo dos tempos e para esclarecermos nossas indagações podemos nos apropriar da linguística explorando os próprios elementos semânticos que compõem a palavra “massas” e também do próprio contexto histórico em que este termo passa a ser utilizado.

A palavra massa é originária do Latim, no dicionário Aurélio a mesma possui oito significados entre estes iremos destacar três por compreender que são os que melhor se aproximam ao que pretendemos aqui relacioná-la e, portanto, teremos: Massa - sf.3 Aglomerado de elementos (em geral, de mesma natureza); 6. Número considerável de pessoas que mantem entre si uma certa coesão de caráter social, etc.; 7. Turma, multidão. (AURÉLIO, 2001, p.450)

Em 1960, Elías Canetti escreve um ensaio literário o qual denomina “Masa y poder”. Alguns trechos da obra nos fornecem elementos importantes para pensarmos que representação sobre o termo “massas” Luxemburg e tantos outros estudiosos carregavam e, para isto, faremos uma breve relação entre o que desde então já destacamos acima sobre os significados que podem ser atribuídos a palavra “massa” e as contribuições de Canetti (1960) para identificarmos o que hoje podemos também assim denominar.

Segundo Canetti, as massas garantem ao indivíduo proteção frente o sentimento de medo naturalmente carregado por este. De acordo com esse autor, o medo é decorrente daquilo que o indivíduo desconhece, o medo do que pode lhe ameaçar vida. Canetti menciona que:

Todas las distancias que el hombre ha creado a su alrededor han surgido de este temor a ser tocado. Uno se encierra en casas a las que nadie debe entrar y sólo dentro de ellas se siente medianamente seguro. El miedo al ladrón se configura no sólo como un temor a la rapiña sino también como un temor a ser tocado por algún repentino e inesperado ataque procedente de las tinieblas. La mano, convertida en garra, vuelve a utilizarse siempre como símbolo de tal miedo. Mucho de ello ha pasado a formar parte del doble sentido de la palabra «agarrar». Tanto el

contacto más inofensivo como el ataque más peligroso están ambos contenidos en ella, y siempre hay cierta influencia de lo último en lo primero. El sustantivo «agresión» se ha reducido, sin embargo, sólo al sentido peyorativo del término. (CANETTI, 1960, p.03)

É destacando a vulnerabilidade e ausência de proteção a qual provoca o medo que o autor aqui referido menciona este sentimento o relacionando a condição em que o indivíduo quando sozinha está submetido. Em continuidade o mesmo argumenta:

Sólo inmerso en la masa puede el hombre redimirse de este temor al contacto. Se trata de la única situación en la que este temor se convierte en su contrario. Es esta densa masa la que se necesita para ello, cuando un cuerpo se estrecha contra otro cuerpo, densa también en su constitución anímica, es decir, cuando no se presta atención a quién es el que le «estrecha» a uno. Así, una vez que uno se ha abandonado a la masa no teme su contacto. En este caso ideal todos son iguales entre sí. Ninguna diferencia cuenta, ni siquiera la de los sexos. Quienquiera que sea el que se oprime contra uno, se le encuentra idéntico a uno mismo. Se le percibe de la misma manera en que uno se percibe a sí mismo. De pronto, todo acontece como dentro de un cuerpo. Acaso sea ésta una de las razones por las que la masa procura estrecharse tan densamente: quiere desembarazarse lo más perfectamente posible del temor al contacto de los individuos. (CANETTI, 1960, p.04)

Trouxemos esta reflexão para destacarmos que naturalmente existe no homem a necessidade de lutar pela vida e desta necessidade por sua vez comunga “as massas” aqui citadas, considerando que o indivíduo ao assimilar as faltas dos elementos básicos à sobrevivência, sejam eles materiais ou de qualquer ordem e que estas faltas, e dessa forma a falta do que mantêm a vida lhes impele a lutar par atender às suas necessidades.

É justamente dessa capacidade de lutar pela sobrevivência que no campo da reivindicação pela liberdade, pela qualidade de vida e até mesmo pelo próprio direito de viver, os novos e velhos movimentos sociais, movidos em massas ou em pequenos grupos, com forças capazes de provocar revoluções ou não organizam e evidenciam os novos gritos dos excluídos e novas vozes dos silenciados que vão surgindo ao longo dos séculos.

Contudo, os indivíduos em “massas” por vezes necessitam ir de encontro aqueles que pensam e estruturam sua existência baseados em princípios geridos pela individualidade enquanto condição que necessita ser mantida para que possa defender seus interesses, nesse caso, é condição do individualista manter-se afastado do meio, não para romper sua dependência para com as massas, mas, para manter sob sua tutela aquilo

que considera ser único e exclusivamente de sua propriedade. O individualista por vezes entende das ameaças que a condição de ser só lhe provoca, mas, guiado pelo ego se submete aos riscos e abandona a consciência coletiva.

Não nos estenderemos aqui sobre essa dimensão comportamental, porém nesse contexto queremos evidenciar as organizações de massa em que as mulheres foram protagonistas. Pinto (2003), descreve as grandes contribuições dos movimentos feministas no processo de organização de luta das mulheres, embora estes não tenham sido os primeiros modos de organização a possuir mulheres protagonizando as lutas sociais.

No século XIX alguns nomes feministas a exemplo de Isabel de Souza Matos e Isabel Dillon puderam protagonizar o que Pinto (2003) destaca enquanto o sufrágio à brasileira, um movimento político em que as mulheres exigiam sua participação na política, o direito ao voto e à candidatura. Direitos básicos à cidadania que qualquer cidadão deveria possuir, mas, nem sempre as mulheres foram consideradas enquanto sujeitos sociais em condições de usufruir de tais direitos. Não contempladas em suas reivindicações, em 1910 é fundado o partido republicano feminino, o qual embora fosse considerado ilegítimo pelo próprio silenciamento que se estabelecia sobre a participação da mulher na vida política brasileira, este teve bastante repercussão e estrategicamente começou a conquistar espaços políticos pela objetividade, organização e até mesmo pela preocupação em emancipar a mulher e fazê-la interagir com as questões políticas e sociais de seu tempo.

Muitas manifestações tiveram o protagonismo individual de algumas mulheres, outras em organizações de “massas” puderam levantar bandeiras de lutas que diziam principalmente sobre os direitos civis em que as mulheres não estavam sendo contempladas. Pinto (2003), menciona que três vertentes orientam as lutas das mulheres no século XX: o feminismo difuso; o feminismo anarquista e também o feminismo que denomina de bem-comportado.

Em cada uma dessas manifestações se evidencia o caráter político dos coletivos e, tanto no feminismo bem-comportado, quanto no feminismo difuso, as reivindicações das mulheres perpassam direitos que outrora não estavam sendo priorizados pelo feminismo anarquista, pois este tinha enquanto questão emergente a discussão sobre a exploração do trabalho que se fazia necessária com a inserção da mulher nas indústrias,

resultado da nova configuração dos modos e das relações de produção em que sociedade se encontrava.

A participação de lideranças feministas em conselhos, congressos, espaços de debate sobre as questões especificamente da mulher na sociedade e o protagonismo de Bertha Lutz na constituinte de 1934 no Brasil são eventos de grande importância na luta das mulheres nos anos 30. Isso porque, assumindo espaço na política legislativa, as mesmas passam a apresentar as demandas feministas e, com esta inserção e propagação de reivindicações nos espaços midiáticos da época alcançam repercussão e pressionam as diversas instâncias políticas a garantir suas pautas reivindicativas.

Ainda pelas correntes ideológicas de vias anarquistas, as mulheres também discursavam a favor da união entre elas em prol de seus direitos trabalhistas e, em 1906, um manifesto é publicado na tentativa de organizar o sindicato e institucionalizar a luta das costureiras de confecções em prol da formação dessas mulheres. Discursos capazes de fazê-las se identificar com a luta e despertá-las à organização se propagavam, a exemplo deste:

Não devemos, porém, esperar que nos concedam o que nos pertence quando lhes agrade. Devemos tomá-lo por nossas mãos [...] temos o dever e o direito de o fazer. Não nos deixemos, sobretudo, adular com falsas concessões e promessas por parte dos nossos sanguessugas. (PRIORE e BASSANEZI, 2008, p.596)

É no período militar, em plena crise de democracia, que no Brasil estes grupos se aglutinam. E, garantindo sua organicidade, ora em partidos, movimentos políticos de diferentes correntes ideológicas ou em grupos feministas, fortalecem tanto as pautas de natureza específica das mulheres, quanto as mais emergentes que surgem no regime militar com as censuras que se instalam.

Porém, o que é importante destacar nesse contexto de organização das lutas das mulheres, é a consciência coletiva e a objetividade frente aos interesses e objetivos políticos. Isto Priore e Bassanezi, (2008) destacam quando, em discursos de mulheres sindicalistas, ouvia-se a preocupação destas em serem pedagógicas e, mediante as atividades reivindicativas, conscientizar os homens a lutar pela causa das mulheres, bem como também de serem esclarecidos dos direitos destas. Em discurso, uma dada dirigente sindical dos anos 80 argumenta:

Os companheiros podem fazer muita coisa, mas o principal é se convencer de que nós mulheres também somos iguais e que temos os mesmos desejos e direitos. Os companheiros tiveram educação que os leva a ter dificuldades de olhar a coisa pelo lado da igualdade. Eu compreendo isso aí. Isso é político. Agora é preciso ter capacidade de tentar romper dentro de si com essa educação. Nós mulheres também temos uma coisa dentro de nós. Que coisa é? A submissão. A partir do momento em que adquirimos consciência, nós conseguiremos romper com isso. (PRIORE e BASSANEZI, 2008, p. 652)

Na medida que impulsionadas umas pelas outras pelas próprias necessidades de garantir melhores condições de trabalho e até mesmo por questões de ordem moral que se manifestavam nas relações de trabalho, as mulheres sindicalistas se fizeram enquanto organização em massa dotadas de uma grande capacidade política e pedagógica frente à luta pela garantia de seus direitos trabalhistas e em relação à condição humana da mulher. Mesmo considerando aquilo de que trata Wood (2011), de que mais adiante a lógica de organização das relações de produção lhes traria outras situações de marginalização frente as que já estavam a ser superadas.

Portanto, é analisando as práticas de formação, a pedagogia e a organização dos movimentos políticos e sociais de mulheres destas décadas que se faz aos movimentos contemporâneos sejam eles de mulheres ou mistos a importância da compreensão de que o processo de organização da luta das mulheres aconteça de modo didático para que a sociedade seja educada e compreenda que a luta por mais direitos a mulher não se resume a criar relações sexistas, mas também e sobretudo por melhores condições de vida para esta mulher.

Relações sociais e relações de produção: uma análise dialética frente a realidade da mulher no contexto de organização social da família e das sociedades ao longo dos tempos

Para além de pensar a organização das mulheres nos movimentos políticos enquanto uma das condições que colaboram para sua emancipação, nesta breve apresentação sobre os elementos que estão relacionados ao processo empoderamento da mulher, discorreremos sobre o trabalho humano que é modo de subsistência de qualquer indivíduo. Nesse contexto, resgataremos o que é, o que tem sido e o que os sujeitos dos movimentos que lutam pela terra compreendem como trabalho.

É preciso considerar que seja ele físico ou intelectual, o trabalho tem sua importância para os seres humanos e dele depende a vida. Isto também é o que diferencia o homem dos demais animais. Assim, como afirma Albornoz (1990), existe no trabalho humano não apenas a necessidade de produzir os bens necessários à subsistência. Há também a intencionalidade e a consciência de produzi-los pois, mediante a criação, o homem desenvolve a capacidade de pensar, repensar as relações de produção e direcioná-las às suas diferentes intencionalidades e, pelo direcionamento destas intencionalidades, eis a necessidade de pensarmos o que tem sido trabalho ao longo dos tempos nas diferentes sociedades.

De início, é importante considerarmos que a palavra trabalho tem muitos significados. É preciso levar em consideração o trabalho sob uma análise que destaque os elementos sociais aos quais está relacionado e que por sua vez a ele também estão submetidos, compreendendo que pensar as relações de trabalho também é pensar as relações sociais que se desenvolvem no contexto das relações de produção.

Nos reportando à transição dos grandes períodos da história da humanidade e relembando os modos de organização social que Engels (2002) se dedicou a escrever teremos o trabalho produzido pelas sociedades primitivas, a primeira espécie humana desde então estava no período denominado Paleolítico, sobrevivendo da caça, da pesca e da coleta de frutos e, posteriormente, descobrindo a possibilidade de realização da agricultura e a domesticação de animais como forma de produção de bens de consumo. Nessa condição, o trabalho consistia apenas no esforço do homem para garantir da natureza o alimento que era necessário para sua sobrevivência.

Avançamos para o estágio Neolítico, em que se dá a existência das primeiras comunidades que percebem a necessidade de ocupação e fixação em um determinado território, através da descoberta da agricultura, da origem de técnicas de plantio e cultivo de vegetais, atividade esta desenvolvida pela mulher.

A atividade agrícola não só garantia ao ser humano mais uma forma de produzir os bens necessários a sobrevivência como bem determinava o modo de vida que estes deveriam assumir, considerando que a escolha por moradia e ocupação do território advinha das possibilidades de cultivo que havia em determinado lugar.

Na idade dos metais, posteriormente ao período Neolítico, segue o crescente desenvolvimento da arquitetura (Engels, 2002) e surge em alguns territórios o homem

inventor dos instrumentos de defesa a exemplo das armas de metal que são produzidas para proteger o homem, considerando que acompanhando a evolução também estavam as guerras por território e também para facilitar a criação de técnicas e inovações na agricultura e em outras atividades humanas.

Com o tempo as mesmas ferramentas de defesa também seriam utilizadas para dividir a humanidade, pois, de acordo com Engels (2002) com o surgimento das armas, com o aumento da produção agrícola e posteriormente a produção artesanal surge a necessidade do aumento da mão-de-obra e o homem passa a fazer uso dos instrumentos de defesa para explorar a força de trabalho de outros homens.

A capacidade de produção do Homo sapiens também estava relacionada à sua criatividade, pois nem sempre suas criações eram realizadas com sentido utilitarista. Conforme Mazoyer (2009) menciona:

Tudo se passa como se as faculdades criadoras da espécie ultrapassassem suas necessidades materiais e pudessem responder a todos os tipos de aspirações transcendentais de ordem estética, simbólica ou memorial. Esse acréscimo de criatividade se manifesta pela pintura, da gravura de paredes de certas grutas, pela ornamentação de objetos de uso corrente como as armas, os utensílios e as diversas vestimentas, e pela fabricação de objetos de arte como as estatuetas, pequenos objetos de baixo relevo, as pedras gravadas, as placas, hastes ornamentadas em osso ou em marfim cinzelado (p. 64).

Retomando a intencionalidade do trabalho é preciso considerar que todo trabalho humano carrega uma finalidade seja ela utilitarista ou não e o direcionamento que surge nesse contexto com relação ao trabalho nem sempre assume uma postura civilizatória, pois, enquanto outrora se pensava em trabalhar para produzir e manter a vida, agora cria-se possibilidades de exploração do trabalho do outro e transforma-se a natureza por meio da manutenção do trabalho alheio. Direcionando as intencionalidades individuais que passam estar para além dos interesses coletivos, com isto se organizam as primeiras formas de Estado e de escravidão humana nas sociedades. Conforme, Engels (2002):

O desenvolvimento de todos os ramos da produção – criação de gado, agricultura, ofícios, manuais domésticos – tornou a força de trabalho do homem capaz de produzir mais do que o necessário para sua manutenção. Ao mesmo tempo, aumentou a soma de trabalho diário correspondente a cada membro da gens, da comunidade doméstica, da família isolada. Passou a ser conveniente conseguir mais força de trabalho, o que logrou através da guerra; os prisioneiros foram transformados em escravos. Dada as condições históricas gerais de então, a primeira

grande divisão social do trabalho, ao aumentar a produtividade deste, por conseguinte a riqueza, e ao estender, o campo da atividade produtora, tinha que trazer consigo – necessariamente – a escravidão- Da primeira grande divisão sexual do trabalho, nasceu a primeira grande divisão da sociedade em duas classes: senhores e escravos, exploradores e explorados (p.156).

A ocupação de terras foi algo bastante comum nas sociedades pré-históricas, pois, anteriormente sobreviventes da pesca, da caça, da coleta, por seguinte da agricultura e artesanato os nativos que não encontravam possibilidades de fertilização de alimentos em dado território migravam para outras localidades. A língua e as armas eram as principais formas de poder entre os homens e entre os diferentes grupos, que lutavam pela ocupação e pela defesa dos territórios já ocupados.

De acordo com registros históricos de Cambi (1999) em “ História da Pedagogia”, com o surgimento da *polís*: [...]Temos “uma extraordinária presença da palavra”, que se torna “instrumento político” e alimenta a “discussão” e a “argumentação”; para além disto a organização das cidades-Estado na Grécia antiga se caracteriza também por meio da criação do *hoplita* considerado enquanto guerreiro destinado a proteger a *polís* por meio de utilização de armas.

A educação em prol da formação do guerreiro era prioridade para manter soldados como possuidores das terras espartanas, visando cuidassem da segurança da cidade (Cambi, 1999) impedindo invasões e controlando aqueles que sobreviviam após as guerras que se davam em função da ocupação de seus territórios e que por fim acabam se tornando escravos. Estes por sua vez eram mantidos a serviço do crescimento econômico da *polís* e com este acúmulo da força de trabalho escravo que inicia nas sociedades primitivas e acompanha a história da antiguidade Engels (2002), menciona que:

A diferença entre homens ricos e homens pobres veio somar-se à diferença entre homens livres e escravos; a nova divisão do trabalho acarretou uma nova divisão das sociedades em classes. A diferença de riqueza entre os diversos chefes de família destruiu as antigas comunidades domésticas, em toda parte onde ainda subsistiam; acabou-se o trabalho comum da terra por conta daquelas comunidades. A terra cultivada foi distribuída entre as famílias particulares, a princípio por tempo limitado, depois para sempre; a transição à propriedade privada completa foi-se realizando aos poucos, paralelamente à passagem do matrimônio sindiásmico á monogamia. A família individual principiou a transformar-se na unidade econômica da sociedade. (p.158)

Avançavam as novas formas de produção e organização do sistema pré-capitalista com a origem da expansão comercial e marítima, exploração de outras terras descobertas

durante as navegações realizadas de um continente a outro e, na medida em que surgiam as novas formas de produção, nesse contexto também se desenvolviam relações de trabalho escravo.

Conforme Albornoz (1990), essa concepção de produto e posteriormente trabalho excedente advém das relações de troca que se desenvolvem no contexto de organização e de relações de produção das sociedades primitivas. Portanto, as relações se tornavam desiguais na medida em que um mais que o outro teria mais território para plantar e acumular os grãos colhidos. Dessa forma surgem as guerras entre os povos para tomar pela força tanto as propriedades quanto o que era excedente na produção do território ocupado.

O excedente e as relações de troca produzem e fortalecem as relações de comércio advindas da troca do que foi acumulado, ou seja, do produto excedente. Nessa dinâmica já teremos a propriedade das terras e a propriedade do trabalho acumulado enquanto fatores determinantes das desigualdades que passam a se instalar no contexto de organização social e produção dos meios de vida.

Conforme Stédile (1997), a origem da propriedade privada inicia no continente americano, após a chegada dos portugueses no Brasil. A colonização no Brasil inicia em 1500 e em 1532 o processo de distribuição de lotes passa a ser realizado pela coroa portuguesa, visando estimular a agricultura local. A terra, que era um bem de todos, passa a se tornar colônia da coroa portuguesa, que inicia a exploração das riquezas materiais e a organização do território, impondo um modo de administração pautado em seus interesses.

Não havendo possibilidades de manter todo território protegido de outras ocupações, o rei demarca e divide as terras no ano de 1534. Realiza a distribuição com a condição de que os donatários cuidassem de não permitir invasões. Também que administrassem as terras, distribuíssem sesmarias a quem tivesse interesse de cultivar, mantivessem escravos, forçando-os ao trabalho braçal e realizassem repasses de 10% do que produzissem nas terras a coroa sendo 1/5 de todo ouro explorado.

É importante destacar que o processo violento de saqueamento, exploração das riquezas naturais e da negação das culturas existentes no nosso país é enfrentado com lutas e estratégias de resistência por índios nativos das terras brasileiras e negros

escravizados e vendidos pelo mercado negreiro no Brasil, para servirem ao projeto de exploração da coroa portuguesa.

Nesse contexto o processo de colonização do Brasil aconteceu sobretudo sustentado por meios de produção que vão se desenvolver sobretudo nas áreas rurais por meio do trabalho escravo. A monopolização da política se instaurava por meio dos filhos dos fazendeiros escravocratas que eram educados para ocupar os espaços públicos.

Os negros eram transportados ao Brasil para garantir mão-de-obra para as lavouras e as grandes produções dos fazendeiros. Nessa dinâmica de exploração da força de trabalho Marquese (2006) menciona que a guerra dos Palmares se destaca enquanto exemplo de resistência dos povos quilombolas no mundo a exemplo africanos e criolos eram considerados a nova ameaça as autoridades metropolitanas que viam na rebeldia, na fuga e até mesmo nas estratégias de ocupação dos quilombos a possibilidade de revolta em alta escala, contudo, de acordo com Marquese (2006) mesmo com a maior ocupação quilombola na história da América portuguesa, ainda se fazia fragilizada a possibilidade de alforria dos escravos.

Ribeiro e Piovesan (2008) ressaltam que a abolição universalmente foi permeada por processos de mudanças na legislação e descreve que inicialmente:

Em 1850, proibiu-se o tráfico transatlântico de escravos africanos; em 1871, conferiu-se a liberdade aos filhos nascidos de mães escravas e, em 1885, os escravos idosos; finalmente, em 1888, promulgou-se a lei geral de libertação dos escravos.

Após a abolição da escravidão, as relações sociais e políticas entre brancos e negros são marcadas por três processos principais, destacados a seguir:

- O país não adotou legislação de segregação étnico-racial (diferente dos EUA e da África do Sul), não tendo ocorrido, portanto, a definição legal da pertença racial;
- O país não desenvolveu política específica de integração dos negros recém-libertos à sociedade envolvente, o que fortaleceu as bases do histórico processo de desigualdades sociais entre brancos e negros que perdura até os dias atuais;
- O país incentivou a imigração européia branca em acordo com a política de Estado (passagem do século XIX para o século XX) de branqueamento da população em consonância com as políticas racistas eugenistas desenvolvidas na Europa do século XIX.4. (ROSEMBERG E BAPTISTA apud RIBEIRO E PIOVESAN, 2008, pág. 880)

A Lei de nº 601, de 18 de setembro de 1850 é promulgada por Dom Pedro II. Nesta se define que apenas os que pudessem pagar pelas terras e legaliza-las seriam os proprietários, não havendo recursos para compras.

Em 1888 cresce o movimento abolicionista no Brasil e por seguinte acontece a abolição dos escravos que por meio de um processo no qual que de acordo com Fernandes (2006) estrategicamente os integrantes do movimento que ocupando lugares dentro do poder judiciário e tornaram cada vez maior as possibilidades de acabar com a escravidão, contudo a autora acima referida menciona que não diretamente em defesa dos escravos, sobretudo da ordem cívica em defesa da abolição usavam de argumento ser a escravidão:

[...] obstáculo à formação de uma verdadeira nação, pois mantinha parcela da população subjugada a outra parcela, como inimigas entre si. Para ele, a escravidão impedia a integração social e política do país e a formação de forças armadas poderosas. Dizia, como fez também Joaquim Nabuco, que a escravidão bloqueava o desenvolvimento das classes sociais e do mercado de trabalho, causava o crescimento exagerado do Estado e do número de funcionários públicos, falseava o governo representativo" (CARVALHO, apud FERNANDES, 2006, P.183)

Para além do que ocorria no Brasil com as constantes e diversas fugas de escravos, a crise dos camponeses pobres da Europa que migravam para América, de acordo com Stédile (1997), provocou uma pressão importante por parte da Inglaterra, que exigia a abolição da escravidão no Brasil. Com isto, para assegurar seus direitos à propriedade, a coroa passa a criar leis que lhes garantissem a posse das terras e aos escravos o mísero direito de permanecer servindo de mão-de-obra em troca de salários.

Um marco a ser registrado no período denominado “Brasil império” que inicia em 1822 e encerra em 1889 se encontra no modo de privatização das terras brasileiras (Stédile,1997). Depois de ser tomada de forma violenta no embate entre índios e exploradores portugueses, agora é distribuída de forma clientelista aos amigos do coroa. Sim, este era um dos critérios para possuir capitânias e sesmarias, ser amigo do rei.

Os escravos já alforriados migram para grandes cidades e passam a construir moradias em péssimas condições e são submetidos, pela necessidade, a viver de forma precária. Contudo, a resistência mais uma vez se apresenta, as “massas” protagonizam suas revoltas e sobre isto Stédile (1997) ressalta que:

Em razão de a lei de terras ser tão discriminatória, surgiram no final do século passado e início deste século, os primeiros

grandes movimentos camponeses, que tinham como principal bandeira o acesso mais fácil à terra, o que significaria melhora nas condições de vida daquelas pessoas. (STÉDILE, p. 11).

Para Stédile os avanços apresentados pela carta magna de 1946 se destaca na história política do Brasil que já se encontrava no período republicano. Esse processo de elaboração da Constituição, tinha como protagonista dos direitos da camada popular o partido comunista brasileiro, que discutia de forma inédita a necessidade de uma reforma agrária e, como justificativa, afirmava que o impedimento do progresso econômico do campo estava na retenção das terras que se encontrava sob poder de poucos fazendeiros.

É nesse cenário de oposição a uma frente conservadora que não iria abrir mão de seus privilégios e que desde então não pretendia dividir suas posses que se inicia de forma efervescente uma disputa tanto no parlamento brasileiro quanto nas ruas e no campo com a revolta dos camponeses. Nesse contexto, Stédile (1997) menciona os posseiros de Teófilo Otoni (MG), as Ligas Camponesas de Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo e os Movimento dos camponeses do Nordeste rumo ao Maranhão, como os principais protagonistas das lutas pelo direito à terra na década de 40.

Os movimentos sociais fortes, convictos de seus interesses, cresciam organizados. Os intelectuais em defesa da reforma agrária intensificavam os debates e as teses em prol de uma revolução no modo de distribuição das terras se fortaleciam. Na medida em que essas demandas não foram sendo atendidas e, também, considerando o silenciamento por parte do Estado, Stédile (1997) argumenta que a esperança de mudança e efetivação da reforma estaria supostamente prestes a acontecer quando, em 13 de março de 1964 João Goulart afirma o compromisso político de legislar em prol da reforma agrária caso fosse eleito, porém, a derrota das classes populares se instala com o golpe militar de 1964.

Na década de 70, o Brasil se encontrava sob o poder dos militares, através da ditadura instaurada em 1964 e que perdurou até 1984. O cenário de protagonismo da “sociedade civil” era reflexo da conjuntura política em que o país se encontrava, pautado nas censuras de intelectuais, estudantes, músicos e qualquer outro que contrariasse o governo militar. Toledo (2004) destaca que:

O golpe estancou um rico e amplo debate político, ideológico e cultural que se processava em órgãos governamentais, partidos políticos, associações de classe, entidades culturais, revistas especializadas (ou não), jornais etc. Assim, nos anos 60, conservadores, liberais, nacionalistas, socialistas e comunistas formulavam publicamente suas propostas e se mobilizavam

politicamente em defesa de seus projetos sociais e econômicos (p. 18).

Para além de negar o que hoje podemos denominar de direitos sociais coletivos, o modelo de organização civil que se estabelecia no período da ditadura militar no Brasil internalizou concepções e ideologias que, pautadas nas desigualdades das relações de poder entre os sexos (Priore e Bassanezi, 2008) diziam como deviam se direcionar a constituição da família, a educação, a economia e as relações de trabalho por meio de relações assimétricas onde o homem que representava o *chefe de família* era a unidade reconhecida no contexto das relações matrimoniais.

Os que estavam no poder construía e efetivavam as leis e determinavam os rumos da sociedade, a própria instauração da ditadura já era consequência de uma democracia fragilizada que mobilizava as massas a necessidade de se organizar. E por seguinte continuamos a destacar o que Toledo (2004) registra neste cenário sobre o contexto político quando menciona:

O golpe de 1964 veio, pois, coroar as tentativas anteriormente fracassadas. Destruindo as organizações políticas e reprimindo os movimentos sociais de esquerda e progressistas, o golpe foi saudado pelas classes dominantes e seus ideólogos, civis e militares, como uma autêntica Revolução. Aliviadas por não terem de se envolver militarmente no país, as autoridades norte-americanas congratularam-se com os militares e políticos brasileiros pela "solução" encontrada para superar a "crise política" no país. (p. 24)

Não sentindo representação por parte do Estado, uma das formas de fazer enfrentamento seria a organização de grupos sociais que desde então possuíssem interesses em comum. Dessa forma, avança o protagonismo dos movimentos que aos poucos se organizaram por diferentes lutas, que surgiram no final dos anos 70, visando a mobilização daquela que, de acordo com Maria da Glória Gohn (2008), passou a ser denominada de “sociedade civil”.

Para decidir sobre o plano estatal estabelecido pelo regime militar, uma organização independente do Estado seria necessária para sobreviver frente a este cenário de exclusão de participação da sociedade civil e centralismo das decisões de ordem pública. Levando em consideração que, no contexto político, o Estado não atendia e não dialogava com as demandas sociais e, no contexto econômico, buscava privilegiar o capital das indústrias multinacionais.

Em ressalva, Gohn (1997) menciona que existe na configuração dos movimentos sociais, independentes de estar ou não fundamentados a partir do paradigma marxista, um reconhecimento das contribuições de teorias que tratam das questões de classes sociais. Isto porque, segundo esta autora, direcionam o trabalho de organização no sentido de pautar a práxis revolucionária e, sobre isto, ainda destaca as referências de Marx aos “movimentos” e diz que:

Em carta dirigida a F. Bolt, Marx se refere à questão dos movimentos da seguinte forma: “ Assim, além dos distintos movimentos econômicos dos operários, surgem em todos os lugares movimentos políticos, isto é, movimentos de classe, com o objetivo de impor seus interesses de forma geral, de uma forma que possui força coercitiva-social geral. Se esses movimentos pressupõem certo grau de organização prévia, em compensação eles igualmente significam meios de desenvolver esta organização” (MARX, Karl apud Gohn,1997, p.177)

Gramsci e posteriormente tantos outros pensadores contemporâneos compreenderam que o Estado é permeado por contradições. Sobre isto, Gohn (1997) destaca que esta relação é de maior consenso a depender de como o Estado olha para questões sociais. E quando estamos a nos reportar ao Brasil, as marcas deixadas pelo regime militar ainda deixam resquícios das aversões da sociedade civil e de muitos movimentos com relação a consensuar e dialogar com o mesmo.

Dentro desse contexto, os movimentos que emergem das camadas populares, sobretudo no Brasil a partir da década de 70, o fazem no sentido de lutar pelos direitos dos trabalhadores, muitas vezes sendo criminalizados por essa luta. O movimento dos trabalhadores da terra, pioneiro nas lutas sociais Stédile (1997) assume o protagonismo dessas décadas junto aos sindicatos e se apresenta de forma a resistir às condições impostas pelo governo militar. Oliveira (2001), destaca que a luta desenvolvida pelos camponeses, para além de ser perpassada por muitas situações de violência aos militantes que defendem o direito à terra, também é acompanhada de uma revolta altamente justificável diante dos estudos que se desenvolvem frente à violência com a qual o capitalismo se apropria da área territorial camponesa, seja para utilizá-la como bem de reserva ou até mesmo valores patrimoniais. Essa acumulação condicionam os sujeitos do campo a se deslocarem para a cidade pela falta de terra, que acaba por delimitar as condições de sobrevivência das famílias que começam a se constituir. Oliveira (2001) menciona que:

Assim, estamos diante de uma estrutura fundiária violentamente concentrada e, também, diante de um desenvolvimento capitalista que gera um enorme conjunto de miseráveis. Os dados disponíveis revelam que há no Brasil mais de 32 milhões de brasileiros abaixo da linha da miséria absoluta, ou seja, quase sete milhões de famílias (18% do total) são classificadas como indigentes, e mais 38% delas, ou seja, mais 14 milhões, como pobres. A lógica contraditória é uma só: o desenvolvimento capitalista que concentra a terra, concomitantemente, empurra uma parcela cada vez maior da população para as áreas urbanas, gerando nas mesmas uma massa cada vez maior de pobres e miseráveis. Mas, ao mesmo tempo, esta exclusão atinge também o próprio campo. Certamente, a maioria dos filhos dos camponeses, cujas propriedades tenham superfície inferior a 10 hectares, jamais terão condição de se tornar camponeses nas terras dos pais. A eles caberá apenas um caminho: a estrada. A estrada que os levará à cidade, ou a estrada que os levará à luta pela reconquista da terra. (p.187,188)

No processo de luta e apropriação das terras, os trabalhadores camponeses e urbanos alcançam a condição de permanecer e de ocupar e, dessa forma, Oliveira (2001) ressalta que o campo e a cidade se unem para protagonizar a luta pelo direito à terra e também ao trabalho nesta. Na cidade de São Paulo esta mobilização é um marco pelo quantitativo de pessoas que ingressam nos movimentos camponeses quando cercados pela violência da negação dos seus direitos. Não encontram outra opção a não ser a organização na luta.

Em todas essas demandas reivindicativas, a mulher camponesa esteve presente reafirmando que a luta da mulher também é a luta por uma sociedade mais igualitária. E um marco nesse modelo de organização é que, para além de discutir a apropriação da terra, a pauta do movimento das mulheres trabalhadoras rurais se estende à vida familiar para questionar os impactos das relações de produção na esfera da vida social.

Todos os elementos históricos aqui intencionalmente destacados nos direcionam a compreender que as lutas sociais sempre existiram no contexto da organização social e por vezes relacionada e direcionada à produção da vida por meio do trabalho, estas reinvenções perpassam desde a educação para o trabalho até as relações sociais que se constituem nos diversos ambientes, a exemplo do ambiente familiar que é constantemente influenciado pelo poder econômico e pelas ideologias de um sistema que já não pode contar evidentemente com a escravidão, mas que se reinventa para permanecer explorando e mantendo trabalho excedente.

Sobre essa condição do sistema econômico do mundo do trabalho vigente se manter e necessitar do convencimento ideológico, Harvey (2007) menciona que:

A cultura do local de trabalho, em suma, torna-se uma característica essencial e é lá que os valores culturais mais amplos – como o patriarcado, o respeito à autoridade, as relações sociais de dominação e submissão – são importados para desempenhar seu papel nas práticas de produção. Vá a qualquer local de trabalho – como um hospital ou um restaurante – e note o gênero, raça e etnia dos que fazem as diferentes tarefas e torna-se evidente como as relações de poder dentro do processo coletivo de trabalho são distribuídas entre diferentes grupos sociais. A recalcitrância dessas relações sociais para a mudança tem tanto a ver com as táticas do capital quanto com o conservadorismo inerente às relações sociais e o desejo de preservar privilégios menores (incluindo até mesmo o acesso a empregos de baixa remuneração) por parte de diferentes grupos (p. 90).

Para além de pensar as possibilidades de produzir os bens de consumo, o fato do homem passar a fixar território e formar comunidades Santos (1994) traz a necessidade de pensarmos os elementos econômicos e geográficos associados aos fatores socioculturais, pois já não é possível perceber em cena “o homem, os seres-vivos e o espaço”. Agora a realidade de transformação do espaço geográfico, de criação, de interação, se configura sobre o impacto das interações sociais “do homem e outros homens”, ou seja, os homens em comunidade.

Levando em consideração tais interações se faz necessário ressaltar que a relação entre o homem e o espaço é perpassada por muitos elementos culturais que se constroem socialmente. Portanto, pensar essa relação de comunidade que teve início nas sociedades primitivas é levar em consideração que o homem se faz condicionante e condicionado pelo espaço físico e social, construindo e reconstruindo o conceito e os significados do espaço. Estes, que por sua vez, estão condicionados às transformações, interações, à concepção de pertencimento, à produção histórica e cultural dos seres-vivos, conforme Lefebvre (2006) menciona:

O conceito de espaço reúne o mental e o cultural, o social e o histórico. Reconstituindo um processo complexo: descoberta (de espaços novos, desconhecidos, continentes ou o cosmos) - produção (da organização espacial própria a cada sociedade) - criação (de obras: a paisagem, a cidade como a monumentalidade e o décor). Isso evolutivamente, geneticamente (com uma gênese), mas segundo uma lógica: a forma geral da simultaneidade; pois todo dispositivo espacial repousa sobre a justaposição na inteligência e na junção material de elementos dos quais se produz a simultaneidade... (p.09)

Essas relações culturais que desenvolvem e são desenvolvidas mediante as interações sociais, sejam elas vivenciadas no trabalho, nas instituições educativas, na família, ou até mesmo pelos meios de comunicação, direcionam o modo de organização social dentro das concepções políticas e ideológicas daqueles que detêm o poder econômico e o poder político. Estes necessitam se manter frente à organização dos diferentes setores sociais. Raffestin (1993), discorrendo sobre as relações de poder, menciona a potencialidade de coerção das organizações sociais e sobre elas ressalta que:

As organizações canalizam, bloqueiam, controlam, ou seja, domesticam as forças sociais. Essa observação é muito significativa, pois exprime de uma só vez o jogo das organizações no espaço e no tempo. Elas "canalizam" quer dizer que obrigam a tomada de linhas de função determinada, quer se trate do espaço concreto, geográfico, quer do espaço abstrato, social; "bloqueiam", significa que agem sobre as disjunções, para isolar e dominar; "controlam", ou seja, têm tudo ou procuram ter tudo sob o olhar, criam um espaço de visibilidade no qual o poder vê, sem ser visto". É a instauração de uma tecnologia política que Foucault designa como panoptismo. Domesticar é, portanto, encerrar numa rede, numa malha em que todas as partes estão debaixo do olhar. (p. 39)

É pensando estas relações e organizações que desde então não podemos desconsiderar que somos produto desses tempos que estão cotidianamente sendo constituídos e reconstruídos nos territórios condicionados pelos elementos tempo e espaço. Para isto, precisamos, como sujeitos sócio históricos, compreender que estamos condicionados pelas construções dos nossos antepassados, sejam elas materiais ou socioculturais. Contudo, assim como menciona Santos (1994), necessitamos desde então do conhecimento sobre o mundo para que nossa atuação na história não seja apenas de adaptação, mas que nos traga as possibilidades de ação frente a nossa condição humana.

Educação não-formal e informal nos movimentos sociais: quando a pedagogia perpassa as lutas sociais

Pensar educação é antes de qualquer objetivo ter como prioridade as relações humanas. E, no contexto de planejamento da vida civilizada, pensar as contribuições que os espaços educativos podem dispor para com a organização da sociedade. Nisto consiste a necessidade de compreender o que é, o que está sendo e o que vem a ser educação para a sociedade.

Carlos Rodrigues Brandão nos direciona a uma reflexão bastante pertinente para aqui discorreremos sobre o papel social da educação e atravessando as suas diferentes

etapas ao longo da história o autor menciona que esta sempre existiu, fez parte da humanidade e direcionou a vida humana. Contudo, os avanços e as mudanças sociais trouxeram outros significados, utilidades e compreensões sobre a prática educativa que acabaram por modificar o que anteriormente se entendia por educação. Por esta análise o autor relaciona educação e aprendizagem e menciona que:

Quando o homem sabe e ensina o saber, é sobre e através das relações de objetos, pessoas, ideias que ele está falando. É no interior da totalidade e da diferença de situações através das quais o trabalho garantem a sobrevivência, a convivência e a transcendência, que, no interior de um a vida coletiva anterior à escola, mas plena da educação, os homens entre si se ensinam-e-aprendem (BRANDÃO, 2006, p. 23).

Contudo, ao se remeter à socialização do saber não podemos ignorar as transformações anteriormente aqui citadas no que concerne às mudanças sociais que foram direcionando os processos educativos. Dessa forma, a relação entre educação como prática de invenção e reinvenção da vida aos poucos foi sendo substituída enquanto ferramenta exclusiva para a preparação do indivíduo, que agora passou a lidar com uma outra concepção de trabalho que já se instalava no contexto de organização das sociedades primitivas onde surgem as primeiras divisões sociais do trabalho, quando se assume a divisão de tarefas entre homens e mulheres. Posteriormente, a segunda e terceira divisão que vão estar relacionadas à separação entre o trabalho artesanal e as técnicas de cultivo da terra. E esta última à troca do que era produzido no campo, ou seja, a comercialização.

A educação acompanha todas essas mudanças concernentes ao mundo do trabalho e relações de produção. Portanto, não poderíamos ignorar os elementos que nos direcionam a analisar a organização formal e informal, a que se referem os estudos sobre a epistemologia da educação.

A escola nem sempre foi o lugar de ensino-aprendizagem, como a própria história nos esclarece. Essa relação de saber e ensinar surge no contexto da família, nas primeiras sociedades, perpassada pela educação que é dada pelos escravos aos filhos dos senhores feudais. No Brasil, pela igreja com a catequização dos povos indígenas e pelo desenvolvimento do primeiro sistema escolar com a criação de inúmeras escolas religiosas destinadas a educação dos filhos da Coroa.

A educação para profissionalização também é outra dimensão da formação humana que se desenvolve ao longo dos tempos. Esta, por sua vez, surge para colocar o

processo educativo em função da modernização do mercado e das transformações socioeconômicas que estavam por se manifestar no século XVIII e XIX.

Bom, trazer os elementos históricos para aqui nos reportarmos a uma concepção de educação que nosso estudo busca evidenciar é de suma importância para que seja possível relacionarmos o que compõe a organização do ensino e da educação.

Trilla (2008) nos propõe em seus estudos sobre educação formal, não-formal e informal a identificamos e diferenciarmos as diferentes dimensões da educação trazendo considerações sobre todas estas e colocando a educação formal no campo da institucionalização, comprometimento com uma dada metodologia de trabalho e atrelada à profissionalização do indivíduo.

Para discorrer sobre a educação não-formal, Ganhem se apropria dos estudos de Trilla e apontando em destaque os elementos metodológicos e os objetivos educacionais apresenta a educação não-formal enquanto:

O conjunto de meios e instituições que geram efeitos educacionais a partir de processos intencionais, metódicos e diferenciados, que contam com objetivos pedagógicos prévia e explicitamente definidos, desenvolvidos por agentes cujo papel educacional está institucionalmente ou socialmente reconhecido, e que não faz parte do sistema educacional graduado ou que, fazendo parte deste, não constitui formas estrita e convencionalmente escolares (TRILLA, 2008, p.63).

Por fim, nos reporta à concepção de educação que aqui pretendemos destacar e discorre que esta pode estar na escola, na família e nos diversos espaços sociais, pois, não se compromete com metodologias, embora também apresente características que a dispõe enquanto diferenciada da educação formal e não-formal. Estamos se nos referindo à educação informal, essa que ocupa um papel importante dentro do contexto formal e não formal e que não está dissociada de nenhuma delas, pois, de acordo com Coombs:

A educação informal é um processo que dura a vida inteira, em que as pessoas adquirem e acumulam conhecimentos, habilidades, atitudes e modos de discernimento por meio das experiências diárias e de sua relação com o meio. (COOMBS apud TRILLA, 2008, p.33)

Portanto, algumas condições direcionam esta análise sobre o que vem a ser as diversas dimensões da educação. A primeira delas se refere a identificarmos em qual dessas dimensões a concepção de educação por nós evidenciada nesse estudo se aproxima. A segunda se refere a pensarmos o diálogo dessa concepção de educação e as

possíveis aproximações que esta apresenta com relação às outras dimensões e a terceira está direcionada a questionarmos sob as possibilidades de contribuições ao processo de emancipação humana que essa perspectiva da dimensão educacional pode nos trazer.

De antemão precisamos levar em consideração que formação humana perpassa diversos conhecimentos de mundo e que estes conhecimentos, por sua vez, aliados aos fatores econômicos, direcionam as questões políticas, culturais, as situações do mundo do trabalho e até mesmo das relações sociais que se manifestam nos diferentes espaços.

Lage (2013), menciona que a educação produzida nos movimentos sociais é relevante para os sujeitos que deles participam, na medida em que muitos deles foram excluídos dos direitos básicos, a exemplo da educação escolar e que, portanto, a formação política e por vezes a formação política dentro contexto não-formal, formal e informal que se desenvolvem nestes é a única alternativa de educação que esses sujeitos puderam ter acesso durante toda sua vida.

Esse sentido político que se carrega dentro da formação educacional pensada em dados movimentos é relevante para emancipação do sujeito na medida que, assim como afirma Lage (2013):

Renova no sujeito o desejo de estudar por diversas razões, tais, como o sonho da conquista de direitos, a descoberta de novas subjetividades, a perspectiva de aproximação do saber como aspecto importante e instrumento de capacitação para luta política, a realização pessoal, entre outros. (p. 30)

Tais compreensões se dão no sentido de refletir sobre as relações que se estabelecem entre a educação formal, não formal e informal, pensada pelos movimentos e que nos direcionam ao estudo sobre as questões que perpassam a emancipação das mulheres e também dos homens que os compõem. Tais compreensões visam refletir sobre as contribuições que a organização pode trazer no que concerne à influência de seus espaços de formação no processo de empoderamento da mulher mediante a problematização de relações igualitárias, bem como o respeito das diferenças de gênero, tanto no contexto da sexualidade, quanto nas relações sociais e nas relações de trabalho.

Contudo, compreendemos que estes espaços de formação, dotados de um projeto político, direcionam sua metodologia de organização, sua compreensão de formação atrelada a essa concepção de organização social que os perpassa. Dessa forma, com foco na educação informal que se desenvolve mediante o debate e as experiências externas e

internas direcionadas pelo movimento, percebe-se essa relação entre a identificação de um modo vida atrelado à concepção de sociedade que o movimento defende. Sobre esta relação, Santos discorre sobre a influência da identidade do movimento na identidade do sujeito e menciona que:

A identidade é também um sentimento de pertença que assenta em experiências e em crenças partilhadas e nos constrói como sujeitos sociais articulados, com discursos e práticas inteligíveis. De fato, a construção da identidade tem um forte componente relacional que vai sendo formada na medida em que o sujeito social vai construindo as suas experiências sociais, alinhadas com seus valores e com as narrativas políticas, sociais e culturais. (SANTOS apud LAGE, 2013, p. 37)

Portanto, é pensando o diálogo entre as diferentes dimensões da educação, mas, sobretudo em destaque as experiências referentes à educação informal, que problematizaremos a relação entre gênero, emancipação e empoderamento da mulher que compõe os movimentos sociais que lutam pelo direito à terra, pautando as relações de desigualdade e buscando avanços no que concerne à sociedade mais justa e igualitária.

Análise dos dados

Organizando os depoimentos e relacionando-os aos objetivos de pesquisa

Levando em consideração os objetivos deste estudo, faremos a análise dos depoimentos apresentados pelos nossos cinco colaboradores que foram selecionados no intuito de buscarmos compreender a concepção que possuem sobre as questões de gênero no contexto das relações de trabalho, das relações domésticas e demais relações sociais, também, com a finalidade de compreendermos de que modo a identidade do MST os influencia na perspectiva de reconhecer se os conhecimentos construídos no processo de militância e formação política incidem na compreensão de mundo que estes sujeitos possuem.

A nossa primeira escolha consistia em localizar o/a responsável pelo setor de gênero, pois, por meio de aproximações anteriores tínhamos conhecimento que o movimento possuía exclusivamente essa coordenação para direcionar no sentido prático e ideológico as questões que perpassam as problemáticas de gênero. Ao verificarmos a disponibilidade dos sujeitos direcionamos a nossa metodologia de pesquisa por meio da

entrevista semi-estruturada considerando que pela instabilidade de tempo e localização da coordenação não teríamos possibilidades de acompanharmos e observamos a rotina de organização do trabalho a esta destinado. Questionamos a concepção do movimento sobre gênero e relações de trabalho, relações domésticas e relações sociais.

Os demais sujeitos escolhidos foram selecionados por critérios em comum que se tratava de ser militante do MST, estar em relação conjugal, exercer atividades remuneradas e a cada casal um dos sujeitos deveriam ser mulher considerando que nosso objetivo seria propriamente discutir a condição humana da mulher que está inserida dentro do movimento, bem como os fatores que incidem em seu processo de emancipação.

Com isto, destacamos inicialmente a concepção de sociedade que o movimento defende, bem como suas considerações no que concerne a processo de emancipação e empoderamento da mulher, bem como das manifestações de relações patriarcais no contexto de organização social.

Para entender de que modo o movimento pensa essas questões se fez necessário questionarmos que projeto de sociedade a organização defende, bem como que contextos estes consideram em suas análises referentes as relações sociais, desse modo a liderança do setor de gênero aponta:

A CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE E O PROJETO SOCIETÁRIO QUE O MOVIMENTO DEFENDE	A CONCEPÇÃO DE EMANCIPAÇÃO E EMPODERAMENTO QUE O MOVIMENTO DEFENDE	O RECONHECIMENTO DA INFLUÊNCIA SOCIOCULTURAL NA MANIFESTAÇÃO DE RELAÇÕES PATRIARCAIS
<i>(...) O MST A sigla ela já traz o nome que é movimento dos trabalhadores rurais sem terra ele tem um significado, essa organização tem um significado, é... uma perspectiva de mudança, não só de mudança, mas também de transformação para a classe trabalhadora camponesa organizada, né!</i>	<i>(...) é importante a gente fazer o trabalho com relação a essa questão, pra que a gente perceba de que forma foi formado a sociedade, infelizmente com essa questão da divisão sexual do trabalho. Por que? Ela é importante de ser trabalhada pra que a gente consiga compreender, é... essa</i>	<i>(...) Uma mulher ela é empoderada se muitas vezes há alguma coisa ela tá incomodada, né? Ainda, acha que tudo é natural e de que eu nasci pra isso, existe uma formação muito grande que vai além, que é uma das barreiras que eu digo e essas barreiras precisam ser rompidas e quando eu falo</i>

<p><i>Organizada e a partir desta organização a gente daí visa também uma mudança e uma qualidade de vida a partir da conquista pelo direito a terra, pelo acesso à terra na medida em que essa terra conquistada também dá liberdade pra que essa pessoas produzirem a sua própria alimentação e outros tipos de produção que depois a gente pode até conversar que é a produção do conhecimento do saberes, enfim, e enfim ter essa visão mais política de que precisa fazer luta principalmente dentro de um país como o Brasil que um país de um sistema capitalista que não beneficia a classe trabalhadora, mas em especial os camponeses.</i></p> <hr/> <p><i>(...) Em síntese a concepção a concepção de sociedade que o MST defende é uma sociedade assim, justa igualitária pra todos e pra todas, mas, que nós já conseguimos a perceber e a enxegar que temos uma sociedade capitalista e não é essa que nós queremos, essa daí que é capitalista ela</i></p>	<p><i>questão do que é o natural da coisa e o que é de que forma a sociedade se formou, então, para que fosse possível fazer essa mudança, para que as pessoas, em especial as mulheres consigam, é...entender, né! esse, esse, essa sociedade e qual foi o papel dela que encurralaram, que não foi construído com ela, inclusive a divisão sexual do trabalho, mas com a perspectiva de no seguinte, de quando a gente trabalha essa questão de igualdade, estar no pé de igualdade a divisão sexual do trabalho ela não é mais importante pra uma sociedade, como eu disse pra você, igualitária e justa.</i></p> <hr/> <p><i>(...) a partir do ano de 2003, em tal, em todo Brasil que foi a titulação do conjunto da terra, né? Ou seja, o homem sozinho ele já não é mais o titular, né? Da terra. Antes do que isso só o homem ou talvez era o titular ou a mulher não tinha o direito, existiu, enfim, e era muito...era de uma certa forma decepção grande pras mulheres, no caso havendo uma separação e que ela a única coisa que levava talvez</i></p>	<p><i>dentro de uma concepção da formação religiosa num é qualquer cultura que a gente quebra que a formação religiosa ela forma muito pra essa questão da submissão, essa coisa de, de, de, é...ah... eu tenho que está sempre, é...é...como é que eu posso dizer, subserviente a alguma coisa a alguém servindo ao senhor por exemplo o marido ou a alguém mais ou menos assim do sexo masculino. Existe uma formação assim muito grande religiosa e aí além do mais existe alguns fundamentos religiosos ainda, esses fundamentos religiosos de certa forma atrapalha nessa questão dos avanços também, embora todas quando a gente fala de avanços vise apenas a questão econômica e a econo... a questão econômica por si só, ela não, eu digo que ela não transforma as pessoas principalmente essa questão da ideologia, então a gente precisa fazer mais um campo de formação e isso tem sido uma barreira, e quando se fala na divisão sexual do trabalho ainda é muito comum, principalmente,</i></p>
---	--	---

<p><i>excluí, já surgiu no esboço da exclusão e quando se trata de exclusão todas as pessoas digo negros, negras, pobres, índios, e aí então, enfim, toda classe ela tá assim tipo nessa margem, então, a sociedade que nós defendemos no momento é uma sociedade socialista.(Colaboradora I)</i></p>	<p><i>seja só os filhos, se tivesse não tinha mais nenhum direito, e tão vendo isso tem sido um grande avanço a titulação da terra que hoje cada um tem seu NIS de titulação sai no nome do homem e no nome da mulher e por isso tanto um quanto o outro tem o direito iguais, então, isso é um a conquista importantíssima pra, na luta pela terra, tem sido uns avanços e permanência da, inclusive das mulheres, são elas também de dizer: - Eu também tenho o mesmo direito! Então isso faz com que as mulheres assumam algumas responsabilidades, isso é um avanço também importante significativo é...dentro do, dentro dessa perspectiva da mínima transformação e da permanência da mulher, né? (Colaboradora I)</i></p> <hr/> <p><i>(...) quando nossa, a nossa organização surgiu em 84, criou pelo menos a sigla, é... foi se pensando logo de que para as mulheres participar foi uma imposição de certa forma das mulheres, então pra participar tinha que ter</i></p>	<p><i>principalmente com as camponesas ela ter o trabalho na roça e ainda chegar em casa fazer os trabalhos domésticos. (Colaboradora I)</i></p>
---	---	--

	<p><i>algo determinante de com relação a educação, a escola então isso foi importante e, isso já foi partindo de um avanço, né? De que dizer assim: -Essa luta também precisa de mulheres, essa luta vai sem a mulher, uma música que diz assim: A luta sem mulher vai pela metade. É como se fosse um corpo sem a parte do membro que anda manco então assim, os avanços que já vem tendo não só que o MST mais outras organizações camponesas foi o trabalhar dessa questão da paridade essa paridade daí muitas pessoas consideram equidade de gênero e aí outro trabalha essa questão da cota e aí a gente diz assim conta a gente também a gente tá bem assim, digamos, a cota pode ser importante, mas a paridade é muito mais desses 50% homens 50% mulheres e aí é uma grande construção. (Colaboradora I)</i></p>	
--	--	--

Por seguinte, mediante as colocações do setor de gênero sobre a importância da escolarização estar a serviço do processo de formação política da mulher, dos espaços de escolarização do MST e a responsabilidade de pensar a escola enquanto espaço de construção do conhecimento emancipador, também das limitações do movimento no que concerne a existência de mulheres que limitam a compreensão de trabalho apenas a

atividade remunerada e aquelas que ainda aquelas que e encontram em relações conjugais as quais não superaram a cultural capitalista e patriarcal que determina a casa e os afazeres domésticos enquanto “coisas de mulher”. Por meio da problematização dessas questões também se destaca os espaços de ascensão social que o movimento tem propiciado as mulheres por meio de ocupação de cargos de confiança. Diante disso elencamos os depoimentos que se destacam em suas colocações sobre:

FORMAÇÃO POLÍTICA	ESCOLARIZAÇÃO	TRABALHO	DEMANDAS OCUPACIONAIS
<p>(...) olha... eu tenho uma certa restrição de falar a respeito disso, mas vou te falar uma coisa com muita sinceridade. Existe pessoas e aí eu não vou louvar o analfabetismo, não, nunca foi a minha, a minha ideologia de forma nenhuma, até por que eu tenho a uma, uma, um pensamento é... e aí não são pensamento de dizer que, aprender a ler e escrever decodificar os códigos da leitura e escrita é um direito, não, não permito de que eu, de dizer, assim - ah! O país ele está da forma como está por que é por causa daquilo ou</p>	<p>(...) essa questão da escolarização. Dentro do movimento tem um setor que chama-se setor de educação, esse setor ele pensa na perspectiva da escolaridade, da perspectiva da educação da formação de forma que nós teremos que educação que nós queremos e tem sido, assim, uma luta específica do movimento também dentro do campo essa questão da escolaridade. Além de pensar na escolaridade a gente também de que forma, é...o nível de escolaridade pra quê que ele vai servir e</p>	<p>(...) eu digo que mesmo elas sabendo que, que agora se cansa, que agora trabalha, que muita não tem essa visão, se perguntar: - Quem trabalha na sua casa? Ela dizia: -É meu marido. Mas quem que varre casa, lava prato, cozinha? -Eu. - Mas quem é que trabalha? É meu marido. Então assim essa visão do trabalho ainda ta muito ligado a essa questão é... (Colaboradora I)</p> <hr/> <p>(...) então a mãe não trabalha, né? Então fica invisível o trabalho da mulher dentro de casa,</p>	<p>(...) quando fala dessas questões e das relações de gênero, quando dessa situação que se chama divisão sexual do trabalho e dentro dessa visão política de que é uma visão política assim poder se dizer que -Ah! A mulher nasceu pra isso, pra cuidar, que é pra poder zelar, tem sido um pouco mais fácil para os homens e que hoje dentro da própria militância muitas mulheres também estão conseguindo esse patamar, conseguindo, tendo essa conquista, até porque também os companheiros nossos até já deram um salto</p>

<p>disso outro não, agora também pode crer que a luta ela forja a gente. Tem mulheres que você diz assim, ela tem um discurso e muito articulado e quando você vai olhar a história aquela pessoa as vezes muito mal sabe escrever, tem outras que tem uma formação que de fato não tem uma oratória igual àquela outra pessoa então as duas coisas elas são importantes de que aconteça, né? E ela aconteça dentro de um, de um contexto só que a, a essa leitura ela tem que ser associada a luta e a história.</p> <p>(Colaboradora I)</p>	<p>não que seja para o mercado de trabalho apenas e sabe que o mercado de trabalho ele é importante, mas assim, no campo do direito, é muito mais importante que as pessoas saibam decodificar os códigos de escrita, da leitura do saber e como um direito não como, um, algo pra poder crescer até os 30 ou 40 anos, mas que sirva pra vida inteira.</p> <p>(Colaboradora I)</p> <hr/> <p>(...) O processo de conscientização, de preparação ele se dá no coletivo, mas o aprendizado ele é individual, certo? É uma coisa tua que não dá pra eu dizer assim, se para eu aprendi, eu aprendi ler com meu esforço, meu e teu, mas algo que se diz assim que não é algo nem espiritual, não é nada nem é disso, to</p>	<p>entendeu?</p> <p>(Colaboradora I)</p> <hr/> <p>(...) quando o trabalho passa a ser prazeroso ele seja lá de onde, de onde você estiver, seja uma pesca seja uma casa que seja construída, seja uma cozinha, seja uma, um, um lavar roupa, um passar ferro ainda é prazeroso? Tá sentindo prazer? Então você tá sentido realizado ali dentro daquele trabalho ele deixa de ser esse trabalho por pura obrigação de você fazer para agradar alguém. Então ele deixa de ser, é... um trabalho sem submissão, então o que vale a pena assim a gente fazer esse diferencial entre o trabalho doméstico e trabalho lá fora é essa questão de fato da realização com prazer que você tem que você sente de</p>	<p>de qualidade muito bom, num é aquela ainda precisa, que diz – agora já basta! Agora nós conseguimos! Não...nós temos muita coisa ainda a ser feita, mas, dentro dessa perspectiva de mudança de transformação diante do que se fala temos conseguido alguns avanços ou vários avanços significativos.</p> <p>(Colaboradora I)</p> <hr/> <p>(...) O que nós temos opinado enquanto, enquanto militante é que, é... as mulheres por exemplo, ela pra poder se manter dentro, dentro da luta dentro de uma mudança ela precisa também fazer uma outra luta também. As mulheres por exemplo casada e daí eu vou partir daqui porque você também não perguntou isso, volta e meia ela ta</p>
---	--	--	--

	<p><i>falando do aprendizado mesmo. (Colaboradora I)</i></p> <hr/> <p><i>(...) A concepção do movimento é que a gente consiga, é... adquirir todas as fontes digamos de, de melhorias ali a partir de dentro da sua própria área digamos, através do assentamento, através da própria produção e dentro dessas produções existe, é...o...o... como é que se diz? Os grupos que vão inserindo essas pessoas, é a associação, a cooperativa, é...tem alguns projetos hoje do governo federal que é o BAI e PENAI que inserem essas pessoas também de uma certa forma de uma forma direta em relação a produção, essa, esse é o nosso desejo.</i></p> <p><i>(Colaboradora I)</i></p> <hr/>	<p><i>sempre negociando (hun?!) e a negociação, é: Eu preciso ir pra uma reunião e daí então, eu tenho que conversar (isso é um exemplo, né?! que muitas fazem) Ahh! Eu preciso conversar com a vizinha pra tomar conta do meu filho, eu preciso conversar com alguma comadre e uma vizinha que passe o olho lá e tal e tal e tem sido também esta luta sempre precisando de uma outra companheira, de uma outra pessoa, mas que quando se trata dessa questão mesmo da liberação, dessa questão do, do recurso pra vida na militância ela, ela tem trazido um certo desafio muito grande, umas conseguem permanecer na militância , é...sem o mínimo e outras diz – Não, não eu vou partir pra outro</i></p>
--	---	--

	<p>(...) aqui no agreste existe o polo têxtil como você sabe e aqui existe uma grande indústria de costura e que muitas, é...não tem uma renda que ta ali, é...a sua renda não tem então vai lá como se fosse pra poder agregar ali, a costura, as facções, né? Como você conhece, então, muitas vezes, na, aquilo é caso específico, né? Não é geral do movimento ou de Pernambuco, mas aqui em Caruaru é muito comum de você ver alguma facção dentro da casa de algumas mulheres. Então ali é como se fosse uma produção a parte que ela ta ajudando ali na família também e aí quando a gente diz assim: -Que produção você produz se ela não sai de casa muitas vezes? Ela cria porco, ela</p>	<p>campo por que nós temos um outro objetivo, mas eu não abandono a luta. Então tem também essas duas situações não tem uma específica. (Colaboradora I)</p>
--	---	--

		<p><i>cria uma galinha, por que isso nunca é contabilizado na questão econômica, mas a galinha ela, ela dá ovo por exemplo, se ela fosse comprar esse ovo lá fora quanto não custaria? Então a mulher também ela dá conta dessa pequena produção que para o mercado de trabalho é como se fosse uma produção invisível, mas se você fosse somar a quantidade que quanto custa um ovo essa mulher produz, ela tem esse cuidado, aí estar um quintal produtivo e é uma hortaliça traz de casa, então, é muito comum existir e que isso nunca venha a pesar é também uma forma de produção.</i></p> <p><i>(Colaboradora I)</i></p>	
--	--	---	--

De primeiro momento destacamos o que a colaboradora I discorre sobre a importância da escolarização para o processo de formação política da mulher. Quando questionamos a importância do conhecimento produzido na escola para a mulher que está no movimento fomos direcionados a refletir que na concepção sobre emancipação da mulher que o MST

defende os conhecimentos, a exemplo dos processos de leitura, escrita, decodificação dos códigos das linguagens são relevantes na medida em que estes auxiliam a de forma independente a realizar a leitura não apenas da palavra escrita, sobretudo, a leitura das questões sociais de seu tempo, fazendo uso da autonomia que a capacidade de ler e escrever pode lhe propiciar.

A colaboradora I também menciona a existência de espaços de educação formal existentes no MST, isto porque quando a mesma fala de educação escolar também se refere a quem se beneficia com os conhecimentos produzidos na escola. O MST cria seus espaços de formação para que seja possível aos sujeitos do movimento usufruir e serem educados socialmente e profissionalmente por meio de um currículo e uma concepção de educação onde a produção do conhecimento esteja a favor dos objetivos políticos e pedagógicos que a organização defende, sendo eles a possibilidade de combater por meio da educação as desigualdades sociais e garantir o direito à educação e formação plena na perspectiva de humanização do sujeito social.

Ao se colocar sobre a formação política da mulher, a importância do processo de escolarização enquanto instrumento para sua formação política, a colaboradora I se reporta sobre as outras duas dimensões que compõem o processo de emancipação da mulher ao tratar de trabalho remunerado, trabalho doméstico e as demais demandas ocupacionais da mulher.

Quando fala de trabalho remunerado a colaboradora I aponta uma das problemáticas que de acordo com a mesma foge ao controle do MST e que atinge o movimento atualmente, trata-se justamente da aquisição do trabalho remunerado com a produção têxtil (costura, acabamentos e afins ...) enquanto um dos principais setores que movimentam a economia na cidade de Caruaru-PE. Esta nova forma de empregabilidade da mulher tem colocado não apenas ela, também sua família em função das relações de produção, pois embora a mulher não necessite se deslocar de sua residência para trabalhar a mesma permanece com a carga horária de trabalho excedente inclusive ao tempo que assumiria caso estivesse trabalhando fora de casa.

Teremos, portanto, a otimização dos gastos da empresa porque não esta não investirá em manutenção do espaço de trabalho, no deslocamento do profissional até a empresa mantendo a exigência de quantidade de produtos a serem produzidos dentro de um tempo estipulado e que por sua vez leva a mulher a ignorar os demais afazeres e até

mesmo a solicitar colaboração dos filhos para cumprir o trabalho doméstico e também auxílio para concluir o trabalho remunerado.

Essa dinâmica de acordo com a colaboradora I não é a concepção de trabalho que é o MST defende, mas, pela necessidade de complementar a renda familiar ou até mesmo para adquirir bens e serviços desejados pela mulher essa passa a optar por esta forma de vida e mesmo percebendo a rotina exaustiva a qual está submetida é convencida pelas necessidades materiais a permanecer vendendo sua força de trabalho.

Quando não exploradas pelas relações de trabalho remunerado as mulheres são submetidas a exploração do trabalho não remunerado que as limita no cumprimento tarefas da militância, contudo, essa relação de exploração não se restringe apenas as relações patriarcais nas quais é exigido pelo homem que a mulher esteja a seu serviço e seja confinada ao ambiente doméstico, para além disto trata-se da necessidade dessa mulher colaborar para com a rotina do homem que por vezes é acompanhada da dupla jornada de trabalho e que não deixa outra alternativa este que não seja distribuição das responsabilidades do trabalho doméstico a mulher.

Para além das discussões sobre os elementos que estão envolvidos no processo de emancipação da mulher, buscamos evidenciar que metodologia o movimento adota em seu processo de formação política visando compreender as possibilidades de aprendizagem propiciada nestes espaços de formação, bem como os avanços que o MST obteve nesta trajetória através de uma pedagogia que no campo não-formal, formal e informal da educação visa atender aos objetivos políticos e pedagógicos da instituição. Portanto, os depoimentos nos esclarecem que as formações adotam a seguinte estrutura:

ESPAÇOS DEDICADOS A FORMAÇÃO SOBRE A LUTA DAS MULHERES	METODOLOGIA DE FORMAÇÃO POLÍTICA DESENVOLVIDA PELO SETOR	SUJEITOS ENVOLVIDOS NA FORMAÇÃO
<p>(...) <i>A gente tem aproveitado muito esses espaços da própria formação de fazer encontros, encontro estadual, embora os encontros estadual não tenham saído, mas, os</i></p>	<p>(...) <i>Dentro desses espaços em que são constituídas muitas vezes a gente divide elas em grupos, grupos organizados através de ordem temáticas e aí veja, muitas vezes esses grupos retorna com os</i></p>	<p>(...) <i>O MST ele tem feito muito e...assim como tem feito outras tarefas que, que os outros setores são responsáveis e nessa questão das mulheres o movimento vai, ele vai criando força é... também dentro da</i></p>

<p>encontros regional, encontro dentro das áreas com mulheres, reuniões, isso sempre acontece, esses são só espaços e tem sido um espaço de, de luta, de organização, de formação que é no início do ano que a gente sempre fala a jornada das mulheres que se dá em função ali da semana do 8 de março, né? Por toda questão histórica da luta, do que foi a luta das mulheres, por, e o que veio transformar o 8 de março. Então isso tem sido uma luta um espaço de formação de, de participação das mulheres onde as mulheres participam por que acreditam também que esse tem sido o espaço de construção de emancipação, né? (Colaboradora I)</p>	<p>objetivos, né? Do que querem fazer, do que almejam, por exemplo: Ah, se vai ter uma luta agora em março, mas em dezembro a gente sempre se organiza no encontro estadual do MST e vamos traçar o que vai acontecer em março. Então essa metodologia de pensar antes, de dizer assim o que nós vamos fazer, o que nós vamos levar, o que, quais são os cartazes vamos ler... vamo ver isso, então, essas são a forma metodológica. (Colaboradora I)</p>	<p>área de assentamento. <i>Que antes a gente fazia e até hoje tem sido uma batalha muito grande da gente fazer outros encontros mais digamos a nível de estado, mas já fizemos muito. Quando a gente não consegue fazer a nível de estado fazemos nas regiões nove, dez grupos, doze mulheres</i> então que vão discutir o que, isso aqui, quais são a própria metodologia que são utilizadas. (Colaboradora I)</p>
--	--	--

Quando menciona os “encontros de mulheres” a colaboradora I destaca em seu depoimento que as militantes do movimento acreditam nas possibilidades de mudança que as estratégias de organização da luta pensadas nesses espaços propiciam para as questões que envolvem a luta das mulheres no contexto das relações de gênero e de combate ao sistema capitalista.

Os espaços metodologicamente são organizados inicialmente para problematizar estratégias de ação e intervenção e para isto a problematização por meio do debate, de ouvir e questionar aquilo que se mostra incoerente ou que necessita de maior ênfase são

alguns dos direcionamentos tomados através desses espaços disponíveis nos “encontros de mulheres” e que de acordo com a colaboradora I é composto principalmente por mulheres que colaboram na organização dos grupos e que realizam esses debates em suas bases que são os assentamentos e os acampamentos considerando que o processo de formação inicia nestes espaços.

Com os demais colaboradores analisamos a compreensão sobre trabalho remunerado, trabalho não remunerado, suas expectativas com relação à profissionalização, escolarização, qualidade de vida e processo de emancipação e empoderamento da mulher, considerando que esta tem sido alvo do sistema capitalista e patriarcal.

Nossa análise destaca nos depoimentos as seguintes problemáticas no contexto das relações de produção e das demandas ocupacionais:

COLABORADORES	CONCEPÇÃO SOBRE O QUE É TRABALHO	DEMANDAS OCUPACIONAIS REMUNERADAS	DEMANDAS OCUPACIONAIS NÃO-REMUNERADAS
COLABORADORA II	Compreende trabalho enquanto instrumento para emancipação, aprendizagem e produção da vida.	Consegue caracterizar o que se caracteriza enquanto trabalho remunerado e realiza a compreensão de estar no movimento desenvolvendo um trabalho específico e a importância de receber a remuneração pelo serviço realizado	Compreende que as demais atividades realizadas no movimento enquanto colaboradora dos setores são atividades que se caracterizam enquanto não-remuneradas, contudo, menciona que realiza porque se sente motivada em colaborar com o

		ao disponibilizar sua força de trabalho.	crescimento e formação das companheiras de militância.
COLABORADORA III	Compreende trabalho enquanto meio de produção dos bens necessários a subsistência humana.	Ao mencionar que não realiza atividades assalariadas põe em evidencia sua compreensão sobre o que vem a ser trabalho remunerado e entende a agricultura familiar como um trabalho remunerado que garante a renda familiar.	Compreende que as atividades domésticas se caracterizam como trabalho e que a carga horária destinada essas atividades são reduzidas na medida que ocupa maior parte do seu tempo nas atividades remuneradas.
COLABORADORA IV	Compreende trabalho enquanto princípio de toda existência.	Compreende o que é trabalho remunerado quando menciona o trabalho de costura que realiza para empresários do polo de indústrias têxteis de caruaru-PE.	Compreende o que se caracteriza enquanto atividade doméstica e diz que a realização destas é função de todos que compõem a família.

COLABORADOR V	Compreende trabalho como meio de produção dos bens materiais.	Compreende o que é trabalho remunerado quando cita os dois serviços assumidos no campo e na indústria têxtil.	Compreende o que são atividades não remuneradas e assume a responsabilidade de realiza-las quando possível.
---------------	---	---	---

É interessante destacar que as famílias compreendem que se caracteriza enquanto trabalho remunerado e a maioria dos nossos colaboradores se encontram realizado este tipo de atividade e além disso recebendo por parte da família a colaboração na realização das atividades não-remuneradas.

Todos os colabores destacam que independente do sexo seus filhos colaboram com as atividades domésticas, pois, para além de orientá-los que é incorreto a sobrecarga de tarefas a único membro da família, também justificam que a ocupação de tempo nas atividades remuneradas não deixa outra alternativa a quem não trabalha e passa o dia no ambiente doméstico.

Outra situação relevante é que um dos colaboradores de nossa pesquisa (o colaborador V) realiza atividades domésticas sempre que necessário mesmo assumindo uma dupla jornada de trabalho e também colaborando nas atividades da agricultura. Percebe-se que essa relação entre a atribuição de tarefas por meio dos sexos aos poucos vai se desfazendo na medida que as necessidades exigem do homem e das mulheres outras posturas. Quando se tratando da mulher entender que o homem pela sobrecarga de trabalho pode se isentar de cumprir deveres domésticos e aquando se tratando do homem este avançando e compreendendo que a relação se faz na medida em que todos percebem a importância de tonar o fardo do outro menos cansativo e dentro dos seus limites buscar colaborar.

É significativo avaliarmos essa postura pois dentro do MST a cultura de colaboração é um princípio do movimento e que na medida que os sujeitos interagem e percebem a dinâmica de organização pautada nessa postura acaba que pelo exercício das

próprias orientações que é dado no percurso de militância assumindo novos comportamento que podem perpassar as fronteiras do movimento.

A influência do sistema capitalista e patriarcal no contexto de organização da vida por meio da realização das relações de trabalho na qual também se desenvolvem as relações sociais foram analisadas nos depoimentos dos nossos colaboradores e para isso questionamos os elementos econômicos e socioculturais visando evidenciar como as relações econômicas por meio das relações de produção incidem no processo de empoderamento da mulher e emancipação de ambos os sujeitos.

Desse modo, investigamos o tempo de escolarização como fator importante para o processo de emancipação dos sujeitos, as disponibilidades e as oportunidades para permanecer frequentando o ambiente escolar/ universitário, bem como a motivação em frequentar esses espaços. Desse modo pudemos destacar as seguintes questões:

COLABORADORES	TEMPO DE ESCOLARIZAÇÃO	DISPONIBILIDADE E OPORTUNIDADES PARA SE ESCOLARIZAR	MOTIVAÇÃO PARA RETONAR A ESTUDAR
COLABORADORA II	Estudou até realizar o Ensino superior completo.	Teve possibilidades oferecidas pelo MST para se especializar em educação de jovens e adultos, mas por problemas de ordem pessoal desistiu.	Sente desejo de retomar o processo de formação superior e se dedicar a especialização que havia se proposto e não concluiu.
COLABORADORA III	Estudou até realizar o Ensino médio completo.	Acredita que a idade, a disponibilidade de transporte e a distância dos espaços escolares a impossibilita a retomar o seu	Diz que não pensa em retomar, mas quando instigada a falar os motivos, menciona que até poderia retomar o processo de escolarização par se

		processo de escolarização.	profissionalizar em técnica agrícola, as que não ver possibilidades pela indisponibilidade do curso dentro da cidade.
COLABORADORA IV	Estudou até realizar a 3ª série do ensino fundamental I.	Indica que não possui tempo para se dedicar a estudar.	Menciona que gostaria de retornar a estudar.
COLABORADOR V	Estudou até realizar a 4ª série do ensino fundamental I.	Condiciona sua volta escola ao turno da noite por considerar que não possui tempo d estudar durante o dia devido o trabalho remunerado.	Menciona que gostaria de retornar a estudar.

O tempo de escolarização acima mencionado nos depoimentos a desenvoltura dos colaboradores para entender e se colocar frente as questões que trouxemos nas entrevistas que também são questões problematizadas dentro do movimento, no entanto, quando fazemos uso de uma linguagem coloquial alguns passam a apresentar dificuldades de compreender vocábulos simples da nossa linguagem a exemplo da palavra “remuneração” quando foi utilizada para questionarmos sobre o exercício de trabalho assalariado.

Não saber mencionar quantas horas trabalhavam também foi outra dificuldade de um dos nossos colaboradores por não saber contabilizar as horas e necessitou de nossa interpretação do vocábulo para poder compreender a questão. Quando analisarmos a dependência que o nosso colaborador teve com relação a nossa interpretação sobre a questão de exercer “trabalho remunerado” ou de saber quantas horas trabalha por dia percebemos o quanto no campo de exercício da cidadania essa dependência é prejudicial na medida que por não dominar os códigos de leitura e escrita está vulnerável a

manipulação de informações que por vezes só poderia ter acesso por meio da leitura e da compreensão dos códigos e vocábulos que compõem a nossa linguagem.

A nossa análise sobre as lacunas e limitações que o interromper da escolarização provoca se faz evidente quando nos depoimentos da colaboradora I a mesma também menciona que essa dificuldade prejudica os sujeitos do movimento no processo de formação política na medida em que este isentos da autonomia que a leitura propicia se limita aos discursos realizados nas formações e não tem a liberdade de estender sua compreensão por meio de outros estudos pois sempre se depara com a incapacidade de ler e conhecer outras interpretações sobre as problemáticas que o movimento toma enquanto pauta de luta.

Uma outra dificuldade que surge nesse processo são as oportunidades de retomar o processo de escolarização abandonado pelos diferentes motivos apresentados por nossos colaboradores, pois, não se trata apenas de motivação para retomar os estudos, também de disponibilidade de recursos e condições suficientes e exemplo disto mencionam que existe a vontade de se profissionalizar, se especializar para atender os jovens e adultos do próprio MST, existe o desejo de acrescer seu tempo de escolarização, contudo, fatores como disponibilidade de tempo, disponibilidade de transporte, possibilidades de encontrar cursos que estejam relacionados ao tipo de trabalho associado a produção por meio da terra são incisivos para que não se motivem retornar a formação escolar.

As atividades de trabalho ocupam grande parcela de tempo dos indivíduos na sociedade contemporânea, de forma a: submeter os sujeitos a organizarem suas vidas em torno dos horários e das normatizações impostas ao trabalhador; expandir essa dinâmica de organização até o espaço destinado ao controle da família que, por sua vez, dependente economicamente de um emprego, passa a se tornar submissa do modo de organização do sistema capitalista.

Compreendendo a gravidade e o impacto dessas nos sujeitos que compõem o MST buscamos investigar até que medida os nossos colaboradores estão submetidos a dedicação de tempo a esta forma de trabalho remunerado, também ao trabalho não remunerado e o que resta em seu tempo para se dedicar ao descanso e ao lazer em sua dimensão de aquisição cultural quando ao compreendido: [...] como possibilidade de emancipação e desenvolvimento humano,” ainda a participação cultural como uma das

bases para a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade...” (LEMOS apud MARCELLINO, 2009, Pág. 12). A partir dessa compreensão investigamos:

COLABORADORES	CARGA HORÁRIA DISPONIBILIZADA PARA O TRABALHO REMUNERADO	CARGA HORÁRIA DISPONIBILIZADA PARA O TRABALHO NÃO-REMUNERADO	TEMPO DEDICADO AO LAZER
COLABORADORA II	Não estipula tempo e diz que dedica o que for necessário para cumprir as tarefas de seu trabalho, pois, sente satisfação em realizar.	Menciona que não tem tempo estipulado porque nessa modalidade de trabalho sempre existe algo a se fazer.	Associa lazer a pequenas atividades do dia-a-dia e menciona que sempre que esta com as pessoas que gosta se sente dedicando tempo ao lazer, seja no trabalho remunerado, seja em outras atividades de sua rotina.
COLABORADORA III	Entende que o trabalho é importante, mas atualmente realiza uma pausa de tempo para cuidar da maternidade.	Diz que pouco se dedica a estas tarefas pois conta com a colaboração de sua filha que a acompanha e auxilia no seu atual período de gestação.	Menciona que o tempo dedicado ao lazer se restringe as atividades culturais que o movimento propicia e que organiza junto a igreja que participa.

COLABORADORA IV	Dedica seu tempo a atividade de costura sem realizar pausas prolongadas até conseguir cumprir toda produção.	Diz que o trabalho não remunerado é 24h, mas ressalta que os filhos colaboram e que nos fins de semana assume a responsabilidade de cuidar desse tipo de trabalho.	Diz que seu lazer se dá nos momentos que possui tempo para viajar com a família condicionando esse momento ao tempo que restar após realizar o cumprimento da atividade de trabalho remunerado e não-remunerado.
COLABORADOR V	Realiza dupla jornada ocupando 12 horas diárias de trabalho.	Diz que para além de se dedicar ao trabalho remunerado por 12h também ajuda a mulher com as atividades domésticas (não – remuneradas) sempre que preciso.	Diz que se diverte quando sobra tempo para jogar bola e direciona seu lazer a esta atividade cultural.

Por meio dos depoimentos dos nossos colaboradores percebemos que não existe a separação de tempo para as diferentes atividades de trabalho muito menos para o lazer, deixando para este último um tempo não planejado que por vezes acaba comprometendo sua existência.

Essa (des) organização do tempo leva a mulher e a família a situações nas quais pouco podem se reunir para juntos realizar alguma atividade de lazer não só por estes entenderem lazer sob diferentes perspectivas, mas pela própria carga horária de trabalho que limita o tempo e em alguns casos os recursos para investir em atividades dessa

natureza, restando as opções destinadas pelas atividades que são gratuitas e que de um certo modo os convida a se retirar de sua rotina.

MST e as questões de gênero no processo de formação política e divisão do trabalho

Discorrendo sobre os depoimentos dos sujeitos à luz das teorias referentes a Gênero, Formação Política e Divisão Social do Trabalho no contexto da organização social e das relações informais de educação desenvolvidas pelo MST, analisamos os depoimentos recolhidos em diálogo com o setor de gênero deste movimento.

Não é recente a luta das mulheres e neste estudo anteriormente já destacamos que a busca por emancipação e pelo reconhecimento enquanto cidadã a acompanha ao longo dos tempos. Contudo, se faz necessário destacar que essa subalternização das mulheres perpassa por um elemento decisivo que se faz presente sobretudo no contexto da luta de classes. Não é em vão que avistamos no discurso da colaboradora do setor de gênero por nós entrevistada a preocupação do movimento em romper com esta lógica que, ao longo dos anos, tem se reinventando e provocado inúmeros problemas sociais. Porém, se faz necessário ressaltar que não é toda organização que pauta os direitos das mulheres, que entende e se apropria da luta, dedicando ênfase e emergência à necessidade de romper com a lógica do sistema capitalista. Dessa forma, Saffioti (2013), discutindo a necessidade de uma luta que reconheça e faça embate as raízes dos nossos problemas, menciona que:

Se os objetivos dos movimentos feministas constitui, de fato, a completa igualdade social dos sexos, cabe também encarar a conquista dos direitos civis e políticos para as mulheres como uma mera etapa do processo de sua emancipação e indagar, de um lado, se o feminismo esgotou suas possibilidades de atuação social e, de outro, se a ordem social capitalista é compatível com a ideologia de plena igualdade entre os sexos (p.159).

É importante nos reportarmos a esta reflexão mencionada nos estudos de Saffioti (2003) para aqui discorreremos sobre a relação entre a luta das mulheres e a luta contra o capital. Isto porque, se bem analisarmos, a mesma autora irá neste mesmo trabalho se reportar aos avanços das lutas das mulheres e destacar a organização dos grupos feministas. Contudo, irá nos reportar a uma reflexão que nosso estudo tem por objetivo evidenciar, que diz respeito à necessidade de que a luta das mulheres esteja atrelada à luta de classes.

A condição humana da mulher perpassa todas estas condições da luta de classes pois, para além desta estar situada em todos estes tempos históricos em que esta subsiste, a mesma se faz enquanto componente de todas as esferas em que há opressão do sistema capitalista. Se configura, desta forma, seja na família, nas fábricas, na agricultura, nos movimentos sociais e até mesmo dentro do próprio Estado.

É preciso que nesse contexto se considere que a mulher é submetida a um sistema socioeconômico que, em sua lógica, não escolhe sexo para subalternizar (Saffioti, 2013) e quando realiza essa opção de oprimir em função da questão de gênero parte dos benefícios que este posicionamento permeado por intencionalidades pode lhe propiciar, fazendo uso da escolha de sexos em função de seus objetivos.

No jogo do capitalismo, no qual somos todos mercadorias, se hoje é propício a venda da força de trabalho da mulher, então digamos que ela é útil, capaz, competente, quando o contrário, ela é a mulher que tem que ser do lar. Em prol da manutenção desse sistema, é preciso o fortalecimento de concepções ideológicas que defendam a mulher nessas duas condições. Desse modo, estrategicamente, novas formas de se reinventar surgem no capitalismo. Porém, estas se manifestam sem que perca a essência do próprio sistema que consiste na renovação das relações de exploração e acumulação do trabalho, renovação esta que se constitui ao longo dos tempos, conforme Saffioti (2013) menciona:

Um modo de produção, como fenômeno histórico que é, não surge inteiramente acabado. Em cada uma de suas concreções singulares, o tempo exigido para sua plena realização varia em função dos numerosos fatores socioculturais específicos de cada sociedade (p. 58).

O que é importante destacar é que não importa o tempo histórico, olhamos para todos os lados e o que vemos é a mulher sendo sempre menos, mesmo quando ela por defesa realiza esforços para mostrar que é “útil” e que como qualquer outro indivíduo possui seu valor social, por outro lado quando esta ascende socialmente, passa a ser mão de obra explorada pelo capital ganhando menos e trabalhando em maior carga horária, por vezes sem direitos trabalhistas que considere sua condição enquanto mãe, mulher e mantenedora do lar.

Diante desses fatos, eis a necessidade e o cuidado de analisar com maior precaução o que objetiva ser essa mulher minoritária socialmente. E nessa análise leva em consideração os fatores que estão atrelados às opressões vivenciadas por esta ao longo

dos tempos. Novamente, nos reiterando dos clássicos estudos que se desdobraram sobre a história de luta de mulheres no Brasil, voltamos a destacar o que Saffioti (2013) ressalta:

A tradição de submissão da mulher ao homem e a desigualdade de direitos entre sexos não podem, contudo, ser vista isoladamente. Sendo a família a unidade econômica por excelência nas sociedades pré-capitalistas, a atividade trabalho é também desempenhada pelas mulheres das camadas menos privilegiadas. Embora não se possa falar em independência econômica da mulher (esta é uma noção individualista que nasce com o capitalismo), pois o trabalho se desenvolvia no grupo familiar e para ele, o mundo econômico não era estranho a mulher (p. 63).

Portanto, é preciso considerarmos os elementos culturais citados nos depoimentos da colaboradora I. Quando menciona que a condição de submissão da mulher esta evidentemente posta em prol da manutenção do sistema capitalista que direciona a cultura, a religião, as relações de trabalho, a educação, ou seja, se faz presente em todas as formas em que se configuram as relações sociais e necessita dessa intervenção ideológica para se manter enquanto modelo econômico.

O processo de formação política, escolarização, trabalho e demandas ocupacionais da mulher como fatores diretamente decisivos à sua emancipação.

Para pensar as relações de trabalho nos dias atuais e, além do mais, no contexto de organização social das famílias que residem no campo, é necessário levarmos em consideração diversos elementos que compõem a dinâmica de vida desses sujeitos. Dentre esses elementos, podemos considerar, sobretudo, que as políticas públicas não alcançam as necessidades básicas desses territórios, dificultando o modo de vida desses grupos, que encontram dificuldade de acesso à saneamento básico, abastecimento de água, serviço de transporte, atendimento à saúde e acesso à educação.

Portanto, se faz necessário problematizar que se acumulam dificuldades atreladas às necessidades diárias de se locomover ao trabalho, à escola, aos afazeres domésticos. Tais elementos não deixam outra opção às comunidades rurais a não ser se submeter à rotina desgastante de maior carga horária de trabalho para prover alimentação e os gastos domésticos. Essa realidade é evidente nos depoimentos de uma das mulheres colaboradoras do nosso estudo quando podemos destacar, a exemplo:

Não, assim, o que eu, o que me interessava era... eu queria ser técnica, técnica pra trabalhar no campo (...) Mas como aqui não tem, só tem fora aí... ”(Colaboradora III)

“Frequentar uma faculdade, já tenho 38 anos e a gente tem que ir pra pista andar isso tudinho pra pegar um transporte, tem essas coisas todinha. ” (COLABORADORA III)

Dentro dessas demandas, as oportunidades são reduzidas e as expectativas de qualidade de vida são restritas à sua realidade. O desejo de permanecer se dedicando a sua profissionalização é evidente, contudo, outros elementos de ordem econômica retiram dessa mulher a possibilidade de investir em seu processo de escolarização. Dessa forma falar da luta das mulheres do campo exige de nós um outro olhar diferenciado da mulher que, estando na área urbana ainda pode contar com dados benéficos.

No século XXI, muitas das pautas feministas se dedicam a exigir a ocupação da mulher no mercado de trabalho, em postos assumidos outrora apenas pelo sexo masculino. Em contrapartida teremos uma outra realidade quando se fala de profissionalização para o processo de emancipação da mulher trabalhadora rural, considerando todas as dificuldades que esta enfrentaria para se locomover ao trabalho. Tal condição acaba não despertando na mulher o interesse em trabalhar fora de sua residência, deixando-a conformada em ser apenas a mulher doméstica.

A inserção da mulher no mercado de trabalho enquanto garantia de visibilidade e afirmação de sua identidade de gênero necessita ser analisada, pois, conforme Wood (229) menciona: A primeira característica do capitalismo é ser completamente indiferente as identidades sociais das pessoas que explora. (p.229)

Ao oposto da inserção a conformação também pode não ser um elemento a ser comemorado pois deveria vir da mulher a escolha por ocupar uma profissão. Contudo, não é válido que para se submeter à lógica do sistema capitalista esta abandone filhos, cuidados domésticos e as relações afetivas que possui em família quando pode dedicar maior tempo a estas demandas. Porém, um outro problema se configura, pois, não tendo possibilidades de trabalho, a sobrecarga de responsabilidades financeiras obriga o homem a se manter assumindo o lar e retira também do mesmo a oportunidade de optar por sua

melhoria de vida quando também se isenta de frequentar a escola pela necessidade de manter maior carga horária de trabalho para poder assumir a renda familiar.

Não está distante da realidade o que Saffioti (2013) nos aponta com relação à importância da família para manutenção do sistema capitalista, sobretudo quando menciona que é relevante para o capital ter a família a serviço de quem assume o trabalho-remunerado mantendo as condições necessárias para que permaneça produzindo sua força de trabalho em prol do lucro dos capitalistas.

Portanto, enquanto este membro da família trabalha para além dos dias e das noites a exemplo da nossa colaboradora IV a família se responsabiliza pela organização dos afazeres domésticos, que por vezes são invisibilizados pelo capital por não estar diretamente dedicado ao seu serviço cumprindo apenas a função de manter a ordem, o cumprimento dos serviços domésticos, para que o membro da família que exerce atividade remunerada possa descansar e no ciclo constante retornar a rotina de trabalho

Nessa concepção, o homem ou a mulher da luta de classes reproduz a mesma concepção de família que o burguês, pois percebe o outro como mero instrumento de produção ao seu serviço e para além disto a submete ao trabalho gratuito para manter os interesses do capital, que consiste em ter mão-de-obra constante e de baixo custo (e no caso do trabalho doméstico, sem custo algum) para acelerar a produção.

Por essa lógica, por vezes se alimenta as relações patriarcais quando se fala que esse indivíduo que permanece em casa é a mulher não apenas pela condição de ser o homem aquele que no momento está empenhado, mas também pelos resquícios de preconceito a que esta mulher trabalhadora foi condicionada quando passou a ousar ocupar as fábricas. (Priore e Bassanezi, 2008) menciona que tais mulheres eram consideradas prostitutas por assumir o espaço público e menciona que a sua inserção nesses espaços era justificada enquanto principal causa dos casos de adultério, perda da virgindade e relações de prostituição e, portanto, as mulheres deveriam se afastar e deixar estes espaços a serem assumidos apenas pelos homens.

No nosso estudo os colaboradores não manifestam esse comportamento que faz de acordo com estudos de Sérgio Buarque de Holanda e Antônio Cândido (1995) se faz enquanto herança do sistema escravista por meio do qual se manifestava as relações de dominação em que homens e mulheres eram considerados propriedades de outros homens. De acordo com Santos e Oliveira (2010), é:

Indissociável dos mecanismos de dominação-exploração do sistema capitalista, é, pois, impossível trabalhar as dimensões de gênero fora desse contexto. As relações desiguais de gênero se apresentam como objetivação atualizada do patriarcado, enquanto sistema que domina e oprime as mulheres (p.14).

Portanto, Saffioti (1987) discorre que não seria inteligente tal comportamento por parte do homem da luta de classes quando menciona que a renda de trabalho diminui na medida em que o homem por posicionamento de machismo sozinho assume o mercado de trabalho e se coloca como único provedor da família, também quando diferente disto o machismo aliado aos interesses do capitalista se configura desvalorização do trabalho da mulher sendo este trabalho remunerado de forma inferior aos homens frente ao tempo e a disponibilidade que dedica ao trabalho na empresa.

No contexto em que o nosso estudo se configura, uma das famílias colaboradoras compreendem que é importante a divisão de tarefas domésticas e, portanto, assumem a importância de não fazer do matrimônio uma relação da força de trabalho do outro, também mencionam que embora existam dificuldades por vezes pela falta concordância ou consenso conseguem por meio do diálogo para resolução de qualquer situação entre eles e isso é significativo na medida em que não temos uma relação de subordinação ou dominação. Reconhecem também a necessidade de olhar para as fragilidades do/a outro/a, a exemplo de manter a mulher em casa devido ao seu período de gestação.

Por meio desta problemática Saffioti(2013) menciona que a luta pela inserção da mulher no mercado de trabalho não se faz apenas a colocando nos postos que anteriormente não assumia mas sobretudo dando condições para que esta mulher assumisse esse posto com olhar direcionado para os aspectos da condição do seu sexo a exemplo do período de gestação lhe garantindo direitos que contemplem essa condição biológica que acompanha e que por meio disto as políticas e a legislação pudessem pensar o lugar dessa mulher em suas especificidades.

Contudo, vale ressaltar que uma das famílias colaboradoras do nosso estudo trabalham em um dos setores do movimento, a agroindústria. As relações de trabalho mencionadas pelos colaboradores com relação a este ambiente de produção do MST são bastante diferenciadas frente a lógica de organização de uma empresa que se assegure por um modelo de produção capitalista.

De acordo com os depoimentos, existe o cuidado de realizar estudos com os trabalhadores sobre a função do que chamam de “agroindústria”, sobre a realização do

trabalho e até mesmo das relações de gênero entre os/a trabalhadores/as, pois, a concepção de trabalho defendida pelo movimento consiste em pensar as relações de produção aliadas ao trabalho em seu sentido educativo isso fazendo com que os trabalhadores percebam que estão aprendendo por meio do trabalho, visando gerar a satisfação no cumprimento das tarefas.

Dessa forma, destaca-se no movimento uma concepção de trabalho que não apenas cuida de educar, mas também de criar uma rede colaborativa através da qual os próprios trabalhadores do movimento participam do processo de produção desde o plantio até a entrega da mercadoria aos clientes. Nesse contexto, o trabalho se apresenta em seu sentido emancipador na medida que há essa participação dos agricultores no processo, não deixa de se tornar um espaço de aprendizagem porque estão constantemente pensando como inovar suas mercadorias e seus modos de produção e também se faz em uma relação justa na medida em que todos se apropriam do que é produzido seja pelo consumo.

Diante do que foi elencado sobre trabalho e emancipação, se esclarece que é importante para mulher o trabalho remunerado, contudo, que trabalho esteja acompanhado de seu sentido emancipador, também que seu processo de escolarização seja útil para torna-la mais participativa, incisiva nas questões de ordem pública, no exercício de sua cidadania também o processo de construção do conhecimento que em prol do confinamento de nossas ignorâncias o qual vai se dando na medida em que me apropriado dos elementos necessários para ler o mundo em que me situo.

Empoderar a mulher, portanto, é apresentar as condições necessárias a suja emancipação lhes assegurando a liberdade política, econômica e cultural, apontando-a como sujeito da sua própria história, bem como também implica:

“[...] numa transformação das estruturas de subordinação através de mudanças radicais na legislação, direitos de propriedade, e outras instituições que reforçam e reproduzem a dominação masculina” (SARDENBERG apud SEN GROWN, 2006, p.05).

A exemplo disto, temos uma das conquistas do coletivo que é a condição de paridade nos processos de tomada de decisão levando em consideração a mulher enquanto sujeito que compõe e luta no movimento e, portanto, deve usufruir do poder de decisão sobre as questões da organização. Um outro avanço consiste nessa relação de colaboração entre as famílias, quando estas compreendem a importância de distribuição das tarefas e,

de modo coletivo, assume as demandas da rotina, mesmo quando assume atividade remunerada. Essa colaboração de acordo com Saffioti (1987) é uma dimensão do comportamento masculino que a passos lentos avançam, contudo por meio dos depoimentos temos percebido que nosso colaborador tem avançado nessas questões pois todos assumem posturas solidárias frente a rotina e questões de ordem social que passam suas relações.

Os colaboradores reconhecem a importância de ajudar nos afazeres domésticos para que seja possível a igualdade entre os sexos, embora fiquem externamente a mercê de outras condições de opressão que a necessidade de se submeter ao mundo do emprego lhe impõe. Portanto novamente a questão do empoderamento da mulher por meio de sua emancipação considerando que é preciso evidenciar o protagonismo da mulher no processo de lutas e transformações sociais sem ignorar que esse protagonismo precisa contemplar a mulher da luta de classes em suas condições econômicas e socioculturais.

Formação política, através de uma pedagogia que educa os sujeitos para as relações de gênero no campo não-formal e informal da educação

Como já discutimos anteriormente, o MST se dedica à problematização das questões de gênero. E, para isto, são pensados alguns espaços: o trabalho realizado nas bases (acampamentos e assentamentos); nos encontros estaduais e regionais, bem como as atividades de militância que debatem e propõem a luta em torno que direciona a responsabilização e o rompimento do sistema que sustenta mazelas econômicas e culturais.

Na medida em que percebemos tais espaços de problematização, queremos aqui evidenciar uma das condições para formação que Gohn (2006) manifesta enquanto a formação política e que vai se dar justamente pelas vias das organizações e instituições externas à escola. Para isto a autora aponta que se faz necessário, ao direcionarmos nosso olhar para a prática de organização dos movimentos sociais, identificarmos quem são os sujeitos que o compõe, a sua origem social, as suas carências de ordem material ou simbólicas e a relação de articulação existente entre as bases, as lideranças e assessoria visando identificar a coerência ideológica entre estes.

Durante a análise dos depoimentos dos nossos colaboradores, pudemos evidenciar que a organização do MST, no contexto de problematização das questões de gênero, se

desenvolve no campo da militância e da formação política, na medida em que fazem uso de espaços planejados para pensar as lutas sociais da mulher e que direcionam a socialização dos objetivos, das intencionalidades dessas lutas, bem como da interação e do diálogo entre os sujeitos emancipados que orientam uns aos outros a pensar as relações e cotidianamente se empoderam no sentido de criar condições para relações mais humanizadas. Relações estas pautadas no respeito ao outro e no sentimento de coletividade, companheirismo e consciência de que se faz necessário romper com a cultura que subalterniza a mulher, recria relações sexistas e fortalece a desigualdade entre os sexos.

De acordo com as colaboradoras, essa desconstrução dos elementos culturais está continuamente sendo realizada, na medida que já existe a distribuição de tarefas domésticas, a participação da mulher nos espaços políticos do movimento, o exercício da autonomia nas decisões de natureza familiar e até mesmo a saída da mulher para o mercado de trabalho.

Para compreender a influência da militância no processo de formação dos sujeitos dos movimentos é importante levar em consideração a análise das práticas dos movimentos sociais e dos sujeitos que estão inseridos nestes, práticas estas que de acordo com Gohn (1997) podem estar no campo das ações diretas e dos discursos a depender de como e em qual, campo de estudo investigamos a atuação desses sujeitos que na perspectiva do nosso trabalho se direciona a buscar entender no âmbito das relações externas e internas as situações vivenciadas mediante a militância, ao trabalho e as relações domésticas.

No campo da pedagogia a nós importa a análise de como se dá as relações educativas nesses espaços de formação e com isto não podemos deixar passar a dialeticidade existente entre as práticas de formação que se desenvolvem no contexto da educação não-formal e informal. Se tratando da primeira (educação não-formal) que vai se dar justamente por meio dos encontros e das formações do setor de gênero quando tratar de questões específicas desta categoria e se tratando desta última quando esses conhecimentos construídos nos espaços de educação não-formal direcionam o comportamento, as concepções ideológicas, as leituras sobre as questões sociais e possibilita que o sujeito reinvente outras formas de estar em sociedade e com isto produzir o conhecimento ou a educação que vai se dar por meio dessas relações de troca de saberes onde a partilha de suas experiências e concepções políticas serão decisivas para sua

qualidade de vida. Também da manifestação da consciência dos sujeitos que compõem a organização frente à necessidade de, em suas relações cotidianas, ser coerente e tomar como princípio a justiça nas relações sociais, para que seja possível romper com essa dinâmica de exclusão da mulher.

Ganhem e Trilla discorrendo sobre o diálogo entre a educação não-formal e informal, mencionam que uma está a serviço da outra e retiram da escola a responsabilidade de todo processo de formação e humanização dos sujeitos quando ressaltam a educação e sobre isto ressaltam:

[...]A escola deixou de ser o único lugar de preparação para a vida ativa, porque a própria vida está se transformando em uma escola de aprendizagem. Dessa realidade não podemos deduzir uma absorção da segunda pela primeira, mas uma coexistência porque ambas necessitam. Da primeira, são imprescindíveis os fundamentos básicos, de onde se devem integrar as novas aprendizagens; da segunda recebemos experiências, informação e o estímulo para ir pondo em dia continuamente os conhecimentos e suas aplicações nos âmbitos tradicionalmente estabelecidos (TRILLA apud ROMANS, 2008, p. 81).

O debate sobre as problemáticas que emergem no contexto de luta das mulheres contra o capitalismo e o patriarcado. O empoderamento desta mulher, inserida enquanto líder desses espaços de formação, estando a frente dos setores de organização do movimento e, sobretudo, liderando as lutas sociais se faz enquanto manifestação igualitária das relações de poder e que, ao serem tomadas a-de forma contínua, torna de hábito e empodera a mulher para assumir o lugar que lhe é negado em outros espaços de organização da vida social. A criação de relações igualitárias no contexto de organização das relações de produção também surge quando, a título de posse, a mulher se torna proprietária da terra que também lutou para conquistar direito que inicialmente lhe era negado.

Se faz necessário compreendermos que a pedagogia, como instrumento direcionador das práticas educativas, enfrenta inúmeras limitações nos movimentos sociais, assim como em qualquer outro espaço em que esta se encontra. Contudo, é preciso reconhecer que existem contribuições ao processo de formação humana quando se fala da politização dos sujeitos que compõe a organização, sobretudo de acordo com suas limitações, marcadas pelos resquícios e traços culturais de uma concepção de sociedade que sobrepõe homens a mulheres.

Podemos perceber que existe, por meio do diálogo, a progressiva aceitação, consciência e, por fim, a obrigatoriedade de se manter de forma igualitária em suas relações cotidianas. Frente a isto, o homem do movimento não só luta contra as internalizações culturais que carrega em sua formação, mas também necessita combater a lógica subjacente à organização da sociedade que constantemente afirma as relações de desigualdade.

Neste percurso os espaços de problematização das questões de gênero, capitalismo e patriarcado são significativos na medida em que estes sujeitos reconhecem por meio do meio do espaço que a mulher protagoniza nos movimentos. Também pelo estudo desenvolvido nos espaços de formação e pela militância junto às mulheres, o lugar da mulher e, nesse contexto, exercita a relação de respeito as diferenças, a necessidade de pautar os interesses da coletividade em prol de um projeto societário não excludente e também por meio da consciência de classe que permite a este sujeito a leitura de mundo capaz de fazê-lo identificar as mazelas e as raízes dos problemas sociais na qual vai se perceber enquanto explorado pela organização do modo de vida regido pela lógica do sistema capitalista. Além disso, vai encontrar a mulher em uma condição por vezes bem mais inferior à sua considerando todo processo de lutas históricas que dizem de como a sociedade capitalista e patriarcal tem marginalizado a condição humana da mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo compreender as relações educativas que se desenvolvem no contexto de organização do MST em Caruaru-PE, para isto fizemos uso da entrevista semiestruturada através da qual foram recolhidos os depoimentos de militantes responsáveis pelo setor do MST e também outros militantes que compõem a organização.

Por meio do recolhimento da entrevista realizamos análise dos dados referentes as informações recolhidas e a partir de uma análise crítica por meio dos estudos que discorrem sobre a problemática de gênero no contexto de emancipação da mulher levando em consideração os fatores trabalho, formação política e escolarização enquanto elementos importantes para o processo de emancipação e empoderamento da mulher.

Neste percurso pudemos concluir que os sujeitos colaboradores do nosso estudo compreendem a importância do MST em seu processo de formação, concebem trabalho em seu princípio educativo e emancipador embora estejam limitados a sobreviver do trabalho organizado por meio da lógica capitalista.

A dupla jornada de trabalho vivenciada pelas mulheres do movimento que necessitam trabalhar em casa, no campo e nas atividades do próprio MST, a precariedade das condições de trabalho daquelas que são empregadas no polo têxtil e desenvolvem o trabalho costura dentro da própria residência, a disposição para o trabalho assalariado e o trabalho doméstico nos levam a refletir sobre o quanto as mulheres que se constituem na luta possuem consciência dos mecanismos que a explora, contudo, a dependência econômica não deixa outra alternativa que não seja se submeter a qualquer e diversas atividades remuneradas que possam trazer ou complementar a renda familiar já que seus companheiros também estão no mercado de trabalho assumindo uma dupla jornada.

A colaboração dos filhos para manter os pais trabalhando nos leva a compreender que estes são educados para a colaboração, contudo, também estão sendo utilizados em sua força de trabalho considerando que o trabalho por eles realizado seria assumido por aqueles que estão fora ou até mesmo dentro de suas casas realizando alguma atividade remunerada.

Sobre as questões de gênero identificamos que o movimento planeja e realiza ações educativas por meio de espaços nos quais são problematizadas questões referentes a condição da mulher inserida na luta de classes e para além disto o movimento também se preocupa em dentro de seus espaços de produção se organizar por meio de uma concepção e trabalho que associe a satisfação, o conhecimento e a igualdade de sexo nas relações sociais e de produção.

O MST tem buscado problematizar as questões de gênero que se configuram no campo das relações culturais e compreende as limitações que o movimento possui por considerar que não realiza a formação dos sujeitos sozinhos e que estes também são influenciados por outros espaços educativos os quais nem sempre estão preocupados em romper com as opressões e por vezes passam a afirmá-las. Identificamos também a paridade entre gêneros nas relações políticas da organização, enquanto forma de resistência de organização e de afirmação da mulher no combate à desigualdade de sexos,

A concepção de trabalho dos homens e mulheres movimento assume uma postura ideológica pautada em valores e princípios de igualdade que se faz em processo de construção, mas que já demonstra uma postura consciente por meio dos militantes homens do movimento. O interesse da mulher do MST à sua escolarização se associa por sua vez a investir em formação que a qualifique para o trabalho que realiza por satisfação e por vezes a atividades de organização do próprio movimento.

Uma outra condição importante de levarmos a destaque é a incidência do processo de formação política da mulher frente a suas concepções ideológicas, ou seja, a leitura que esta mulher é capaz de fazer sobre seu próprio processo de emancipação, pois, dos depoimentos daquelas que estão a maior tempo e com maior grau de participação e interação no movimento percebemos que esta sabe diferenciar as relações de trabalho que se desenvolvem no contexto das atividades domésticas e as relações externas que também se fazem enquanto relações de produção, contudo, a mulher de menor incidência participativa compreende apenas a atividade remunerada enquanto trabalho.

O homem e a mulher do MST percebem o processo de exploração a qual está submetida por meio da dupla jornada de trabalho, contudo, entendemos que se estes não possuem recursos materiais e simbólicos necessários para romper com este estado de marginalização e por meio por meio da luta, da militância, da organização em massas enxergam a garantia de que por meio das intervenções políticas surgirão as mudanças necessárias à sua qualidade de vida.

No campo da militância a mulher percebe por meio dos estudos e da consciência que o próprio processo de formação a ajuda desenvolver os mecanismos e as diferentes facetas da exploração de classes, se percebe explorada, sente no seu dia-a-dia, inclusive para militar o quanto é difícil ser mãe, proletária e atender a rotina de militância, enxerga nitidamente o quanto sua força de trabalho ainda está a serviço do capital e é justamente abraçada por este sentimento de revolta que a mulher que estuda e milita pelo movimento encontra motivos para pressionar o Estado e as forças coercitivas nele existente à garantir seus direitos e legislar de modo a garantir o enfraquecimento do sistema de exploração capitalista que também se apropria dos mesmos mecanismos de poder para continuar explorando a força de trabalho, coisificando as relações sociais e mantendo homens e sobretudo mulheres enquanto mercadorias.

No contexto do nosso estudo consideramos que o processo de emancipação, portanto está associado as relações da mulher com o mundo do trabalho o qual pode ser responsável por sua melhoria ou por sua degradação, também a sua escolarização e a sua formação política considerando que para esta formação política acontecer com qualidade a mesma necessita fazer uso das habilidades de leitura, escrita e apropriação das diferentes áreas do conhecimento humano ensinadas na escola.

Aliado aos conhecimentos escolares deve estar sua formação política na qual a mesma irá garantir que esse processo de conscientização aconteça e esteja atrelado a seu posicionamento para lutar, intervir e exigir melhores condições vitais não apenas para si, também para seus companheiros de luta e militância que também são marginalizados pelo sistema capitalista.

Portanto, o estudo nos direciona a compreender que as ações educativas do MST dentro de suas limitações caminham em direção de problematizar, organizar e realizar as lutas pelos direitos das mulheres por meio da formação política na qual existe o espaço de ouvidoria e de diálogo sobre as questões que perpassam a condição humana da mulher, também nos espaços de produção de conhecimento do movimento que fazem enquanto educativos na medida em que existe o estudo e a problematização das relações de gênero no contexto de organização das tarefas que se desenvolvem nos espaços de produção e por meio da produção do conhecimento quando as mulheres lideram os diversos setores e coordenações e com isto se dedica a pensar as concepções políticas e ideológicas que o movimento assume frente as questões sociais direcionados por seus princípios.

Dessa forma produzindo conhecimento, trabalho o movimento por meio de sua militância cria possibilidades de garantir os direitos das mulheres e das classes minoritárias, na medida em que constantemente se dedica a pensar e repensar as suas concepções posturas ideológicas, suas práticas de organização e com isto nesse exercício constante de identificação das problemáticas sociais criam possibilidades de contribuir para o processo de formação, desconstrução das relações sexistas e emancipação da mulher que também em relação de solidariedade deve estar comprometida com a emancipação dos demais sujeitos sociais.

Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- CANETTI, Elías. **Masa Y poder**. Barcelona, Espanha: Muchnik Editores, 1981.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Centauro, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini- Aurélio- século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira – 4ª Edição, 2001.
- GIL, Antonio Carlos. **Método e técnicas de pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. - São Paulo, SP: Boitempo, 2011.
- LAGE, Allene. **Educação e movimentos sociais: caminhos para uma pedagogia da luta**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Paris: Éditions Anthropos – 4ª ed, 2000
- LEMOS, EMBC., DANTAS, ER., and CHAO, CHN., orgs. **De portas abertas para o lazer: a cultura lúdica nas comunidades de bairro**. In: <http://books.scielo.org>. Acesso em dezembro de 2015.
- LOUREIRO, Isabel Maria. Rosa Luxemburg: revolução e democracia. In: **Trans/Form/Ação**. Ano 11.P 6 1 - 6 7, São Paulo,1988.
- LUNA, Iúri Novaes. Seres humanos, trabalho e utopias. In: **Psicologia & Sociedade**. Edição 19.Especial 1.P, 7-13, 2007.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Dossiê **Manifesto do Partido Comunista**. In: **Estudos Avançados (12) 34, 1998**.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. In: **Estud. av.** vol.15 no.43 São Paulo Sept./Dec. 2001.
- PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a Educação. In: Interface - **Comunic, Saúde, Educ.** 1. Agosto, 1997.
- PRIORE, Mary Del e BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1993.
- RIBEIRO, Matilde e PIOVESAN, Flávia. Dossiê 120 anos da Abolição. In: **Estudos Feministas, Florianópolis**, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes**. São Paulo: Expressão Popular,2013.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos e OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. In: **Rev. Katál. Florianópolis**. v. 13 n. 1 p. 11-19 jan. /jun. 2010.

SARDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. In: Pathways of Women's Empowerment. Disponível: www.pathwaysofempowerment.org. Acesso em dezembro de 2015.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

SILVA, Felipe de Oliveira e. Ensaio sobre o trabalho de campo restrito. In: **Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar** –Nº 18 – mai. /jun./jul./ago. 2009 – Quadrimestral – Maringá – Paraná – Brasil – ISSN 1519-6178.

STÉDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil**. São Paulo: Atual, 1997.

TOLEDO, Caio Navarro de. O golpe contra as reformas e a democracia. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 47, p.13-28 – 2004.

TRILLA, Jaume. **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

WOOD, Ellen Meikasins; **Democracia contra capitalismo: A renovação do materialismo histórico**. São Paulo, Boitempo, 2001.

Apêndice



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE (CAA)

NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Graduando (a): Jéssica Sylvania Sobral da Silva

Orientador (a): Prof.^a Dr^a Katharine Nínive Pinto Silva

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Local de entrevista: Secretaria do MST em Caruaru-PE

Horário: 9 horas

Data: 10/11/15

Dinâmica de organização da entrevista: Conversa Individual

Colaborador (a) entrevistado (a) – Liderança do setor de gênero do MST – Caruaru-PE

Critérios para seleção de cada colaborador (a)

A liderança deste setor pensa de forma mais específica as estratégias de formação para o movimento frente as questões de gênero. Nesta condição a selecionamos visando identificar os avanços e limitações do coletivo no que concerne a discussão e a organização de espaços de formação que possam problematizar sobre a divisão sexual do trabalho, o processo de escolarização da mulher do movimento e a compreensão sobre o trabalho, atribuição de papéis sociais e atividades ocupacionais de homens e mulheres que estão inseridos/as em uma sociedade que está organizada sob a lógica capitalista e patriarcal.

Planejamento de questões para entrevista

- O que vem a ser o MST dentro da sua concepção enquanto militante que o compõe?
- Em síntese, qual a concepção de sociedade que o MST defende?

- De que forma o MST compreende a relação entre gênero e divisão sexual do trabalho na sociedade?
- Para o MST é importante discutir as questões de gênero no contexto da divisão sexual do trabalho? Por quê?
- Como você percebe a relação de dedicação a militância, a vida familiar, ao trabalho doméstico, ao trabalho no campo e ao processo de escolarização daqueles/as que compõem o movimento?
- Frente as demandas de ocupação que a mulher trabalhadora do campo por vezes necessita assumir, na concepção do movimento é relevante que essa mulher para além das tarefas domésticas também ocupe o mercado de trabalho?
- Que avanços e limitações é possível destacar com relação ao processo histórico do MST frente as questões de gênero no contexto da divisão sexual do trabalho e de que forma isto tem influenciado na organização do movimento?
- Quais os espaços pensados pelo setor de gênero para problematizar as questões referentes a divisão sexual do trabalho e que metodologia para o trabalho pedagógico tem sido utilizada pelo movimento?
- Você percebe se existe na rotina dos que compõe o movimento a materialização dos saberes sobre as questões de gênero que foram compartilhados nos espaços de formação vivenciados no MST? Se possível, exemplifique.
- Destaque o que na sua concepção necessita ser levado em consideração para a formação dos que compõem o movimento nos dias de hoje frente as problemáticas de gênero.

Recursos utilizados

- Gravador para áudio – Registrar todo depoimento para posteriormente realizar a transcrição.
 - Caderno de anotações - Registrar o que pode vir a se tornar destaque na análise dos depoimentos.
 - Caneta esferográfica – Registrar o que pode vir a se tornar destaque na análise dos depoimentos.
 - Câmera fotográfica – Registrar os (as) colaboradores (as) entrevistados (as).
-

Estiveram presentes e assinam o recolhimento de depoimento referente as perguntas aqui elencadas

Responsável pelo setor de gênero do MST em Caruaru-PE

Aluno (a) pesquisador (a) responsável pelo desenvolvimento desta entrevista



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE (CAA)

NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Graduanda: Jéssica Sylvania Sobral da Silva

Orientadora: Katharine Nínive da Silva

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Local de entrevista: Assentamento do MST em Normandia – Caruaru-PE

Horário: 10h

Data: 26/11/15

Dinâmica de organização da entrevista: individual

Colaboradores/as selecionados/as

Colaboradores (as) entrevistados (as) – Membros de uma família em relação conjugal heteroafetiva, com filhos (as) e que um (a) dos (as) conjugues realizem mais de uma atividade laboral remunerada ou não.

Crítérios para seleção

O estudo com relação as famílias pautadas na compreensão de que esta se faz enquanto a superestrutura pautada por Karl Marx o qual evidenciava que o modo como a sociedade se organiza economicamente é elemento de influência sobre a concepção que esta mesma sociedade carrega em suas ideologias e que estas ideologias são constituídas pelas instituições que compõem a sociedade entre elas a família. Sobre esse pressuposto visamos identificar como se materializa a relação de homens e mulheres que residem no mesmo ambiente doméstico, que desempenham a maternidade e a paternidade, a responsabilidade de assumir a educação dos filhos, o cuidado com a relação, as atividades domésticas, a profissão para além do trabalho no campo e outras demandas diárias que compõe a rotina da família.

Planejamento de questões para entrevista

- Vamos a alguns dados. Nome (opcional), localidade, idade, tempo de escolarização, número de pessoas que residem com você, quantas trabalham e quantas estudam.
- Quanto tempo você compõe o MST? O que o MST significa para você? O que tem aprendido no movimento?
- Descreva sua rotina diária
- O que é trabalho para você?
- Você realiza alguma atividade remunerada?
- Quantas horas você trabalha e quantas horas você estuda?
- Quem realiza as atividades domésticas em sua casa? Quais tipos de atividade?
- Você costuma se divertir, sair, viajar?
- Você acha que uma mulher/homem exemplar é aquela que é capaz de assumir a rotina sem sobrecarregar seu companheiro?
- O que você acha de todos colaborar com as atividades domésticas?
- O que você acha de se dedicar um pouco mais a estudar?
- Vocês conseguem entrar em acordo e decidir o que é melhor para todos juntos?
- Como é ser mãe/pai, trabalhar e cuidar dos afazeres domésticos?
- Você deseja uma vida diferente ou acha que isto é suficiente para você?

Recursos utilizados

- Gravador para áudio – Registrar todo depoimento para posteriormente realizar a transcrição.
 - Caderno de anotações - Registrar o que pode vir a se tornar destaque na análise dos depoimentos.
 - Caneta esferográfica – Registrar o que pode vir a se tornar destaque na análise dos depoimentos.
 - Câmera fotográfica – Registrar os (as) colaboradores (as) entrevistados (as).
-

Estiveram presentes e assinam o recolhimento de depoimento referente as perguntas aqui elencadas

Militante do MST em Caruaru-PE

Aluno (a) pesquisador (a) responsável pelo desenvolvimento desta entrevista

Anexos

Transcrições das entrevistas semiestruturadas

COLABORADORA I

ALUNA PESQUISADORA: o que vem a ser o MST na sua concepção enquanto militante?

ENTREVISTADO (A): O MST A sigla ela já traz o nome que é movimento dos trabalhadores rurais sem terra ele tem um significado, essa organização tem um significado, é... uma perspectiva de mudança, não só de mudança, mas também de transformação para a classe trabalhadora camponesa organizada, né! Organizada e a partir desta organização a gente daí visa também uma mudança e uma qualidade de vida a partir da conquista pelo direito a terra, pelo acesso a terra na medida em que essa terra conquistada também dá liberdade pra que essa pessoas produzirem a sua própria alimentação e outros tipos de produção que depois a gente pode até conversar que é a produção do conhecimento do saberes, enfim, e enfim ter essa visão mais política de que precisa fazer luta principalmente dentro de um país como o Brasil que um país de um sistema capitalista que não beneficia a classe trabalhadora, mas em especial os camponeses.

ALUNA PESQUISADORA: Que concepção de sociedade O MST defende?

ENTREVISTADO (A): Em síntese a concepção a concepção de sociedade que o MST defende é uma sociedade assim, justa igualitária pra todos e pra todas, mas, que nós já conseguimos a perceber e a enxergar que temos uma sociedade capitalista e não é essa que nós queremos, essa daí que é capitalista ela exclui, já surgiu no esboço da exclusão e quando se trata de exclusão todas as pessoas digo negros, negras, pobres, índios, e aí então, enfim, toda classe ela tá assim tipo nessa margem, então, a sociedade que nós defendemos no momento é uma sociedade socialista é um sistema onde a gente precisa ter mudado ele que essa sociedade venha trazer uma nova visão também de vida pra...pra, para o Brasil e também para o resto do mundo que aí então visa essa questão da igualdade.

ALUNA PESQUISADORA: Existem relações internacionais no MST?

ENTREVISTADO (A): Existem, existem! Nós temos relações mesmo internacionais dentro do MST, existe já alguns setores de...que faz essa relação internacional com outros movimentos em outros países daí entra Venezuela, entra Cuba e... também outros países da, da Europa também, que não é tanto o quanto temos com Venezuela e temos com Cuba, então já tem esse intercambio, mas a gente tem, que é o “CRIS”.

ALUNA PESQUISADORA: É o CRIS?

ENTREVISTADO (A): É...não vou dizer assim o nome, mas chama-se as relações internacionais. Já foi criado dentro do movimento inclusive mantem essa política de fazer as relações

ALUNA PESQUISADORA: PORQUE geralmente os movimentos classistas eles têm essa relação, né...? Internacionais?!

ENTREVISTADO (A): Até porque a gente visa que é importante pra gente se manter vivo na história se manter com alianças e as relações internacionais ela é uma aliança, uma aliança de construção também e a gente visa também essa mudança pra que também contribua nessa propaganda de uma organização que tá ali num país lutando contra todo um sistema, é... degradante.

ALUNA PESQUISADORA: É... pra o MST é importante discutir as questões de gênero no contexto da divisão sexual do trabalho, porque, existem muitas discussões sobre gênero, né? mas no contexto da divisão sexual do trabalho, é...existe essa importância, essa especificidade de discutir isso ou se faz por outras vias?

ENTREVISTADO (A): Olhe, assim, a pergunta já é um pouco complicada, né? Mas eu acho bom porque depois você pode gravar reformando

ALUNA PESQUISADORA: Posso refazer... (risos)

ENTREVISTADO (A): Mas é importante a gente fazer em todas as formações talvez uma formação, por exemplo, de início como se fosse base das pessoas que não conseguem compreender o que é de fato essa questão de gênero, mas é importante a gente fazer o trabalho com relação a essa questão, pra que a gente perceba de que forma foi formado a sociedade, infelizmente com essa questão da divisão sexual do trabalho. Por que? Ela é importante de ser trabalhada pra que a gente consiga compreender, é... essa questão do que é o natural da coisa e o que é de que forma a sociedade se formou, então, para que fosse possível fazer essa mudança, para que as pessoas, em especial as mulheres consigam, é...entender, né! esse, esse, essa sociedade e qual foi o papel dela que encurralaram, que não foi construído com ela, inclusive a divisão sexual do trabalho, mas com a perspectiva de no seguinte, de quando a gente trabalha essa questão de igualdade, estar no pé de igualdade a divisão sexual do trabalho ela não é mais importante pra uma sociedade, como eu disse pra você, igualitária e justa.

ALUNA PESQUISADORA: É...agora falando da questão das relações sociais, né? Como você percebe a relação de dedicação ao mundo da militância, a vida familiar, ao trabalho doméstico, ao trabalho no campo e ao processo de escolarização daqueles que compõem, o movimento (não só mulheres), mas tanto homem como mulher?

ENTREVISTADO (A): Eu vou pegar pela última, né? Essa questão da escolarização. Dentro do movimento tem um setor que chama-se setor de educação, esse setor ele pensa na perspectiva da escolaridade, da perspectiva da educação da formação de forma que nos teremos que educação que nós queremos e tem sido, assim, uma luta específica do movimento também dentro do campo essa questão da escolaridade. Além de pensar na escolaridade a gente também de que forma, é...o nível de escolaridade pra quê que ele vai servir e não que seja para o mercado de trabalho apenas e sabe que o mercado de trabalho ele é importante ,mas assim, no campo do direito, é muito mais importante que as pessoas saibam decodificar os códigos de escrita, da leitura do saber e como um direito não como, um, algo pra poder crescer até os 30 ou 40 anos , mas que sirva pra vida inteira, e com relação(eu não vou seguir a sequência, mas eu sei que você organiza), e com relação a essa questão da militância, é...de fato tem sido uma escolha pra nós, é... não é que alguém te encurrala, daí você vai sentindo essa paixão de que é preciso, é...em qualquer espaço que você estiver e que você quiser ver uma mudança ou uma transformação até mesmo precisa de fato ter militância e a militância é você ter um pouco de sacrifício, mesmo com todas as dificuldades que estamos passando e você minimamente dizer que, se hoje eu tenho um determinado trabalho pra fazer com qualidade eu tiro uma hora, mas que você faça que vale mais que 24 horas que você viva eternamente pra aquela organização, não sei se você entendeu, mas que, esse é o espírito de militância, é...que é diferente do trabalho remunerado, eu digo que hoje precisaria de uma remuneração de uma certa forma, mas que pra isso a gente pudesse manter nossa militância e que a militância não seria nem a primeira, nem a última gente abandonar, né?! E daí então que se precisar abandonar que seja um processo de construção pra poder ajudar a romper outras, uma barreira e a gente conseguir romper outras.

Em relação a essa questão familiar como você falou que é mais essa coisa mais afetiva mesmo com relação a família nos já conseguimos discutir dentro da luta que dá pra conciliar, a família, a saúde, aos filhos, assim, nessa medida, é possível essa construção que ela é feita, é...volta e meia eu falo do sistema, né? Porque o sistema não permite isso e a gente vai lutar contra essa, toda essa onda forte que é do sistema que não dá nem

sequer o mínimo de condições pra ser militante e não é esse o papel do sistema e que a gente fazer isso já é uma militância, fazer esse sacrifício.

ALUNA PESQUISADORA: Mas você acha que é mais simples pro homem ou para mulher dar conta dessa rotina?

ENTREVISTADO (A): É mais simples para o homem. Quando fala dessas questões e das relações de gênero, quando dessa situação que se chama divisão sexual do trabalho e dentro dessa visão política de que é uma visão política assim poder se dizer que –Ah! a mulher nasceu pra isso, pra cuidar, que é pra poder zelar, tem sido um pouco mais fácil para os homens e que hoje dentro da própria militância muitas mulheres também estão conseguindo esse patamar, conseguindo, tendo essa conquista, até porque também os companheiros nossos até já deram um salto de qualidade muito bom, num é aquela ainda precisa, que diz – agora já basta! Agora nós conseguimos! Não...nós temos muita coisa ainda a ser feita, mas, dentro dessa perspectiva de mudança de transformação diante do que se fala temos conseguido alguns avanços ou vários avanços significativos.

ALUNA PESQUISADORA: Você acha que para mulher do movimento é mais importante, assim, numa visão mais geral, até porque cada um sabe as suas especificidades e as suas prioridades, mas, pensando como coletivo é mais importante para mulher ela estar no campo da luta ou ela assumir o processo de escolarização pra que ela venha a ter ascensão social?

ENTREVISTADO (A): Eu diria assim, certo?!porque, é complicado...mas, o que nós temos opinado enquanto, enquanto militante é que, é... as mulheres por exemplo, ela pra poder se manter dentro, dentro da luta dentro de uma mudança ela precisa também fazer uma outra luta também. As mulheres por exemplo casada e daí eu vou partir daqui porque você também não perguntou isso, volta e meia ela ta sempre negociando (hun?!) e a negociação, é: Eu preciso ir pra uma reunião e daí então, eu tenho que conversar (isso é um exemplo, né?! Que muitas fazem) ahh! Eu preciso conversar com a vizinha pra tomar conta do meu filho, eu preciso conversar com alguma comadre e uma vizinha que passe o olho lá e tal e tal e tem sido também esta luta sempre precisando de uma outra companheira, de uma outra pessoa, mas que quando se trata dessa questão mesmo da liberação, dessa questão do, do recurso pra vida na militância ela, ela tem trazido um certo desafio muito grande, umas conseguem permanecer na militância , é...sem o mínimo e outras diz – Não, não eu vou partir pra outro campo por que nós temos um outro objetivo,

mas eu não abandono a luta. Então tem também essas duas situações não tem uma específica. As mulheres por exemplo que estão na educação dentro, digamos fixo dentro da escola ela diz assim: - eu também tô fazendo minha luta aqui dentro da escola. E é um processo de militância, porque daí então você precisa volta e meia tá lá pagando algumas contas, algumas dívidas, isso e aquilo e pra isso precisa-se do mínimo, mas também não é essa coisa assim tão grande, até porque principalmente olhando hoje quem tem menos, ta muito, do ponto de vista ta um pouco tranquila, mas, não tem essa grande visão não.

ALUNA PESQUISADORA: Então, frente as demandas de ocupação que a mulher do campo (trabalhadora do campo) por vezes necessita assumir, (essas ocupações que a gente já falou, né? Educação, militância, vida familiar, trabalho doméstico, o próprio trabalho) porque, eu vi em por exemplo, o depoimento da Mauricéia que ela diz que tem mulheres que trabalham no campo, né? E ainda trabalham com costura.

ENTREVISTADO (A): É....

ALUNA PESQUISADORA: ...Assume dois papéis. É...Nessa concepção, na concepção do movimento é relevante que essa mulher pra além das tarefas domésticas ela também ocupe o mercado de trabalho?

ENTREVISTADO (A): Na concepção do movimento eu acredito que não, certo? A concepção do movimento é que a gente consiga, é... adquirir todas as fontes digamos de, de melhorias ali a partir de dentro da sua própria área digamos , através do assentamento, através da própria produção e dentro dessas produções existe, é...o...o... como é que se diz? Os grupos que vão inserindo essas pessoas, é a associação, a cooperativa, é...tem alguns projetos hoje do governo federal que é o BAI e PENAI que inserem essas pessoas também de uma certa forma de uma forma direta em relação a produção, essa, esse é o nosso desejo, mas, de frente ou contra talvez a esse desejo que não depende só do MST depende de um órgão, depende de um em grande parte principalmente dessa questão do projeto que é do governo federal digamos, né? E que não depende totalmente da gente e daí tanto mulheres quanto homens buscam outras rendas foram dali do assentamento. E aí vão mulheres por exemplo aqui no agreste existe o polo têxtil como você sabe e aqui existe uma grande indústria de costura e que muitas, é...não tem uma renda que ta ali, é...a sua renda não tem então vai lá como se fosse pra poder agregar ali, a costura , as facções, né? Como você conhece, então, muitas vezes, na, aquilo é caso específico, né? Não é geral do movimento ou de Pernambuco, mas aqui em Caruaru é muito comum de você

ver alguma facção dentro da casa de algumas mulheres. Então ali é como se fosse uma produção a parte que ela tá ajudando ali na família também e aí quando a gente diz assim: -Que produção você produz se ela não sai de casa muitas vezes? Ela cria porco, ela cria uma galinha, por que isso nunca é contabilizado na questão econômica, mas a galinha ela, ela dá ovo por exemplo, se ela fosse comprar esse ovo lá fora quanto não custaria? Então a mulher também ela dá conta dessa pequena produção que para o mercado de trabalho é como se fosse uma produção invisível, mas se você fosse somar a quantidade que quanto custa um ovo essa mulher produz, ela tem esse cuidado, aí estar um quintal produtivo e é uma horta atrás de casa, então, é muito comum existir e que isso nunca venha a pesar é também uma forma de produção.

ALUNA PESQUISADORA: É... você acha que as mulheres do movimento elas tem desejado pra além de estar no campo, pra além de estar no movimento, elas tem desejado outros patamares de ascensão social, outros cargos, outros espaços na sociedade?

ENTREVISTADO (A): Olha, é...eu não vou mentir pra você. Se a gente vai pra dentro de uma área de assentamento as mulheres por exemplo mais específico, se não tem uma expectativa lá dentro, por amor que ela trabalhe de sócio é claro que pode causar em algum tipo de desânimo mesmo, buscar outra perspectiva lá fora e como tá no direito dela de melhoria de vida que aquele lugar não tem, ninguém vai dizer - Tu é obrigada a ficar aqui, mas que de fato existe o desejo sim, é porque todo mundo quer uma melhoria de vida então, vai buscar onde tá oferecendo onde tenha melhores condições, mas que, é...a luta do movimento é que nunca sai uma juventude, nunca saia uma mulher, nunca saia um jovem pra ir pras grandes cidades buscar emprego porque também, olha lá! Ainda bem que não tem tanto, mas desse ponto de vista ainda existe sim, ainda tem essa visão e outras como eu dizia antes, né? Um se a gente for fazer uma comparação dos assentamentos que a gente criou na década de 90 que existia uma pobreza muito grande os nossos assentamentos hoje não vou dizer que são todos, que são muitos, mas muitos saíram dessa situação de, de extrema pobreza, a gente não vê mais aquelas pessoas muito degradadas, desdentado, pode até existir, mas a gente não vê esse número assim tão grande mais porque também nossa luta foi muito grande e com pessoas com muita baixa escolaridade não, sabe? Eu digo que hoje existe uma qualidade de vida, tem alguns assentamentos que a gente vai você se surpreende assim, mas tá na luta, mas que ainda existe quando ou uma mulher ou o homem, vai vendo que luta, luta e depois você diz: -Ah, eu não consigo ver aquilo que eu sempre sonhei! Então ele ou ela pode sim querer isso lá fora

ALUNA PESQUISADORA: Existe um diálogo do MST, com essa questão da... por exemplo, porque a gente vai pra história do MST e a gente vai vendo que alguns trabalhadores da cidade se aliaram a luta pelo direito à moradia, né?

ENTREVISTADO (A): Hunrun...!

ALUNA PESQUISADORA: ...Como é que se dá essa relação? Hoje, né? Ainda existe? A pessoa que está na cidade ela ainda migra? Ou a que ta no campo ela luta pela moradia na cidade?

ENTREVISTADO (A): E existe, é claro...a gente temos uma formação que se chama o trabalho de base, o trabalho de base ele é feito em todos os lugares com, onde a gente tem base na verdade, né? E aí é a mesma, se o povo estando em uma situação de pobreza, sem perspectiva, então, ao esse trabalho de base chegar na porta, da gente bater porta a porta, fazendo reunião, fazendo assembléia, indo entrar em contato com algumas lideranças de bairro isso assim acontece e foi o nosso trabalho a vida inteira foi fazer trabalho de base, assim, é tanto que é muito comum que em vários assentamentos tem aquele que diz: - Eu morei em bairro tal! Trabalhei em empresa tal! Fui disso aqui, eu conheço! Então é muito comum em qualquer um município seja de Pernambuco, de alagoas ou de qualquer estado do Brasil você ver alguém dizer que veio da cidade porque é de lá que vem o trabalho de base.

ALUNA PESQUISADORA: Existe alguma relação com a liga dos camponeses pobres? Porque pelo que em parece a liga ela sai do campo e por vezes ela vai pra cidade e ela luta pela permanência no campo, né?

ENTREVISTADO (A): Nós também do MST, uma das tarefas nossa por mais que seja difícil como já lhe disse é que as pessoas que vão pra terra ,ela permaneça lá, fazer aquilo que de fato as ligas camponesas fez que elas permaneçam, né por acaso que a gente tem as ligas camponesas, centros contestados, enfim, por aí... que é como se fosse um espelho pra nós do movimento e aí a gente se espelha muito nessas lutas passadas pra que a gente consiga se fortalecer agora claro, talvez, incida alguns erros mais nunca repetindo os erros que houve nas outras lutas, mas que tem sido uma luta de permanência, esse o sujeito, as vezes ele permanece no campo, mas também as vezes não quer somente trabalhar na terra, eu quero lazer! Então, tem esses desafios também. Então muitas pessoas migram saem do campo e vão pra cidade em busca de tudo isso e aí é uma desilusão também.

ALUNA PESQUISADORA: É... então, que avanços e limitações é possível destacar com relação ao processo histórico do MST frente as questões e gênero? Primeira frente as questões de gênero e em segundo frente as questões de gênero no contexto da divisão sexual do trabalho, né? O que avançou o que já foi discutido, o que não foi discutido ainda o que se pretende discutir e de que forma isso tem influenciado na forma de organização do movimento.

ENTREVISTADO (A): Repete...

ALUNA PESQUISADORA: Então, veja...é, existe o setor de gênero, né?

ENTREVISTADO (A): Então, mas faça do mesmo jeito que você fez.

ALUNA PESQUISADORA: Que avanços e limitações é possível destacar com relação ao processo histórico do MST frente as questões de gênero, gênero primeiro enquanto esse guarda-chuva maior e em segundo plano, as questões de gênero no contexto da divisão sexual do trabalho, é...esse processo histórico, né? E de que forma isso, esses avanços e essas limitações tem influenciado na organização do movimento.

ENTREVISTADO (A): Eu vou começar pelo... pelos avanços dessas questões de gênero. Quando nossa, a nossa organização surgiu em 84, criou pelo menos a sigla, é... foi se pensando logo de que para as mulheres participar foi uma imposição de certa forma das mulheres, então pra participar tinha que ter algo determinante de com relação a educação, a escola então isso foi importante e, isso já foi partindo de um avanço, né? De que dizer assim: -Essa luta também precisa de mulheres, essa luta vai sem a mulher, uma música que diz assim: A luta sem mulher vai pela metade. É como se fosse um corpo sem a parte do membro que anda manco então assim, os avanços que já vem tendo não só que o MST mais outras organizações camponesas foi o trabalhar dessa questão da paridade essa paridade daí muitas pessoas consideram equidade de gênero e aí outro trabalha essa questão da cota e aí a gente diz assim conta a gente também a gente tá bem assim, digamos, a cota pode ser importante, mas a paridade é muito mais desses 50% homens 50% mulheres e aí é uma grande construção.

ALUNA PESQUISADORA: Então, a gente parou na, na questão da ... dos avanços e das limitações, né? Do movimento no que diz respeito ao debate das questões de gênero, o debate e até as próprias vivências no contexto da discussão de gênero tanto de forma

ampla quanto no contexto da divisão sexual do trabalho, e...em que essas discussões tem influenciado na organização do movimento, né?

ENTREVISTADO (A): Ok! Então, continuando nessas questões dos avanços, é... a partir também da luta das mulheres mais específico também, se luta mesmo uma luta unitária, conjunta e aí que se deu-se, se deu processo muito importante que pra nós tem sido um dos grandes avanços a partir do ano de 2003, em tal, em todo Brasil que foi a titulação do conjunto da terra, né? Ou seja, o homem sozinho ele já não é mais o titular, né? Da terra. Antes do que isso só o homem ou talvez era o titular ou a mulher não tinha o direito, existiu, enfim, e era muito...era de uma certa forma decepção grande pras mulheres, no caso havendo uma separação e que ela a única coisa que levava talvez seja só os filhos, se tivesse não tinha mais nenhum direito, e tão vendo isso tem sido um grande avanço a titulação da terra que hoje cada um tem seu NIS de titulação sai no nome do homem e no nome da mulher e por isso tanto um quanto o outro tem o direito iguais, então, isso é um a conquista importantíssima pra, na luta pela terra, tem sido uns avanços e permanência da, inclusive das mulheres, são elas também de dizer: - Eu também tenho o mesmo direito! Então isso faz com que as mulheres assumam algumas responsabilidades, isso é um avanço também importante significativo é...dentro do, dentro dessa perspectiva da mínima transformação e da permanência da mulher, né? Não ser aquela coisa que a mulher tem desejo de buscar algumas coisas lá fora que não consegue ter, mas muitas hoje com o avanço já tem assumido algumas lideranças, ser, ser presidente de alguma associação e isso te vai fazendo que vá criando outras mulheres também vai se sentindo fortalecida de dizer que tem uma outra pessoa lá dentro partindo de dentro de uma de dentro de um coletivo, né? Que é a associação, a cooperativa tem sido também um coletivo, é...é... e daí então tem trazido isso entre homens e mulheres também, então isso é um avanço muito grande e mais agora citando alguns avanços as mulheres assentadas da reforma agrária tem conseguido projeto, um projeto que agora chama-se apoio mulher outro chama-se fomento mulher que isso também te dá um autonomia, pra elas, elas enquanto mulher ela, ela gerenciar esse recurso porque antes ela não gerenciava. É muito pouco cada um, é, mais isso traz um certo poder e autonomia principalmente nessa questão do investimento de ter esse direito, então essa são a questão dos avanços. E aí então nessa questão da outra que eu não sei, você

ALUNA PESQUISADORA: A divisão sexual do trabalho...?!

ENTREVISTADO (A): Hun...

ALUNA PESQUISADORA: Primeiro seria o com texto mais amplo de gênero, né?

ENTREVISTADO (A): Hunrun

ALUNA PESQUISADORA: ...Todas as discussões que pudesse ser feitas e depois, mais adiante na questão da divisão sexual do trabalho e de que forma isso tem influenciado, né? Houve avanços!

ENTREVISTADO (A): Hunrun

ALUNA PESQUISADORA: ...De que forma tem influenciado? Foi significativo pro movimento esses avanços em que medida? E...as limitações também, em que medida, né?

ENTREVISTADO (A): É...existe, assim por exemplo, existe, existe os avanços existe essa questão das, das limitações de... eu não sei se eu considero bem uma limitação ou tem sido de fato uma barreira que se esbarra de uma certa forma porque o conjunto que eu falo da formação dentro de um contexto, das, dessa questão da formação de gênero ela tem trazido uma grande responsabilidade na transformação e onde que quando se fala de gênero pra nós pra eu por exemplo eu tenho uma concepção de que seria homens, homens mulheres, mulheres, crianças eu sei que tudo isso se chama-se gênero, é... e tudo isso dentro de um contexto muito completo também nessa questão da compreensão, talvez mais acadêmica, mas também muito política e que isso tem sido uma barreira assim muito grande no campo da formação, porque como é que eu posso dizer que uma mulher ela é empoderada se muitas vezes há alguma coisa ela tá incomodada, né? Ainda, acha que tudo é natural e de que eu nasci pra isso, existe uma formação muito grande que vai além, que é uma das barreiras que eu digo e essas barreiras precisam ser rompidas e quando eu falo dentro de uma concepção da formação religiosa num é qualquer cultura que a gente quebra que a formação religiosa ela forma muito pra essa questão da submissão, essa coisa de, de,de, é...ah... eu tenho que está sempre, é...é...como é que eu posso dizer, subserviente a alguma coisa a alguém servindo ao senhor por exemplo o marido ou a alguém mais ou menos assim do sexo masculino. Existe uma formação assim muito grande religiosa e aí além do mais existe alguns fundamentos religiosos ainda, esses fundamentos religiosos de certa forma atrapalha nessa questão dos avanços também, embora todas quando a gente fala de avanços vise apenas a questão econômica e a econo... a questão econômica por si só, ela não, eu digo que ela não transforma as pessoas principalmente essa questão da ideologia, então a gente precisa fazer mais um campo de formação e isso tem sido uma barreira, e quando se fala na divisão sexual do trabalho

ainda é muito comum, principalmente, principalmente com as camponesas ela ter o trabalho na roça e ainda chegar em casa fazer os trabalhos domésticos.

ALUNA PESQUISADORA: Sem colaboração?

ENTREVISTADO (A): Muitas delas não têm colaboração, algumas tem por isso que eu estou dizendo pra você ainda é, é mui...é muito a gente encontra isso muito de, de existir é por isso que a gente tem, é por isso que eu digo, existe uma formação é que eu digo que mesmo elas sabendo que, que agora se cansa, que agora trabalha, que muitas não tem essa visão, se perguntar: - Quem trabalha na sua casa? ela dizia: -É meu marido. Mas quem que varre casa, lava prato, cozinha? -Eu. - Mas quem é que trabalha? É meu marido. Então assim essa visão do trabalho ainda ta muito ligado a essa questão é...

ENTREVISTADO (A): II: Salário

ENTREVISTADO (A): Isso mesmo, da remuneração, do emprego, disso aquilo outro então, essa relação ainda é muito visível

ENTREVISTADO (A): Trabalho externo, né?

ENTREVISTADO (A): I: É... pode falar

ENTREVISTADO (A): II: Só pra dar um exemplo. Eu tenho uma sobrinha no engenho, que ele diz que quem trabalhava era o pai dela pra sustentar a casa, aí eu questionei, eu disse: - E sua mãe não trabalha não? Ela disse, sim. Eu disse: Ela lava, passa, cozinha pra você comer. Isso é trabalho, viu? Aí ela ficou assim, ela.. pra você\ê que isso tá tão....

ALUNA PESQUISADORA: Internalizado...

ENTREVISTADO (A): II: ...culturalmente internalizado que até as crianças elas vão internalizando que o trabalho é externo que o pai trabalha a mãe, não

ENTREVISTADO (A): I: Deixar ela pode fazer o que está fazendo...?! Pode, né?

ENTREVISTADO (A): II: ...né? Então a mãe não trabalha, né? Então fica invisível o trabalho da mulher dentro de casa, entendeu?

ENTREVISTADO (A): I: Eu digo assim uma coisa que eu digo assim que é muito simples porque essa questão do trabalho ela ainda re...ela ainda, é.. confundida muitas vezes, é...com, com o emprego e eu digo assim, quando essa, o trabalho doméstico ele pegou a discussão dessa questão do remuneração então alguns homens também começou a

ocupar isso aí, entendeu? Dinheiro, então vou. Por exemplo: O que, o que é um trabalho doméstico? Se eu estou fazendo a jardinagem, né? Jardinagem, por exemplo o Jardineiro, jardineira, isso é um trabalho doméstico, quem de fato está fazendo isso? Quem de fato passou a ser ocupado pelos homens? Quando de fato teve alguém que pagou. Ahh, quem é o síndico? É um trabalho doméstico dentro de casa, é um homem e que ele está sendo pago, então isso tem muito a ver ainda com essa questão da remuneração. Ah! você vai sair lá fora? Você vai fazer o quê? Era muito comum eu quando era menina, é... criança e até na minha idade jovem de eu ver muitas meninas do interior de chegar e dizer assim: - Eu vou trabalhar de empregada. Empregada qualquer uma pessoa é uma pessoa que pode se empregar numa empresa, pode se empregar numa fazenda, pode se empregar numa, alguma, alguma...algum lugar que lhe pague, mas quando ela fala essa questão de empregada é pra trabalhar de fato de empregada doméstica então essa coisa de a palavra emprego naquele momento de que quando diz – Vou trabalhar de emprego. Estava ligado a essa questão de, do, do, da remuneração. Ao ela sair daquilo ali voltando pra casa – Você não tá trabalhando não? – Não, não tô trabalhando. Você podia fazer até menos na casa daquela patroa lá, mesmo que você seja remunerada, mas tava lavando prato, tava empregada, mas se você tiver em casa você também tá trabalhando, então, existia muito essa questão, essa relação. E hoje também voltando esse discurso de que nas nossas áreas ainda existe; não é, é...como é que eu posso dizer? Não é num, não é... não faz medo nenhum de colocar isto e logo quando eu digo isso aí tá tudo bom, tá tudo tranquilo mas se tu for lá pra dentro tu vai ver uma outra realidade.

ALUNA PESQUISADORA: Agora eu vou, o que é que você pensa, porque existe de um lado a mulher que ela almeja fazer a revolução, aí ela é rebelde no sentido de lutar contra esse sistema que, que por exemplo dá mais a uns e dá menos a outros, mas, é, essa rebeldia onde fica quando se fala das questões de casa, né? Quando se fala das questões domésticas, da relação conjugal, da relação com o outro ou a outra?

ENTREVISTADO (A):: Dizem que só os loucos ou as loucas é que fazem a diferença. Não é? E aí dizem: Quem não nasceu pra casar, nasceu pra revolução, quem não nasceu pra ter filhos nasceu pra revolução, então existe um ditado muito, muito popular que fazem isso. Mas eu acredito que seja isso, algumas coisas são mitos, não é? E é importante você acreditar que existe o mito também. Eu por exemplo eu tenho, eu bato muito nessa questão da tecla de eu não satanizar casamento, por que? Porque a visão que eu tenho de um casamento é completamente diferente dessa sociedade em que nós vivemos. Pra mim

a palavra casamento significa união e não existe união com um certo tipo de submissão que as pessoas, que alguém tem que tá abaixo de outra, bem, bem menos, né? E eu não acredito nisso; agora, por mais que a gente fale da questão dessa agregação do trabalho vale a pena sim a gente ainda dizer que tem muitas pessoas que dizem assim: - eu quero ser mãe! Se você, se é um desejo seu querer alcançar esse objetivo da maternidade, então a partir desse momento que você diz assim que é um desejo seu então você não é submissa, você não é obrigada de forma nenhuma é a mesma coisa de chegar e dizer assim: -Ah, meu sonho é ser dona de casa! Eu quero zelar pela minha casa, então, quando você faz uma pesquisa porque, pra uma pessoa você pergunta por exemplo: - Você gosta de fazer? Que na medida do possível se você gosta de fazer então aquele trabalho ele não, ele não, você não tem mais obrigação, faz pelo desejo, você faz por todo uma questão que você tá sentindo prazer. Quando o trabalho passa a ser prazeroso ele seja lá de onde, de onde você estiver, seja uma casa seja uma casa que seja construída, seja uma cozinha, seja uma, um, um lavar roupa, um passar ferro ainda é prazeroso? Tá sentindo prazer? Então você tá sentindo realizado ali dentro daquele trabalho ele deixa de ser esse trabalho por pura obrigação de você fazer para agradar alguém. Então ele deixa de ser, é... um trabalho sem submissão, então o que vale a pena assim a gente fazer esse diferencial entre o trabalho doméstico e trabalho lá fora é essa questão de fato da realização com prazer que você tem que você sente de fazer, com prazer. Por que? Por que a partir do momento que você diz, que eu me sinto importante fazendo isso eu não me sentiria nada fora, então, o problema não tá entre um trabalho privado ou um trabalho digamos lá fora até mesmo por essa própria relação com o trabalho eu você tem.

ALUNA PESQUISADORA: É...com relação a, acho que, acho que a gente já conseguiu contemplar, né? A questão dos avanços, das limitações, né?

ENTREVISTADO (A): Hunrun...certo. Pode falar

ALUNA PESQUISADORA: É...com relação aos espaços aos espaços pensados pelo setor de gênero pra problematizar. Por que a gente consegue trazer na entrevista as questões que você coloca e a sua compreensão enquanto uma pessoa que é responsável por uma dimensão da formação, né?

ENTREVISTADO (A): Hunrun

ALUNA PESQUISADORA: Mas aí, é, quais os espaços que você consegue mapear até mesmo assim pra conseguir lembrar deixar mais em destaque que de forma contínua ou

então um acontecimento que foi marcante para o movimento. Que espaços foi pensado pelo setor de gênero pra problematizar as questões referentes a divisão sexual do trabalho e até mesmo essas questões que você foi colocando aí com relação a essa mulher e aquilo que ela deseja, o que ela não quer pra ela, aquilo que...

ENTREVISTADO (A): Hunrun

ALUNA PESQUISADORA ...aquilo que ela não quer pra ela ou venha a querer. E...já teve esses espaços ou você acha que esses espaços tá por se fazer, quais deles estão? Quais deles já foram feitos e nesse contexto que metodologia foi usada nos espaços que já foram feitos? ...

ENTREVISTADO (A): Bom...

ALUNA PESQUISADORA: ... Metodologia no sentido do trabalho pedagógico, né? Por que como trabalho de formação.

ENTREVISTADO (A): Os espaços que nós temos construído pára esse debate é...são as formações e os encontros de mulheres. O MST ele tem feito muito e...assim como tem feito outras tarefas que, que os outros setores são responsáveis e nessa questão das mulheres o movimento vai, ele vai criando força é... também dentro da área de assentamento. Que antes a gente fazia e até hoje tem sido uma batalha muito grande da gente fazer outros encontros mais digamos a nível de estado, mas já fizemos muito. Quando a gente não consegue fazer a nível de estado fazemos nas regiões nove, dez grupos, doze mulheres então que vão discutir o que, isso aqui, quais são a própria metodologia que são utilizadas. Mas antes disso, quais são os espaços igual a você me perguntou, a gente tem aproveitado muito esses espaços da própria formação de fazer encontros, encontro estadual, embora os encontros estadual não tenham saído, mas, os encontros regional, encontro dentro das áreas com mulheres, reuniões, isso sempre acontece, esses são só espaços e tem sido um espaço de, de luta, de organização, de formação que é no início do ano que a gente sempre fala a jornada das mulheres que se dá em função ali da semana do 8 de março ,né? Por toda questão histórica da luta, do que foi a luta das mulheres, por, e o que veio transformar o 8 de março. Então isso tem sido uma luta um espaço de formação de, de participação das mulheres onde as mulheres participam por que acreditam também que esse tem sido o espaço de construção de emancipação, né? E quantos são as metodologias pra poder ser feito isso? As metodologias têm sido utilizadas a partir da formação, antes da formação, não sei se você

consegue entender, mas dentro desses espaços em que são constituídas muitas vezes a gente divide elas em grupos, grupos organizados através de ordem temáticas e aí veja, muitas vezes esses grupos retorna com os objetivos, né? Do que querem fazer, do que almejam, por exemplo: Ah, se vai ter uma luta agora em março, mas em dezembro a gente sempre se organiza no encontro estadual do MST e vamos traçar o que vai acontecer em março. Então essa metodologia de pensar antes, de dizer assim o que nós vamos fazer, o que nós vamos levar, o que, quais são os cartazes vamos le... vamo ver isso, então, essas são a forma metodológica

ALUNA PESQUISADORA: Existe o debate...

ENTREVISTADO (A): Existe o debate da temática todo o debate construído daí levamos pras regionais aí de uma forma metodológica quando a gente se reuni a nível de estado, as regionais por exemplo adotam uma metodologia, digamos aqui existe uma regional mata sul, mata norte, mata centro que são todas as matas, aí daí qual que é, o que determinada região assume pra aquele momento, o momento em que surge a apresentação da área, né? Aí vão surgindo algumas falas, algumas palavras de ordem, né? E aí então, essas são as formas metodológicas.

ALUNA PESQUISADORA: As mulheres que são escolarizadas e as que não são elas conseguem discutir no mesmo patamar, assim, da política, político, né?

ENTREVISTADO (A): Olha... eu tenho uma certa restrição de falar a respeito disso, mas vou te falar uma coisa com muita sinceridade. Existe pessoas e aí eu não vou louvar o analfabetismo, não, nunca foi a minha, a minha ideologia de forma nenhuma, até por que eu tenho a uma, uma, um pensamento é... e aí não são pensamento de dizer que, aprender a ler e escrever decodificar os códigos da leitura e escrita é um direito, não, não permito de que eu, de dizer , assim - ah! o país ele está da forma como está por que é por causa daquilo ou disso outro não, agora também pode crer que a luta ela forja a gente. Tem mulheres que você diz assim, ela tem um discurso e muito articulado e quando você vai olhar a história aquela pessoa as vezes muito mal sabe escrever, tem outras que tem uma formação que de fato não tem uma oratória igual aquela outra pessoa então as duas coisas elas são importantes de que aconteça, né? E ela aconteça dentro de um, de um contexto só que a, a essa leitura ela tem que ser associada a luta e a história e que uma, uma outra coisa também é lógico que as mulheres alfabetizadas que tem um nível de escolarização de qualidade é...elevado, essa pessoa que ela tenha uma facilidade melhor de poder

compreender do que aquela pessoa que é analfabeta, isso em qualquer um, qualquer um momento logo uma pessoa percebe isso, por que se eu leio eu tenho uma capacidade e fazer uma reflexão. Aquela pessoa que não ler, que não escreve e ela tem uma, uma condição de estar de fato condicionada a outra pessoa e muitas a vezes a um coisa não te oferece perspectiva de fazer uma reflexão mais aprofundada e isso acontece com qualquer uma pessoa analfabeta

ALUNA PESQUISADORA: Agora e, é...possível identificar se é mais mulheres ou se isso tá entre os homens

ENTREVISTADO (A): Também ta entre os homens também, inclusive entre os homens. Sem sombra de dúvida. Há pessoas que repetem muito o discurso dos outros, certo? Pelo discurso a gente aprende muito mas quando você faz uma pergunta que, por exemplo, eu aprendo, eu, eu, como é...eu. O processo de conscientização, de preparação ele se dá no coletivo, mas o aprendizado ele é individual, certo? É uma coisa tua que não dá pra eu dizer assim, se para eu aprendi, eu aprendi ler com meu esforço, meu e teu, mas algo que se diz assim que não é algo nem espiritual, não é nada nem é disso, to falando do aprendizado mesmo.

ALUNA PESQUISADORA: Da leitura que você faz sobre aquilo.

ENTREVISTADO (A): É...aquilo ali, aquele aprendizado é ela é individual isso aqui é importante que você tenha isso por que a condição, os conflitos dos, de ideias, ela traz uma batalha de riquezas para qualquer uma pessoa. Quem foi que disse que minha concepção tem que ser igual, a sua? De forma nenhuma, não.

ENTREVISTADO (A): II

ALUNA PESQUISADORA: Vamos a alguns dados. Você pode dizer o seu Nome opcionalmente, se você quiser diz o verdadeiro, se você não quiser você cria um nome, a localidade, a idade (se quiser também) e o tempo de escolarização (quanto tempo você estudou, até que nível você estudou).

ENTREVISTADO (A): Meu nome é Mauricéia Matias Vicente, tenho 40 anos, sou natural de Ribeirão na mata sul do estado de Pernambuco atualmente moro a quase 8 anos

aqui no agreste mais precisamente no assentamento Normandia, sou casada, tenho 3 filhos, e o que mais? (risos)

ALUNA PESQUISADORA: (risos) O número de pessoas que residem com você

ENTREVISTADO (A): Comigo são 5 pessoas

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun... é, quantas dessas pessoas trabalham e quantas dessas pessoas estudam?

ENTREVISTADO (A): Olha, ainda tem essa coisa do trabalho, essa concepção que as pessoas têm do trabalho, né? Mas aí eu acho que aqui em casa todo mundo trabalha e dos cinco, três estudam.

ALUNA PESQUISADORA: Exercendo atividade remunerada são quantas?

ENTREVISTADO (A): Ah...exercendo atividade remunerada três pessoas trabalham, que são justamente os adultos

ALUNA PESQUISADORA: Certo...

ENTREVISTADO (A):...E os outros dois não.

ALUNA PESQUISADORA: Eles estudam

ENTREVISTADO (A): Porque trabalho compreendido como um processo educativo a gente acaba dividindo (a gente vai chegar lá, eu acho) essa coisa do cuidado de casa do cuidado um com o outro, né?

ALUNA PESQUISADORA: Verdade. É...o seu tempo de escolarização?

ENTREVISTADO (A): Eu fiz pedagogia já no movimento, né? Eu fiz, é...toda minha parte de escolarização, educação infantil, fundamental e o médio não tava no movimento mas a graduação eu já fiz no movimento.

ALUNA PESQUISADORA: Então você tem até a graduação, né?

ENTREVISTADO (A): Hunrun

ALUNA PESQUISADORA: Ok...que tempo, eu acho que você já respondeu essa, quanto tempo você compõe o MST que é 8 anos, né?

ENTREVISTADO (A): Não...

ALUNA PESQUISADORA: Não?

ENTREVISTADO (A): Oito anos que eu moro aqui em Normandia. -Ai, eu entrei no movimento em que? Em 96.

ALUNA PESQUISADORA: Nossa...

ENTREVISTADO (A): É...

ALUNA PESQUISADORA: Vinte e um anos

ENTREVISTADO (A): Já, né?

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A): São momentos incalculáveis (risos)

ALUNA PESQUISADORA: Vinte e um anos é o tempo dessa ocupação, né?

ENTREVISTADO (A): Não...Vinte...vai fazer vinte dois anos agora dia 1º de maio.

ALUNA PESQUISADORA: Nossa! É quase o tempo

ENTREVISTADO (A): É...é quase a mesma coisa

ALUNA PESQUISADORA: O que o MST significa pra você?

ENTREVISTADO (A): Rapaz...vida. O MST significa vida pra mim. Uma vida bem em movimento, não uma vida sedentária. Uma vida de possibilidades, de tentar assim você se entender nesse mundo, né? Nessa sociedade e também intervir nela. A partir do momento que você tem essa compreensão você acaba fazendo essa intervenção, não como não fazer, né?

ALUNA PESQUISADORA: É...do que você pode resumir ,né?

ENTREVISTADO (A): Hun..

ALUNA PESQUISADORA: O que é que você tem aprendido no movimento?

ENTREVISTADO (A): Tanta coisa, né?

ALUNA PESQUISADORA: Aquilo que se destaca, que dá pra dizer assim - O movimento me ensinou isso pra vida!

ENTREVISTADO (A): Eu acho que o movimento me ensinou a viver mesmo, porque a gente fala o ser humano nasceu, o ser humano cresceu, né? Mas essa coisa de se manter vivo, mas, se manter vivo com inúmeras possibilidades. A gente acaba dizendo que a gente acaba interferindo em várias, nos vários níveis de formação da pessoa humana, né? Então o movimento me ensinou inclusive a falar em público, uma das coisas mais simples, né? Porque isso não é um exercício que a nossa sociedade prepara, a escola não prepara você pra dizer o que pensa, a formular questões, a formular questões inclusive de intervenção e o movimento isso tem na educação muito forte, né? Não só se restringindo a escolaridade, mas, se restringindo ao ponto, né? de educação maior que faz com que você pense que você faça intervenções, que você vá tentando se achar. Então acho que o movimento é...um movimento nesse sentido plural pensando o ser humano com sua totalidade.

ALUNA PESQUISADORA: Engraçado que a Cleide diz a mesma coisa, ela diz que o movimento pra ela é tudo.

ENTREVISTADO (A): É, e sim tem uma coisa boa, assim, eu acho que os princípios norteadores dessa organização independentes porque somos pessoas, seres humanos e seres humanos fruto de uma sociedade capitalista é muito estranho isso, então em algum momento a gente possa se contradizer inclusive entre nós coordenação, liderança ou acampado assentado seja até em que nível a gente se coloca, mas não é aquela coisa cega não, é uma coisa que eu acho que a gente questiona mesmo, eu não tô, se eu aprendi que com o movimento, que eu posso falar por exemplo o que eu penso, então, do que vai ser dito em algum momento, né?

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun...

ENTREVISTADO (A): É claro que tem muitas formas de dizer não, tem muitas formas de dizer sim a gora tem uma forma eu acho mais de salutar

ALUNA PESQUISADORA: Verdade...Descreva a sua rotina, é...desde a hora que você acorda(risos), seja ela calma ou estressante seja ela o que for até a hora que você vai dormir.

ENTREVISTADO (A): É muito difícil a gente dizer que tem uma rotina

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun

ENTREVISTADO (A): Um cotidiano bem preciso todos os dias. Eu sei que acordo eu sei que durmo (risos)

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A): mas o que acontece nesse intervalo entre eu dormir e eu acordar, tipo, hoje eu dormindo, eu tô com um problema muito estranho, eu tenho muita insônia, ultimamente eu tenho tido reações contrárias, muita sonolência isso tem acabado comigo assim, né?

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun

ENTREVISTADO (A): Porque a gente acaba ficando muito ativo, mas, normalmente, normalmente em dias mais calmos e acordo vinte pras cinco eu vou pra minha caminhada vou me divertir pra...eu me divirto pra caramba nessa caminhada com Dona Gracinha com o pessoal que vai e a gente conversa sobre tudo, então digamos que até seis horas eu tô em casa então já tomo banho e já vou em organizando e acordando os meninos pra ir pra escola, quer dizer os meninos menores porque o restante já tem acordado, quase sempre já tem acordado. Mas aí ajudo a organizar o café e vou cuidado pra que os horários, né?

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun

ENTREVISTADO (A):...A gente não se perca. E aí depende do dia do que vou fazer, ou tô no centro de formação

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun

ENTREVISTADO (A): Daí vou contribuir com a formação, vou contribuir com a limpeza, enfim.

ALUNA PESQUISADORA: A sua atividade é no movimento, a sua atividade de trabalho?

ENTREVISTADO (A): Sim. Aí eu tô na agroindústria, ou tem uma atividade aqui...

ALUNA PESQUISADORA: Mas remunerada, Mauricéia? Essa atividade que você exerce lá.

ENTREVISTADO (A): Bom, no centro de formação tem uma dinâmica que é o seguinte, cada assentado pode contribuir e quando é convocado também, é...re.. remunerado o

movimento acabou cedendo. Eu vou fazer parte da casa da juventude ajudar nesse setor então eu sou remunerada por lá, então as vezes eu tenho uma atividade na diretoria de juventude e por isso que minha rotina não é algo pontual todos os dias

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun...

ENTREVISTADO (A): ...Por isso que você não me encontra em casa ou cedo ou tarde, mas minha rotina é mais ou menos isso eu vou tá ou em reunião em cidade, eu vou encaminhar alguma documentação, ou eu tô na agroindústria ou eu tô na agroindústria e venho pra o centro de formação ou se for muito importante a gente no planejamento eu fico a semana inteira sem botar o pé na agroindústria, vou por outra área e aí vai, isto é uma articulação externa e interna, então quem pauta isso? Quem pauta isso é a própria organização. De tipo, tem uma formação de coordenação então chama Joelma, então se eu achar que semana que vem eu tenho dia, mais dois, três dias pra ajudar eu pra receber um grupo ou pra dar aula então ela vai me colocar, e aí a minha direção estadual vai dizer se eu posso ir, se eu não posso ir

ALUNA PESQUISADORA: Entendo...

ENTREVISTADO (A): Assim, tem essa coisa de, é muito da dinâmica

ALUNA PESQUISADORA: Mas tem, né? Tem uma rotina, mesmo que ela não seja rotina (risos)

ENTREVISTADO (A): É...eu não sei porque isso não, mas...

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A): (risos)

ALUNA PESQUISADORA: Olhe, é...no caso, é...dentro da orga...é...a gente percebe no início da sua fala, mas eu queria que você em síntese pudesse dizer o que é trabalho pra você, o que vem a ser trabalho, né? Perto dessa concepção que você tem de trabalho e até mesmo daquilo que você vivencia sobre o que é trabalho.

ENTREVISTADO (A): Acho que trabalho de fato faz a gente permanecer vivo, um trabalho que não escravize, um trabalho que não lhe deixe tão... é claro que nessa minha rotina que eu já descrevi anteriormente tem dias que a gente se cansa mais.

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun...

ENTREVISTADO (A):...Mas tem coisa melhor do que terminar o dia e saber que você fez algo bacana, legal, então, pra mim o trabalho de fato tem princípios educativos, então as pessoas que se movimentam, a pessoa tem um trabalho (eu não tô nem, falando do trabalho remunerado) tem uma atividade que se movimenta e se sente importante, acho que o trabalho tem esse cunho de deixar as pessoas mais importantes né? Com o que faz

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun

ENTREVISTADO (A): Então eu acho que é bacana demais. Tem dias que a gente se cansa tanto e não fez muita coisa, foi sinal que o esforço do meu trabalho poderia ter sido mais qualificado, poderia ter sido mais direcionado, sei lá! Se eu tivesse usado uma estratégia melhor teria produzido, né? Algo mais bacana. Mas eu acho que o trabalho mantém o ser humano vivo, mas um trabalho que independente que seja assalariado ou não um trabalho que valorize o sujeito que está fazendo.

ALUNA PESQUISADORA: E você acha que aqui no movimento, assim, né? Você como a pessoa que participa, que conhece um pouco da realidade da realidade do movimento (conhece bastante, né?)

ENTREVISTADO (A): Hun...(risos) mais ou menos

ALUNA PESQUISADORA: ...Você pode dizer que o trabalho eu as mulheres aqui desenvolvem, elas se identificam com esse trabalho no sentido da satisfação.

ENTREVISTADO (A): Se, aí teria dois vieses, Jéssica. Teria o viés mais de quem tá na militância, porque também tem que ter essa diferenciação, porque se a gente for fazer, tratar o trabalho de forma genérica há um desnível aí, porque por exemplo, nós temos em nossa unidade mulheres que trabalham muito, mas de alguma forma acaba ficando escrava desse trabalho, uma outra concepção do tipo, uma facção, porque tem companheiras que trabalham em máquina, só que é diferente, né? Se eu for pegar a minha rotina e a dela? Eu sinto as vezes raiva no final do dia – Ai que raiva! Eu poderia ter feito melhor, tal...elas não teria outra opção quando se trata da máquina, elas acordam muito cedo e elas vão pra máquina e elas vão até muito tarde pra máquina. Se eu pegar as mulheres da militância do movimento e é muito ruim isso que eu vou fazer, porque eu vou fazer uma fala, né? Que elas não tão nem presente, mas quando a gente se reúne, avalia e planeja então a gente acaba aprendendo muito então isso é o que eu acho que o trabalho faz, faz a gente aprender mais, então há uma satisfação quando a gente aprende

mais. Eu não cheguei no movimento falando dessa forma, eu não cheguei no movimento pensando dessa forma e sim, hoje parece mais comum quando eu paro pra conversar tipo eu tô conversando contigo – ai quanto eu aprendi, meu Deus do céu minha trajetória! Então, gera sim uma um prazer, então sim, esse trabalho que produz conhecimento vai produzir satisfação porque se produz conhecimento pra conseguir nortear uma vida, né? Nessa vida aqui. Então eu acho assim, tipo, é... eu tenho conversado com Sueli, ontem, quando ela dormiu aqui a primeira noite a gente conversava e ela tava numa atividade que eu também iria pra mata sul essa festa lá da graviola

ALUNA PESQUISADORA: Mas olha (risos)

ENTREVISTADO (A): Então eu fui convidada mas não pude ir e ela foi convidada de última hora pra ir numa reunião com a prefeita e ela – vem, Sueli! Porque é antiga conhece bem o território e essas demandas e por incrível que pareça a gente não prevê porque lá ela já foi pautar gênero

ALUNA PESQUISADORA: (risos) boa...

ENTREVISTADO (A): ...Aproveitou a oportunidade, planejou um atividade para o ano que vem, então esse conhecimento acaba te orientando, né? Naquelas coisas, então, é conquista, eu acho que sim. Acho que pra mim tem muito isso o movimento, a gente faz mil coisas, mas a gente vai ter oportunidade de se qualificar naquilo que a gente se sente mais...

ALUNA PESQUISADORA: Tem satisfação

ENTREVISTADO (A): É..

ALUNA PÉSUQISADORA: É um trabalho diferente mesmo

ENTREVISTADO (A):...Então tem que dá essa diferenciação, porque as vezes a gente tá...nós temos o núcleo de boleiras que parte dessas boleiras é... trabalham na costura e tem delas que reclamam porque dói aqui, dói ali e tal, e a gente sorri tanto quando tá ali e a gente bica mas é uma demanda de trabalho diferente eu sinto que elas gostam do que fazem eu mais provo, então eu tô ali de degustação, mas elas que gostam de fazer tem sido uma satisfação.

ALUNA PESQUISADORA: E todas...veja, você diz assim, que há satisfação em fazer e é verdade porque de fato a gente sente na fala das demais que uma coisa é tu dizer como

a pessoa que gosta, mas, quando a gente percebe que as outras estão dizendo da mesma forma é porque existe uma, uma questão de satisfação na atividade por que ela participou, a menina aqui ao lado e a Cleide participou também

ENTREVISTADO (A): Foi

ALUNA PESQUISADORA: ...Então todas elas citam aquele momento como um momento satisfatório porque elas aprenderam

ENTREVISTADO (A): É muito gostoso, né? Assim, eu me vejo, porque eu sou uma pessoa assim, inclusive eu, adoro quando eu tô em casa que estou com os meninos e boto a mesa enfeitada, mas, é diferente, elas gostam de fazer, então casa um da gente nesse trabalho inclusive (porque as boleiras não estão consolidadas), é um grupo que surgiu está muito invisível, mas eu sinto que cada um ali já vai pegando a massa e não é, não, da trabalho, olha aí, dá trabalho porque pra concentrar...tem hora que falam sobre tudo e eu foco, volta, volta aqui que a gente precisa encaminhar e isso é uma loucura.

ALUNA PESQUISADORA: (risos) Olhe, você já me respondeu que realiza atividade remunerada que no caso são essas atividades que você faz no movimento pelo setor de juventude, não é isso?

ENTREVISTADO (A): Hun

ALUNA PESQUISADORA: ...E daí, é...quantas horas você acha que nessa rotina você trabalha por dia?

ENTREVISTADO (A): (risos)

ALUNA PESQUISADORA: (risos) remuneradamente

ENTREVISTADO (A): Rapaz...hoje eu tenho trabalhado menos (risos) o normal seria responder – oito horas!

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A): Mas eu acho que quando a gente tá fazendo um trabalho que dá essa satisfação, que dá um link de dizer o tamanho da responsabilidade que a gente tem a e gente não vai deixar o trabalho pela metade. Então também eu não posso dizer que eu só trabalho oito horas por dia, como também tem dias que eu trabalho dez horas posso trabalhar duas ou três horas tem muito isso eu acho

ALUNA PESQUISADORA: E as atividades ocupacionais, para além das atividades que são remuneradas, considerando as remuneradas e as ocupacionais, que são as não remuneradas esse serviço que você faz em casa e assim vai, você acha que você ocupa quanto do tempo?

ENTREVISTADO (A): Isso é uma saturação, né rapaz? Porque se eu tipo, venho pra casa eu trabalho e boto todo mundo pra trabalhar

ALUNA PESQUISADORA: Bom...(risos)

ENTREVISTADO (A): Então assim, as atividades geralmente diz – isso sim merecia remuneração dobrado porque é.. é todo dia a mesma coisa e isso vai enchendo o saco, né?

ENTREVISTADO (A): Vai... (risos)

ENTREVISTADO (A): Acho que essa aí não tem uma hora X

ALUNA PESQUISADORA: Não tem não, né? Sempre que precisar

ENTREVISTADO (A):...Se quiser cruzar os braços, se quiser e pra cama dormir vai, né? Eu também tenho essa liberdade, né? Porque o corpo diz que não quer saber mais de nada

ALUNA PESQUISADORA: Veja, você estuda ainda?

ENTREVISTADO (A): Não, no momento, não. Estudo ligado a na formação...Não!

ALUNA PESQUISADORA: Na formação da militância, na formação política

ENTREVISTADO (A): Essa sim, porque o movimento tem essa dinâmica. Toda atividade que a gente vai realizar até mesmo a agroindústria tem muitos momentos, é...normalmente é todo sábado

ALUNA PESQUISADORA: Estuda a agroindústria?

ENTREVISTADO (A): Estuda

ALUNA PESQUISADORA: Que bom!

ENTREVISTADO (A): tem que estudar

ALUNA PESQUISADORA: Que interessante isso

ENTREVISTADO (A): Porque é um universo ainda desconhecido, né? A... é uma indústria...é, a gente não quer criar um perfil pra ela parecido com outras industrias, né? A gente quer que o fruto da nossa luta tenha mais, a gente estuda e milita, muito doido

ALUNA PESQUISADORA: Todos participam?

ENTREVISTADO (A): Todos. Todo tem que participar. Normalmente é todo sábado de manhã, só que aí as vezes culmina de ter uma demanda maior então cancela.

ALUNA PESQUISADORA: O vento aqui é tão assustador, né?

ENTREVISTADO (A): A noite você precisa ver, ver e ouvir

ALUNA PESQUISADORA: Eu tava aqui na porta e o redemoinho. Lá perto de casa tem redemoinho, mas dessa forma é assustador

ENTREVISTADO (A):: E isso daqui a pouco vai ficar pior

ALUNA PESQUISADORA: Mas lá em casa também é assim, porque lá sempre tem muita ventania

ENTREVISTADO (A): Mas, sempre tem, em todo os setores, em todos os setores do movimento, em todas as atividades, vai ter momentos talvez não toda semana pra alguns, a cada quinze dias, vai também de acordo com demanda todos tem que ir ali estudar

ALUNA PESQUISADORA: E isso é muito bom, né? A relação entre trabalho e formação. É...deixa ver...Quem realiza as atividades domésticas em sua casa e quais tipos de atividade realiza?

ENTREVISTADO (A): Todos cinco, todos cinco. Desde lavar banheiro, prato, vai ter o que...vão fazer mais porque tipo se tá em casa então vai ter que se virar mais. Isso não significa, por exemplo, numa faxina geral, aí sim eu acho que eu sou chata com isso, eu gosto das coisinhas mais organizada e tal, tal

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun

ENTREVISTADO (A): Eles vão fazer também dentro do universo do que eles compreendem de como tá organizado

ALUNA PESQUISADORA: Organizado...Organização, né?

ENTREVISTADO (A): E todo fazem, lavar roupa, por exemplo, é claro que tem uma máquina, mas as vezes quando o nível da água tá muito baixo, então, tem que lavar roupa porque senão vai ficar sem roupa, né? É claro que eu acho que oriento quando eu tô em casa, quando Edilson tá em casa, quando o mais velho tá em casa, então vai ter que norteando os mais novos, mas mesmo assim todos fazem, comida, prato, casa...

ALUNA PESQUISADORA: Assume tudo, né? Juntos. É...pra além das atividades do movimento, das atividades de casa, você costuma se divertir sair, viajar, ter lazer?

ENTREVISTADO (A): Não é sempre, porque assim também a gente tem que entender qual é o lazer que o outro gosta, né? Que, que é lazer também pro outro...

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun...

ENTREVISTADO (A): Quando fala em lazer parece que fala

ALUNA PESQUISADORA: Já separa, né?

ENTREVISTADO (A): E a gente as vezes se diverte de uma outra forma, mas no meu caso eu tenho até o meu menino mais novo que eu fui pra Goiás e isso aqui não foi especificamente lazer, aí depois Edilson viajou pra São Paulo, aí depois o outro viajou, aí ele foi e disse assim – Ihh, não tô gostando disso...painho já saiu, a senhora já saiu, Nito já saiu agora tá chegando a vez da gente sair (risos)

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A): Mas a gente sai, a gente sai junto, é mais difícil a gente sair todo mundo junto de verdade é muito difícil, porque a gente tem uma atividade muito distinta, muito geral ao mesmo tempo, mas a gente se diverte, eu me divirto. Me divirto as vezes quando eu tô sentada com minhas companheiras, quando a gente sai pra uma festinha, nem sempre eles me acompanham, porque eles estão numa fase, num querer ir pras festinha de menino pequeno, eu adoro essas festas

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A):...Então a gente acaba se divertindo, mas nem sempre muito junto

ALUNA PESQUISADORA: Você acha que uma mulher exemplar é aquela capaz de assumir a rotina...

ENTREVISTADO (A): (risos)

ALUNA PESQUISADORA: ...Sem sobrecarregar o seu companheiro? Olha a questão...(risos)

ENTREVISTADO (A): Eu não sei de direito, eu agora parei pra pensar o que é uma mulher exemplar, porque não um homem exemplar? Porque depende muito dessas coisas que pautam pra gente, se eu fosse olhar pela educação dos meus pais eu nem saia de casa, minha mãe até hoje, minha vó faleceu recente, a mãe da minha mãe, a outra já é a mais tempo, então pra elas talvez uma mulher exemplar era ficar dentro de casa, ela não.... – você não cuida dos seus filhos! Você não para em casa! Então eu acho que no conceito dela eu não seria uma mulher exemplar não

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A): ..Porque eu não taria todos os dias, eu não seria. Pra mim, a mulher exemplar, tu em pegou agora!

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A): Sei lá...Eu acho que (gargalhadas)

ALUNA PESQUISADORA: Você acha que consegue nessa rotina você consegue ser exemplar?

ENTREVISTADO (A): É difícil a gente responder essa pergunta, não é não?

ALUNA PESQUISADORA: É verdade!

ENTREVISTADO (A): Porque costuma dizer que o outro percebe mais do que a gente, a gente corre um risco muito grande inclusive de ser autossuficiente, mas eu não em acho um péssimo exemplo não, eu acho até assim que meus filhos até se orgulham se mim em algumas coisas que eu faço, que falo, atitudes que eu faço, eu acho que eles se orgulham de mim. Se eu fosse olhar pelas luzinhas que acende porque a gente percebe, né? Eu acho que sou sim, não sou assim dez, mas eu acho que sou um bom exemplo.

ALUNA PESQUISADORA: Bem, mas você diz que existe a distribuição de tarefas, não é?

ENTREVISTADO (A): Existe!

ALUNA PESQUISADORA: ...Diz assim – Todo mundo aqui em casa trabalha, ninguém sobrecarrega ninguém, mas aí, é...você acha...dentro dessa concepção, né? Porque você

já entende que todo mundo tem que trabalhar, mas dentro dessa concepção, se você conseguisse dar conta de tudo, você acha que você seria exemplar nesse sentido?

ENTREVISTADO (A): Não, seria escrava.

ALUNA PESQUISADORA: (Gargalhadas)

ENTREVISTADO (A): seria escrava!!!

ALUNA PESQUISADORA: (Gargalhadas)

ENTREVISTADO (A): Primeiro, a única mulher dessa casa, imagina o que ia sobrar pra mim, aliás, não ia ser nada pra ninguém ia ser tudo pra mim. Han?

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun

ENTREVISTADO (A): Deus me livre, até porque eu adoro minha casa

ALUNA PESQUISADORA: Não, porque tem mulheres que acha, né?

ENTREVISTADO (A): Tá doido...não, não, não consigo. Eu tenho uma irmã entre tantas que nós somos em dez, agora somos em nove (oito), duas faleceu e ela diz assim –Ai, tu não consegue ver ninguém parado! tu explora meu Deus! Mas meu Deus do céu...Ai ela se queixa porque os filho dela, dela são 3 um é muito pequeno, não tem iniciativa não ajuda não tem essa dinâmica então, eu tenho orgulho, eu não sei se essa coisa do exemplo é múltipla aqui, então, nenhum dos meus filhos...as vezes eu chego braba – Ai meus deus! Porque se distraiu na televisão, porque no sei o que – Eita mãezinha! Correu, né? Ai foi simbora pra lavar os pratos já tarde, já era pra ter tomado banho, esqueceu alguma coisa. Então de alguma forma também me orgulha porque quando eles me veem fazendo alguma coisa eles vão pra perto e isso desde pequeno, eles costumam ajudar

ALUNA PESQUISADORA: Aí, é porque existe uma cultura que as vezes coloca mulher na condição de por exemplo, se ela conseguiu dar conta de tudo ela se sente superada

ENTREVISTADO (A): Superada mesmo, ultrapassada! Escravizada! (risos) Não tem condição! Não tem condição!

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A): É sério, não tem, condição! Se fosse pra mim tomar conta, não, eu ia arrumar outro emprego assalariado, mas não ia

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun

ENTREVISTADO (A): Porque não tinha condições um negócio desse

ALUNA PESQUISADORA: É engraçado que tu vai falando e tudo que eu vou perguntando parece que já vem na tua fala, por que veja – o que você acha de todos colaborar com as atividades domésticas? Isso aí você já pauta (risos)

ENTREVISTADO (A): Fundamental! É essencial, lógico, educativo

ALUNA PESQUISADORA: Você diz que estuda né? Nas atividades do movimento, políticas, na, no, nas formações políticas do movimento e que já exis..e que já entende isso por formação é...então o que você acha de se, se você tivesse essa oportunidade ou até mesmo no sentido da vontade de se dedicar um pouco mais a estudar , seja mais pra formação política, seja mais pro processo de escolarização.

ENTREVISTADO (A): Inclusive ano que vem eu acho que vou ter que voltar, por que assim, tem uma área apesar que não é minha área de atuação hoje, mas que eu me importo de entrar no movimento que é a educação de jovens e adultos que eu sou apaixonada e pensei fazer especialização e por problemas assim bem pessoais, bem, era eu que não tava bem no momento então eu acabei só cheguei pela metade, isso é uma tristeza e também tem isso quando o movimento que a gente vai tem um compromisso nosso e eu sei que ali eu falhei com a organização e comigo, mas, foi importante , não foi anda que eu me arrependesse de tal forma, foi importante naquele momento tomar minha decisão , mas em estudar, ano que vem meu quero pensar em algo mais pedagógico mesmo, inclusive até mesmo porque são aprendizados que me ajudam até hoje, a agroindústria é totalmente uma área fora do ângulo.

ALUNA PESQUISADORA: Você tem o diploma de ensino superior, né?

ENTREVISTADO (A): Tenho. Totalmente novo pra mim e eu vou dizer uma coisa é, é super puxado o ritmo por outro lado é um aprendizado atrás do outro, do empacotamento, da qualidade do produto, da relação com os agricultores, então é um universo que sinceramente eu gosto do que tô fazendo, mas vai exigir de mim mais aprendizado, conhecimento de causa, então, com certeza estudar eu vou ter que voltar a estudar sim, ano que vem... fora o que a gente estuda , porque assim ó, nem sempre dentro da organização isso que a gente chama de formação que seja política não vai deixar de ser nunca pra gente de cunho político porque esse político aí que vai direcionado nossa luta

e essa é nossa luta, nossa em síntese, mas as vezes não é tão especificamente ideológica do ponto de vista de dizer – Ah eu sei as fundamentações teóricas! Não é bem assim, tipo, na agroindústria a gente passou por uma formação que ia tratar a questão da higiene pessoal, da higiene local, né? Era mais de inspeção por conta do selo da APEVISA, mas, o nosso político direcionou como seria isso dessa forma, não dava pra ser igual era um estilo pautado pela normatização da legislação brasileira, mas não deixa de ser política.

ALUNA PESQUISADORA: Outra questão, né? Porque você já respondeu a questão da formação do tempo de estudo. Você gostaria de decidir juntos o que é melhor pra todos? Ou melhor, vocês conseguem entrar em acordo e decidir o que é melhor pra todos juntos? Seja economicamente, na condição da relação com o outro...

ENTREVISTADO (A): Na minha casa?

ALUNA PESQUISADORA: Sim

ENTREVISTADO (A): É porque também não é assim, sabe, eu gosto de um planejamentozinho mais organizado, mas os quatro homens da minha vida são uma loucura, loucura! Então esse tempo. Então se agenda – hoje é dia de reunião! Não, não é bem assim, então, tem que pegar um café da manhã, que o café da manhã a gente consegue quase sempre tomar café juntos, então assim o almoço a janta...nunca! mas a gente consegue sim, não vou dizer só eu não a gente consegue, só que tem coisas assim que acho que assim como é na organização é na nossa casa, tem que ter tempo pra esperar, pra reunir, pra consultar, tem coisas que tem que ser tomada a decisão ali, tipo essa casa quando tava sendo construindo...um exemplo bem prático essa casa, de repente Edilson chegava e dizia – Minha filha, já encaminhei isso, isso e isso. Aí essa porta era bem ali, era no meio, aqui era uma janela, aqui era uma garagem, aí quando eu chego em casa – Meu Deus! Que coisa mais feia. Já me descontentei, né? – Que coisa mais feia! Todo mundo que chega vai ver, a nossa mesa lá e no jantar vai ver aporta do banheiro social, aí meu Deus do céu! Aí eu fui conversar...aí era uma agonia de fato era pra aproveitar que já tinha tirado de lá, né? E assim tinha dizer – Eita meu Deus! Aí não ia dá mais e aí deu essa loucura. Até que quando eu disse – Meu Deus! Aí vai ser aqui, bem que eu queria grudado, mas ele...então tem uma coisa boa que ele disse – Não minha fia, grudado não vai ser muito ruim é melhor um pouquinho mais pra cá que também dá essa divisória, eu digo – Meu Deus! Aí ele – Não, no, no...não bote não! Não bote não porque isso aqui é tempo já vai mexer. Aí eu saí e fiquei aí sai, quando eu voltei estava tudo aberto ali...

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A):...já tinha fechado esse lado aí eu fiquei olhando assim...aí assim, são jeitos e jeitos! Eu acho que também tem isso, não pense você que é também na imposição eu acho que a gente tem que ter cuidado com o sentimento e com a intenção do outro, então, na nossa casa principalmente, né? Porque diferente lá fora com nosso companheiro dentro de casa ainda é mais delicado. Poxa é porque ouve tanta boa intenção no cuidado com o outro, então, o jeito de falar também faz a diferença muito grande, então, penso que, é só dizer que ta feito, as vezes você vai só na argumentação e esse argumento, essa decisão não é tranquila, as vezes – Ahh, depois eu volto... então eu acho eu da pra ter. Então eu tenho isso comigo e eles me dobram muito fácil

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A): É...eu acho as vezes que é porque tem aquele jeito, carinho e tal e as vezes eu acho que é porque eles tinham razão; A gente tem que dá palmatória quando tem razão, então tem que ver essa troca, né? No final das contas assim acho eu todos nós.

ALUNA PESQUISADORA: Eu não sei muito disso não porquê...(gargalhadas) ainda falta muito pra mim

ENTREVISTADO (A): (gargalhadas)

ALUNA PESQUISADORA: Veja, como é ser mãe, trabalhar e cuidar dos afazeres domésticos. Quais são as limitações? Quais são as vantagens? Quais, aquilo que você diz assim – Nisso eu já avancei muito. Porque na rotina da gente consegue se destacar naquilo que a gente é melhor e naquilo que a gente...

ENTREVISTADO (A): Rapaz, tem coisas que a gente só para pra pensar quando a gente é indagado, quando a gente é questionado, num é?

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A): Simbora...ser mãe, trabalhar...

ALUNA PESQUISADORA: E ainda fazer as coisas de casa (como dizem) (risos)

ENTREVISTADO (A): Eu acho que não é fácil não, só que também eu acredito que não é tudo ao mesmo tempo assim, tudo! – Ah eu sou mãe, eu faço as atividades de casa e eu trabalho remunerado, tudo ao mesmo tempo. Não é bem assim não.

ALUNA PESQUISADORA: Não é linear, né?

ENTREVISTADO (A): Não, não é linear de forma alguma, parecendo essas montanhazinhas que ta aí fora da minha casa (risos)

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A): Porque vai acontecer, em algum momento você vai acabar priorizando, sei lá! – Hoje Pedrinho não ta bem, vai ficar aí, dei um cheirinho e pá. Tenho que ir na rua aí levei o outro, né? O do meio que eu fui de carona, ó, então, na data e eu fosse usar o sentimento materno eu tinha parado tudo e - vou ficar com você! Mas a gente também tem que fazer as escolhas e observações. Eu vi que ele não ta tão mal, ele não ta se sentindo bem por conta dessa enxaqueca, né? Vai ficar aí deitado. Então eu fui lá, disse a professora dele na escola e ele ficou ali. A lógica do bom exemplo...mas aí eu acho que isso aí não acontece de forma linear então a gente tem que fazer escolhas, achar o que tá estrangulando mais nesse momento.

ALUNA PESQUISADORA: Entendo...

ENTREVISTADO (A): Então é isso, acaba sendo uma limitação e nesse sentimento de afazeres também, só que isso não pode tá tão desvinculado assim eu adoro ser, eu sou muito materna. Eu acho que sou muito materna, talvez eu sofra mais por conta disso, em algum momento eu tenho que fazer algumas escolhas porque eu não sou irresponsável, eu não em acho, e aí eu preciso dizer

ALUNA PESQUISADORA: Não...mas aí tem que dizer mesmo (risos) tem que dizer o que é ...

ENTREVISTADO (A): Eu não me acho irresponsável não. Se fosse algo tranquilo eu abandonaria, sei lá qualquer coisa, mas tinha um compromisso já, mas quando não der mesmo, mas quando der... então tem hora eu você vai qualificar, vai dar mais atenção aos meninos que ta em casa, tem hora...num sei; eu acho que é um atividade triplamente física.

ALUNA PESQUISADORA: Olhe, dentro de tudo isso (trabalho, essa rotina familiar, do movimento, as diferentes ocupações que você tem) o que é que você pensa sobre esse modo de vida e... você deseja ter uma vida diferente, ou acha que o que você tem hoje é suficiente pra você? Você almejava coisas, você almeja coisas que você supostamente pelo modo de vida que você leva você não pode ter ou você – Não eu tô no caminho que eu quero! (risos)

ENTREVISTADO (A): Porque a gente nunca ta satisfeito, num sei, acho que é muito típico do ser humano, que a gente vai conversando com outras pessoas, né? Tipo...eu não era assim, então eu em contento mais com isso.

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun

ENTREVISTADO (A): É...um obstáculo mesmo, acho que a gente nunca ta satisfeito 100%, mas eu acho que eu tô no caminho, ótimo, de verdade, acho que é sem volta , é pra frente, não sei bem o que é que é porque toda mudança ela traz medo, né? Isso foram as grandes mudanças da minha vida, mas ó, o fato de tá morando num assentamento há quase oito anos é fantástico, ter construído a minha casa, faltam detalhes da ornamentação, né? Faltam detalhes terminar, mas, assim, né? Na área mais profissional eu acho que daqui pra frente mesmo é caminho, né? Eu acho que eu quero sei lá me qualificar mais na agroindústria, não sei se fico lá a muito tempo porque essa dinâmica, né?

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun

ENTREVISTADO (A): Gosto de contribuir no centro de formação. Não continuo hoje mais tanto como era 100%, então eu acho que tô caminhando, sem, sei lá! Sem essa ambição de grandes acontecimentos, mas eu acho que é por aqui.

ALUNA PESQUISADORA: Isso é muito bom...!

ENTREVISTADO (A): III

ALUNA PESQUISADORA: Só alguns dados, se você quiser dizer o seu nome, se identificar mesmo, o local onde você mora...

ENTREVISTADO (A): Meu nome é Lucicleide Maria da Silva, moro no assentamento Normandia.

ALUNA PESQUISADORA: A sua idade?

ENTREVISTADO (A): Tenho 38 anos

ALUNA EPSQUISADORA: O tempo de escolarização (se já frequentou a escola e quanto tempo)

ENTREVISTADO (A): Eu quando eu era mais nova, eu fiz, aí eu fiz só até a 4ª série, depois que eu me casei e me separei aí eu mudei de lugar e aí eu concluí em 2009.

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun, concluiu o ensino médio, né?

ENTREVISTADO (A): É...

ALUNA PESQUISADORA: É...o número de pessoas que residem aqui na sua casa?

ENTREVISTADO (A): O número que reside aqui são...seis adultos e uma criança

ALUNA PESQUISADORA: Seis adultos e uma criança. Quantas pessoas trabalham e quantas pessoas estudam? Todos trabalham, só estudam dois

ALUNA PESQUISADORA: Até as crianças trabalham no campo?

ENTREVISTADO (A): As crianças? Não...

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun. É...quanto tempo você compõe o MST?

ENTREVISTADO (A): Faz tempo, tem uns oito anos já

ALUNA PESQUISADORA: É...sobre o MST, o que é que o movimento significa pra você? Qual importância dele?

ENTREVISTADO (A): Pra gente, pra mim significa tudo, né? Por que sem o movimento a gente não teria morando nessa terra, né?

ALUNA PESQUISADORA: Você morava aqui antes do...

ENTREVISTADO (A): Morava quando era fazenda. Depois foi desapropriada, meu pai trabalhou na fazenda aí foi, foi desapropriada a fazenda também e aí ele foi indenizado e deu o nome pra ganhar terra e ganhou a terra.

ALUNA PESQUISADORA: No caso vocês moravam porque trabalhavam na fazenda?

ENTREVISTADO (A): Porque gente trabalhava na fazenda! Era muito perseguido

ALUNA PESQUISADORA: O que você pode dizer que até hoje tem aprendido com o movimento?

ENTREVISTADO (A): Ah...muitas coisas. Muitas coisas mesmo.

ALUNA PESQUISADORA: E assim, o que de mais importante, né, né? Você pode destacar

ENTREVISTADO (A): A filosofia deles, a história, né? As lutas quando a gente quer uma coisa que a gente se reúne, né? E vai fecha BR, ta entendendo? A união

ALUNA PESQUISADORA: É...Eu queria só que você pudesse fazer uma pequena descrição da sua rotina, o que é que você realiza durante o dia, desde a hora que acorda até a hora que vai dormir

ENTREVISTADO (A): A hora que eu acordo preparo o café aí tem outras atividades eu tô fazendo o pré-natal, as vezes tem reunião, eu sou vice-presidente da associação, sou catequista, faço parte do orçamento participativo e tudo isso no decorrer do dia as vezes tem reunião duas, três vez no dia e eu tenho que optar a mais necessitada, faço parte do grupo de boleiras onde tenho reunião com a nutricionista e assim...

ALUNA PESQUISADORA: Boleiras são o quê?

ENTREVISTADO (A): As boleiras de Normandia. É um grupo que fornece bolo pra prefeitura, pra merenda escolar.

ALUNA PESQUISADORA: Não tem nada a ver com a agroindústria, né?

ENTREVISTADO (A): Tem também.

ALUNA PESQUISADORA: Tem?

ENTREVISTADO (A): Tem.

ALUNA PESQUISADORA: Aí no caso todas as atividades que você realiza de trabalho é com o movimento ou você faz alguma coisa extra?

ENTREVISTADO (A): É com o movimento e também na agricultura, né? Que tem que ter um tempinho também pra cuidar dos bichos, dos animais aí tá entendendo?

ALUNA PESQUISADORA: Aí no caso todo mundo aqui tem um pedaço de terra?

ENTREVISTADO (A): São 40 famílias cada um tem 2 hectares de terra.

ALUNA PESQUISADORA: Aí isso vai pra a agro (agroindústria) ou fica em casa mesmo? Vai...a maioria vai pra agroindústria.

ENTREVISTADO (A): Vai. A maioria vai pra agroindústria.

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun. É... o que significa pra você trabalho?

ENTREVISTADO (A): Trabalho pra mim significa tudo, porque sem trabalho, né? A gente não tem nada ainda mais agora nessa seca que a gente tem que dá ração pros bichos, tem que comprar água que não tá chegando água aqui.

ALUNA PESQUISADORA: É...sua mãe estava me falando. É...você realiza alguma atividade que você ganha, remunerado, tira salário dessa atividade?

ENTREVISTADO (A): Agora mesmo eu só tô sobrevivendo do Bolsa família e do meu marido e da agricultura também ,né? A gente cria o gado...

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun

ENTREVISTADO (A):...Dá alimentação e quando ta bem gordinho a gente mata e fornece pra prefeitura pra merenda escolar.

ALUNA PESQUISADORA: Mas aí você não ta trabalhando por alguma questão pessoal que pode ser comentada...

ENTREVISTADO (A): É por causa da gestação.

ALUNA PESQUISADORA: A gestação, né?

ENTREVISTADO (A): Mas tava trabalhando na agroindústria agora dei uma parada, tenho que fazer o pré-natal exame essas coisas aí eu preferi curtir a gravidez em casa.

ALUNA PESQUISADORA: O que não quiser responder pode falar, viu? – Eu não tô afim de responder e isso fica super normal (risos)

ENTREVISTADO (A): Sei.

ALUNA PESQUISADORA: Quantas horas você trabalha e quantas horas você estuda?

ENTREVISTADO (A): Agora no momento eu não tô estudando, só quando eu for fazer faculdade.

ALUNA PESQUISADORA: Mas trabalha?

ENTREVISTADO (A): Só em casa agora.

Aluna pesquisadora: Quantas horas mais ou menos você, você acha que se ocupa?

ENTREVISTADO (A): Acho que duas horas, três, porque como tem a minha menina, a minha filha assim divide as tarefas.

ALUNA PESQUISADORA: Colaboração, né? Boa. É...quem realiza as tarefas domésticas em sua casa(aí isso você já colocou, né?) E quais tipos de atividades vocês realizam?

ENTREVISTADO (A): Nas atividades de casa?

ALUNA PESQUISADORA: É...

ENTREVISTADO (A): Varrer a casa, lavar os pratos, lavar roupa, passar pano, lavar banheiro, varrer os terreiros, que tem que tá limpo, né? Fazer faxina, essas coisas...

ALUNA PESQUISADORA: Aí no caso é você, sua mãe, minha filha e a minha e a minha prima. A minha prima tá só passando uns dias aqui, com o filho dela.

ALUNA PESQUISADORA: Pra além dessas atividades assim de casa ainda sobra tempo pra vocês se divertir, sair, viajar?

ENTREVISTADO (A): Sobra.

ALUNA PESQUISADORA: Que bom, né? (risos)

ENTREVISTADO (A): Tem que arrumar um tempo

ALUNA PESQUISADORA: Que tipo de atividade de lazer vocês fazem, né? Que tipo de diversão?

ENTREVISTADO (A): Que a gente faz? As noites culturais quando tem no centro de formação, a festividade, a festa junina, a confraternização final de ano, entendeu? As atividades na igreja que nem agora tem a festa da padroeira daqui Nossa Senhora das Graças.

ALUNA PESQUISADORA? Você é católica?!

ENTREVISTADO (A): Sou. A gente somos católicos.(risos)

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun (risos)

ENTREVISTADO (A): Você não é não?

ALUNA PESQUISADORA: Não. Nenhuma religião. É...você acha que uma mulher exemplar é aquela que é capaz de assumir a rotina da casa sem sobrecarregar o seu companheiro?

ENTREVISTADO (A): Acho, é. Ela tem que ter tempo pra tudo, né? E ela consegue.(risos)

ALUNA PESQUISADORA: (risos)

ENTREVISTADO (A):...Ter tempo pra tomar conta da casa, dos filhos do marido e ainda trabalhar fora.

ALUNA PESQUISADORA: Agora você acha que isso é necessário ou é certo?

ENTREVISTADO (A): Agora como a mulher ta independente, ne? Eu acho que é certo.
(risos)

ALUNA PESQUISADORA: (gargalhadas) É...O que você acha de todos da casa colaborar com as atividades domésticas?

ENTREVISTADO (A): Bom. É porque tem que dividir mesmo as tarefas pra não ficar sobrecarregado só pra um.

ALUNA PESQUISADORA: O que você acha de parar um pouco a sua rotina e se dedicar um pouco mais aos estudos?

ENTREVISTADO (A): Eu parar? Eu num penso não em voltar a estudar mais não, entendeu?

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun

ENTREVISTADO (A): Frequentar uma faculdade, já tenho 38 anos e a gente tem que ir pra pista andar isso tudinho pra pegar um transporte, tem essas coisas todinha.

ALUNA PESQUISADORA: Mas mesmo que houvesse essa possibilidade você iria?

ENTREVISTADO (A): Se tivesse a possibilidade eu acho que iria.

ALUNA PESQUISADORA: Você tem vontade de fazer uma faculdade?

ENTREVISTADO (A): Não tenho tanto não.

ALUNA PESQUISADORA: Em nenhuma área que te interessa?

ENTREVISTADO (A): Não, assim, o que eu, o que me interessava era... eu queria ser técnica, técnica pra trabalhar no campo

ALUNA PESQUISADORA: Técnica agrícola

ENTREVISTADO (A): Agrícola, justamente! Mas como aqui não tem, só tem fora aí...

ALUNA PESQUISADORA: Aí fica impossibilitada, né? É...vocês conseguem entrar em acordo e decidir tudo junto? Em família?

ENTREVISTADO (A): Conseguimos.

ALUNA PESQUISADORA: É difícil essa relação?

ENTREVISTADO (A): As vezes é mais a gente conseguir do que ter dificuldade, porque aí conversa tudin e aí vê possibilidade e aí todo mundo se une e decide as coisas.

ALUNA PESQUISADORA: Como é ser mãe, trabalhar e cuidar dos afazeres domésticos?

ENTREVISTADO (A): Pra mim é ser vitoriosa, né? Por poder dar de conta de tudo isso

ALUNA PESQUISADORA: Você acha que você atinge a sua meta quando você dar conta de tudo?

ENTREVISTADO (A): É...eu acho! Eu gosto! Quando eu tô parada em casa

ALUNA PESQUISADORA: Já aconteceu de não dar conta?

ENTREVISTADO (A): Um pouco! Tá entendendo?

ALUNA PESQUISADORA: Você deseja (com toda sinceridade, né?) uma vida diferente ou acha que o que você tem é suficiente pra você

ENTREVISTADO (A): Se eu desejo ter uma vida diferente? Se eu tivesse condições eu queria ter um carro, né? Porque tudo aqui é difícil pra gente se locomover e aí tivesse mais um pouquinho de dinheiro investir na agricultura, ta entendendo? Porque hoje os nossos alimentos ta tudo cheio de agrotóxico e aqui a gente tem os produtos tudo naturais, não leva agrotóxico, ta causando muita doença

ALUNA PESQUISADORA: É...isso é bem sério.

ENTREVISTADO (A): IV

ALUNA PESQUISADORA: Vamos lá? Seu nome, localidade, idade tempo de escolarização.

ENTREVISTADO (A): Joseli, tenho 37 anos, parei, estudei até a 3ª, parei na terceira série.

ALUNA PESQUISADORA: Ok! Número de pessoas que moram com você, quantas trabalham e quantas estudam.

ENTREVISTADO (A): Quatro pessoas, duas estudam e duas trabalham.

ALUNA PESQUISADORA: É...quanto tempo você compõe o movimento? O MST.

ENTREVISTADO (A): Cinco anos

ALUNA PESQUISADORA: O que o MST significa pra você?

ENTREVISTADO (A): Tudo! Porque foi por ele que eu consegui esse lugar pra morar

ALUNA PESQUISADORA: O que você tem aprendido com o movimento?

ENTREVISTADO (A): É...aprendi tudo assim, né? Sobre essa mulher que vem fazer o bolo, vi ela aprender, muita coisa ensina pra pessoa fazer, receita de bolo, receita de, de té de remédio pras pessoa ela ensinou fazer

ALUNA PESQUISADORA: A tua rotina diária, né? O que você faz desde a hora que acorda até a hora que vai dormir.

ENTREVISTADO (A): Acordo as 6 da manhã, paro meio dia pra fazer o almoço, começo de uma hora trabalho de novo, paro de 5h, 6h, café de novo e por aí vai...

ALUNA PESQUISADORA: E a costura, né?

ENTREVISTADO (A): Isso! A costura

ALUNA PESQUISADORA: A costura durante o dia todo

ENTREVISTADO (A): É...o dia todo

ALUNA PESQUISADORA: O que você entende por trabalho?

COLABORADORA: Trabalho é tudo...

ALUNA PESQUISADORA: É...você realiza alguma atividade remunerada?

ENTREVISTADO (A): Sim, é...a questão da costura

ALUNA PESQUISADORA: Quantas horas você trabalha e quantas horas você estuda?

ENTREVISTADO (A): Trabalho é 24h...estudar não estudo, não.

ALUNA PESQUISADORA: Quem realiza as atividades domésticas em sua casa?

ENTREVISTADO (A): Eu e meus dois filhos

ALUNA PESQUISADORA: Ok. Que tipo de atividade?

ENTREVISTADO (A): Assim...um final de semana vai um, um faz uma coisa, outro faz outra ou varre a casa ou lava roupa e assim vai ajudando tudin, é desse jeito

ALUNA PESQUISADORA: Você costuma se divertir, sair, viajar?

ENTREVISTADO (A): Um pouco, né? Quando dá eu viajo com minha família

ALUNA PESQUISADORA: Você acha que uma mulher exemplar é aquela capaz de assumir a rotina sem sobrecarregar seu companheiro?

ENTREVISTADO (A): Sim

ALUNA PESQUISADORA: O que você acha de todos colaborar com as atividades domésticas?

ENTREVISTADO (A): É certo, né? Os quatro ajudar.

ALUNA PESQUISADORA: O que você acha de se dedicar um pouco mais a estudar?

ENTREVISTADO (A): É bom também

ALUNA PESQUISADORA: Você gostaria, né?

COLABORADORA: Gostaria

ALUNA PESQUISADORA: Vocês conseguem entrar em acordo e decidir o que é melhor pra todos juntos?

ENTREVISTADO (A): Consegue!

ALUNA PESQUISADORA: Como é ser mãe, trabalhar e cuidar dos afazeres domésticos?

ENTREVISTADO (A): Um pouco difícil quando as crianças são pequenas, mas depois que, que, a faz de mais ruim é elas bebezinho depois que cresce, a melhor parte que eu achei foi ser mãe.

ALUNA PESQUISADORA: Você deseja uma vida diferente ou acha que isso é suficiente pra você?

ENTREVISTADO (A): Desejo mais um pouco, trabalhar menos, né?

ENTREVISTADO (A) V

ALUNA PESQUISADORA: Vamos pros dados, aí se você não quiser falar o nome verdadeiro, não precisa, não precisa a idade também. É...nome, localidade, idade e tempo de estudo.

ENTREVISTADO (A): Meu nome é Leandro Ivanildo da Silva e tenho 25 anos, moro no assentamento Normandia e eu estudei até a quarta série, que eu sei só estudei até a quarta, não estudei mais não, de lá pra cá...

ALUNA PESQUISADORA: O seu tempo de escolarização é menor do que o dela, né?

ENTREVISTADO (A): É menor do que o dela

ALUNA PESQUISADORA: É...o número de pessoas que moram aqui?

ENTREVISTADO (A): 5 adultos e uma criança.

ALUNA PESQUISADORA: Quantos trabalham e quantos estudam?

ENTREVISTADO (A): Dois estudam e tudin trabalha.

ALUNA PESQUISADORA: Hunrun. Quanto tempo você compõe o MST?

ENTREVISTADO (A): Nove mês

ALUNA PESQUISADORA: O que o MST significa pra você?

ENTREVISTADO (A): Tudo. Se não fosse o MST eu num tava pra cá.

ALUNA PESQUISADORA: No caso ela tem mais tempo de movimento do que você, né?

ENTREVISTADO (A): Tem, tem.

ALUNA PESQUISADORA: O que você aprendeu, assim, no pequeno, curto tempo de, de participação?

ENTREVISTADO (A): Aprendi muitas coisas. Eu sou agricultor também, faço tudo

ALUNA PESQUISADORA: Descreva como é sua rotina ou o que você faz desde a hora que acorda até a hora que vai dormir (risos)

ENTREVISTADO (A): Trabalhando. Desde a hora que eu acordo eu vou trabalhar

ALUNA PESQUISADORA: Primeira coisa que você faz?

ENTREVISTADO (A): Desço pra parcela...

ALUNA PESQUISADORA: Certo.

ENTREVISTADO (A): Ajudo o sogro lá em baixo

ALUNA PESQUISADORA: Você é ajudante?

ENTREVISTADO (A): Dou água ao gado, que ta seco e aí precisa e daí volto e vou pro tabalho pro serviço.

ALUNA PESQUISADORA: Você trabalha no campo e trabalha em outro local?

ALUNA PESQUISADORA: Que outro local você trabalha?

ENTREVISTADO (A): Trabalho na ordenha ali, uma estripadora de pano

ALUNA PESQUISADORA: Aí nesse caso você tem um trabalho no campo e tem um trabalho na...fora do campo, né?

ENTREVISTADO (A): Isso

ALUNA PESQUISADORA: Quando você retorna aí você vem pra casa

ENTREVISTADO (A): Só de noite. Não vim hoje porque ta mais fraco aí é isso

ALUNA PESQUISADORA: Aí quando você chega em casa o que que você faz?

ENTREVISTADO (A): Eu vou descansar um pouquin, pra pegar mais tarde.

ALUNA PESQUISADORA: Você pega a noite também, é?

ENTREVISTADO (A): Eu trabalho até de noite também

ALUNA PESQUISADORA: Eu venho almoçar, descanso um pouquinho e volto.

ENTREVISTADO (A): Entendo.

ALUNA PESQUISADORA: O que significa trabalho pra você? O que é trabalhar?

ENTREVISTADO (A): Nós tem que trabalhar, porque pra nós ter as coisas hoje, é...pra nós conseguir alguma coisa hoje, tem que conseguir, ter um serviço, porque sem um serviço nós não consegue as coisas. Como eu trabalho no campo, então tem que colaborar com o negócio do campo aí, ta seco, então tem que botar agua, ajeitar uma coisa.

ALUNA PESQUISADORA: Mas se vocês pudessem se isentar, ter só uma atividade e deixar de trabalhar no campo, seria melhor?

ENTREVISTADO (A): Seria, visse? Seria. Eu sei que é pouco tempo que eu tô aqui mai, por uma parte seria mesmo.

ALUNA PESQUISADORA: Se vocês pudessem optar entre o campo e o trabalho na indústria? O que é que vocês fariam?

ENTREVISTADO (A): Eu seria mais no campo

ALUNA PESQUISADORA: Você gosta mais de trabalhar no campo? (risos)

ENTREVISTADO (A): Adoro. É melhor.

ALUNA PESQUISADORA: Você realiza quantas atividades remuneradas?

ENTREVISTADO (A): Por dia?

ALUNA PESQUISADORA: Sim.

ENTREVISTADO (A): Você me pegou, não sei te dizer...

ALUNA PESQUISADORA: (risos) veja, no caso são atividades que vocês retiram um salário dessa atividade, qual é? A do campo vocês recebem por ela? Ou é só pra colaborar?

ENTREVISTADO (A): Nós recebe todo mês

ALUNA PESQUISADORA: Recebe da indústria também?

ENTREVISTADO (A): Recebe

ALUNA PESQUISADORA: Então são duas, dois trabalhos que vocês recebem, em dinheiro. Não é isso?

ENTREVISTADO (A): Exato.

ALUNA PESQUISADORA: Quantas horas você acha que você trabalha por dia, no total.

ENTREVISTADO (A): Acho que eu trabalho, no total...24 parece... parece que umas 24h

ALUNA PESQUISADORA: Mas você para em algum momento?

ENTREVISTADO (A): Não, não parece que não.

ALUNA PESQUISADORA: De manhã tu trabalha quantas horas?

ENTREVISTADO (A): Ele trabalha de oito a meio dia (esposa responde por ele)

ALUNA EPSQUSIADORA: De tarde?

ENTREVISTADO (A): De duas as 6

ALUNA PESQUISADORA: De noite?

ENTREVISTADO (A): Não só isso mesmo.

ALUNA PESQUISADORA: Pronto. Dez horas por dia, né?

ENTREVISTADO (A): Duas horas do lote também (esposa responde por ele)

ALUNA PESQUISADORA: Então doze horas por dia.

ALUNA PESQUISADORA: Me diz uma coisa, é...você estuda, ainda?

ENTREVISTADO (A): Não.

ALUNA PESQUISADORA: Não, né? Você realiza alguma atividade doméstica em casa ou fia mais pra ela que não tá trabalhando no momento?

ENTREVISTADO (A): Ajudo. Faço comida, lavo prato, lavo roupa. Se for possível, faço tudo.

ALUNA PESQUISADORA? Você costuma se divertir, sair, realizar alguma atividade de lazer?

ENTREVISTADO (A): Eu jogo bola

ALUNA PESQUISADORA: Joga bola, é? (risos)

ALUNA PESQUISADORA: Você acha que um homem exemplar é aquele e assume a rotina sem sobrecarregar a mulher? Você acha que isso é certo ou não? Que tem que ser de outra forma..

ENTREVISTADO (A): Eu acho que não, a mulher tem que ajudar o cabra também porque só o homem não vai dar.

ALUNA PESQUISADORA: O que você acha de todos colaborar com as atividades de casa?

ENTREVISTADO (A): É bom, todo mundo ajuda, na medida que todo mundo trabalha fica mais pouco serviço pra nós. Pro cabra brincar, se divertir ou alguma coisa, sair...

ALUNA PESQUISADORA: O que você acha de se dedicar um pouco mais estudar?

ENTREVISTADO (A): Assim, eu tenho vontade de estudar também.

ALUNA PESQUISADORA: O que você faria se fosse estudar?

ENTREVISTADO (A): Só se fosse pra estudar a noite. Eu tenho vontade de estudar a noite, que sempre eu estudava aqui. Eu tenho vontade de estudar

ALUNA PESQUISADORA: E se você chegasse a fazer um ensino superior, uma faculdade? Que curso você faria? Já pensasse?

ENTREVISTADO (A): Nunca ´pensei não, visse?

ALUNA PESQUISADORA: Vocês conseguem entrar em acordo e decidir o que é melhor pra vocês juntos ou você acha que é difícil isso?

E ENTREVISTADO (A): u acho que é melhor junto, visse?

ALUNA EPSQUISADORA: Mas consegue fazer junto ou tem dificuldades?

ENTREVISTADO (A): Tem hora que tem dificuldade

ALUNA PESQUISADORA: Veja, só. Como é trabalhar, cuidar dos filhos e dos afazeres da casa, né? Como é ajudar nessa rotina? É pesado? É comum? Dá pra dar conta?

ENTREVISTADO (A): Dá pra nós se rebolar

ALUNA PESQUISDORA: Você desejaria uma vida diferente ou acha que tá bem desse jeito?

ENTREVISTADO (A): Pra nós não ta muito bom não, se tivesse uma coisinha melhor, tivesse alguma coisa porque aqui a gente sempre precisa de carro essas coisas.

ALUNA PESQUISDORA: Aí você acha que economicamente presava melhorar?

ENTREVISTADO (A): Precisa...

Registro Imagético do campo

1- ACESSO AO CENTRO DE FORMAÇÃO DO MST EM NORMANDIA – CARUARU- PE





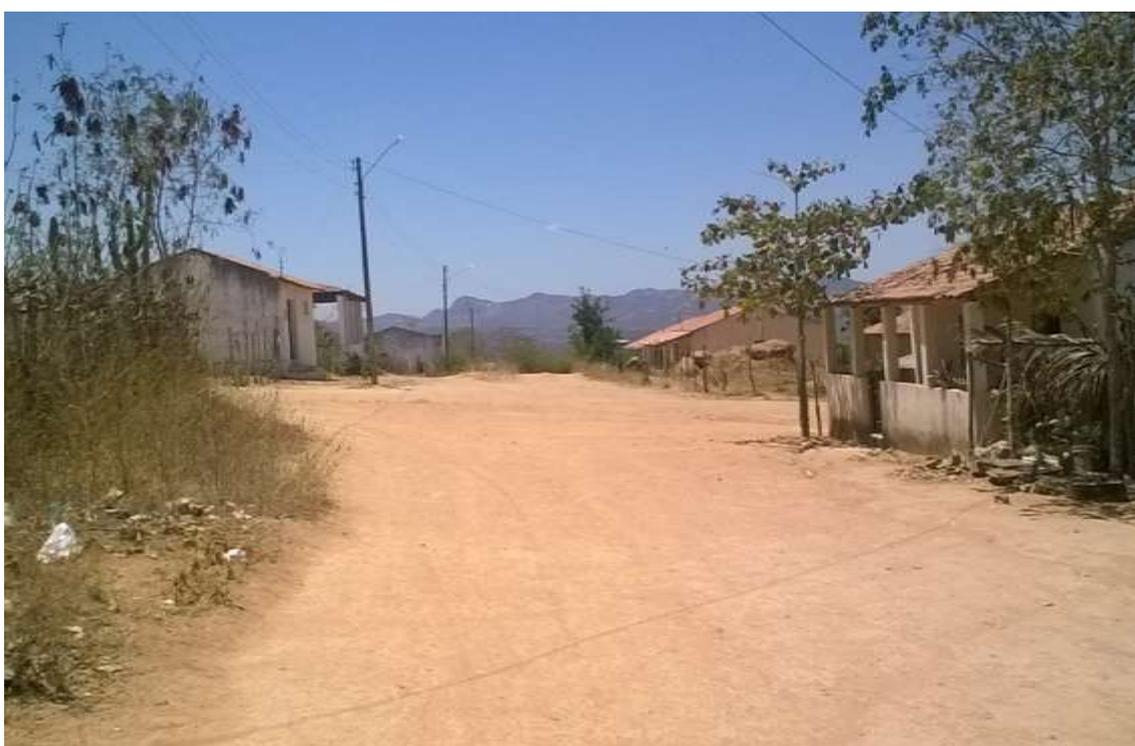
AGROINDÚSTRIA







ASSENTAMENTO EM NORMANDIA – CARUARU-PE









TRABALHO RESIDENCIAL COM PRODUÇÃO TÊXTIL EM NORMANDIA



CENTRO DE FORMAÇÃO DO MST EM NORMANDIA - CARUARU-PE

